

Família e Espiritismo

Questão 775

- Qual seria, para a sociedade, o resulta do do relaxamento dos laços de família?
- “Uma recrudescência do egoísmo”.

Kardec, A. – *O Livro dos Espíritos*. FEB.

Apresentação

A justificativa sobre a pertinência do tema “Família e Espiritismo” é desnecessária, pois é assunto aquinhoado com várias obras e capítulos na literatura espírita.

Resta avaliar se os Centros Espíritas abordam temas sobre família. A evangelização da infância e da mocidade estão interrelacionadas com a frequência da família no Centro e à estrutura de reuniões voltadas aos adultos, na maioria pais? As atividades assistenciais interagem com as famílias dos assistidos? Os frequentadores e até os colaboradores do Centro Espírita dispõem de um momento para diálogos sobre dúvidas e orientações que sejam necessários sobre as questões familiares?

A partir da assertiva que “Doutrina Espírita é universidade de redenção” (Emmanuel, Seara dos médiuns, FEB, pg. 20), os Centros Espíritas devem se preparar, paulatinamente, para atuação como eficaz escola. Para tal, os programas de suas várias áreas de atuação devem ser discutidos em conjunto e para que tenham inter-relações. Os Centros Espíritas, em síntese, devem contar com um projeto pedagógico. Sem dúvida, o Centro Espírita é agente de educação. Esta tarefa é abrangente e altamente responsável, pois entre os fins educacionais a que se propõe a Doutrina Espírita, há especificamente a finalidade de suscitar no homem a compreensão da vida espiritual.

Os estímulos para que os Centros Espíritas reflitam nas questões da família devem ser permanentes, pois, grande parte das pessoas que procuram o Espiritismo são movidas por problemas de ordem familiar. Tal tema deve permear várias atividades levadas a efeito nos Centros, rompendo-se com a compartimentalização e ações isoladas.

Agora, torna-se oportuna uma breve informação histórica sobre a origem do presente material.

Em 14 de setembro de 1980, o Conselho Deliberativo Estadual da USE aprovou a proposta da “Campanha Integração da Família”, tendo por lema — “A melhor escola ainda é o lar”. De certa forma, esta campanha reflete um aprofundamento da campanha “Evangelho no lar” e da vivência de vários Departamentos da USE. Na oportunidade, a Comissão Central da Campanha confeccionou cartaz e folheto, amplamente distribuídos pelo Estado de São Paulo e promoveu dezenas de palestras e seminários.

Essa campanha foi, em parte, reativada durante o ano de 1989 com a confecção do cartaz “Família — a primeira escola. Pais — os melhores educadores”.

Mais recentemente, a Diretoria Executiva da USE entendeu que o assunto família extrapolava Departamentos, como o de Evangelização Infantil e, não deveria mais permanecer apenas como proposta de campanha. Assim, o Departamento de Educação foi incumbido de atuar na área da família.

Esse Departamento, baseando-se numa experiência de curso sobre família, efetivada no Centro Espírita “Luz e Fraternidade”, em Araçatuba, re-discutiu e elaborou um novo programa de curso. Em princípio de 1991 foi implantado o “Curso sobre Família” na sede da USE e, na medida do possível, elementos ligados à sua equipe de expositores, desenvolveram “Seminários sobre Família”, em finais de semana, em cidades sedes de Conselhos Regionais Espíritas. Em 1992, tanto na sede da USE como em ações pelo Estado, optou-se pelos Seminários.

Os Seminários ou o Curso têm a finalidade de despertamento e orientação para temas que a Doutrina Espírita tem muito a oferecer. No dia-a-dia do Centro Espírita, deve-se propiciar condições para que os temas sobre família emergjam no atendimento fraterno (vide opúsculo “Subsídios para as Atividades Doutrinárias”), palestras e cursos, sendo o fio condutor de várias ações.

Este material deve ser entendido como subsídio para estudos, reflexões e debates. O Centro Espírita deve adequá-lo dentro de sua disponibilidade.

A essa Apresentação da edição inicial, como opúsculo do Departamento de Educação da USE, de 1992, acrescentamos que a aceitação da obra fez com que num curto prazo de tempo, a mesma fosse reapresentada em forma de livro.

A 2ª edição, atualizada e ampliada, é lançada no momento que o Conselho Federativo Nacional da Federação Espírita Brasileira discute a proposta para o lançamento em nível nacional de uma campanha sobre família.

Família deverá ser um dos grandes temas para os Centros e para o movimento espírita em geral.

São Paulo, julho de 1993.

Antonio Cesar Perri de Carvalho

Presidente da União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo

1 A Família no Centro Espírita

Paulo Roberto Pereira da Costa

Em 14 de dezembro de 1980 a USE, na reunião do Conselho Deliberativo Estadual, lançava uma campanha sobre a integração da família, à vista das orientações do Plano Espiritual, através de Batuira e Vinicius, quanto aos problemas que a família vinha passando e frente às tendências desses problemas crescerem ao longo do tempo em profundidade e complexidade. E, ainda, em decorrência das transformações que ocorrerão em nosso planeta, com a aproximação do III Milênio, com reflexos diretos no seio da família e da humanidade — a grande família terrestre.

Objetivos da campanha

A campanha objetivou reafirmar a importante função educadora e regeneradora da família, no processo da edificação moral do homem.

O “slogan” da Campanha colocava como ponto central o feliz pensamento de Emmanuel — “A melhor escola ainda é o lar”, para que a educação dos filhos fosse feita com base na Doutrina Espírita, contribuindo para a formação do caráter e da personalidade, objetivando o homem de amanhã. Ainda, segundo Emmanuel, a família — “É de todas associações existentes na Terra, excetuando-se naturalmente a humanidade, a mais importante em sua função educadora e regenerativa”.

Sabemos da importância da família bem estruturada e organizada em termos materiais, mas como espíritas, sabemos o quanto é importante para a família a necessidade de sua estrutura espiritual em base evangélica, para que o ambiente do lar esteja harmonizado e equilibrado, permitindo que cada um dos seus componentes possam refazer permanentemente suas energias espirituais.

Públicos alvos da campanha

Como se tratava de uma campanha com objetivos definidos de promover a integração da família, foram identificados vários públicos a serem atingidos, ora como meio, ora como fim, mas que se encontravam plenamente envolvidos na campanha, tais como:

- Pais espíritas e não espíritas e/ou responsáveis pela família;
- Dirigentes das Sociedades Espíritas;
- Dirigentes de Mocidades;
- Evangelizadores da infância;
- Trabalhadores da Casa Espírita, em todos os campos de ação;
- Freqüentadores da Casa Espírita;

- Público em geral.

Planejamento estratégico da campanha

A estratégia básica da Campanha teve o Centro Espirita com vínculo de maior expressão. O Centro Espirita como escola de orientação moral e espiritual, a oferecer condições para que os homens tomem contato com a Doutrina Espirita. Através do Centro Espirita a Campanha objetivou a introdução de programas de estudos sobre o tema família, cuja abordagem fosse acessível a todos, independentemente da idade.

A Campanha veio se associar a outras duas campanhas, também lançadas pela USE, totalmente interligadas, ou sejam:

A Campanha “Comece pelo Começo” — com o estudo das obras de Kardec, para que os pais tivessem melhores condições de educar seus filhos de acordo com os pressupostos da Doutrina Espirita e para melhor interpretação da realidade do espírito e sobretudo com o fim de contribuir para a reforma íntima de cada um. Novamente, baseamo-nos em Emmanuel, que nos afirma — “A escola instrui enquanto os pais educam”, o que reforça o “slogan” da campanha — “A melhor escola ainda é o lar”.

A outra Campanha — “Evangelho no lar”, fundamentada no Evangelho de Jesus, que é revivido pela Doutrina Espirita em Espírito e Verdade.

Temário da campanha

Temário amplo, com inúmeros assuntos, análises de problemas e necessidades que poderiam constituir motivos de preocupação à família: o tédio no lar, liberdade e responsabilidade, o aborto, o sexo, o diálogo na família, a micro e a macro família e seus conflitos, as dificuldades econômicas, etc.

Todos os temas foram analisados sob a ótica espírita, tendo por base as obras da Codificação Kardequiana e obras subsidiárias.

Hoje – Um balanço crítico

Após 12 anos do lançamento da Campanha “Integração da Família”, podemos concluir que muito foi realizado, mas não com a profundidade desejada. O Centro Espirita, frente a todas as dificuldades a vencer, conseguiu despertar de um modo geral o interesse pelo tema da família, promovendo encontros, palestras, seminários; mas o trabalho não está concluído — vencemos apenas uma etapa. Trabalhou-se com os pais, procurando fortalecer a educação dos filhos e o relacionamento entre pais e filhos, muito mais como trabalho no

campo da evangelização.

Mas preocupa a falta de uma abordagem mais profunda e de forma mais sistemática com os pais, o casal — homem e mulher, que é a base do lar — “Agremiação na qual dois seres se conjugam, atendendo aos vínculos de afeto, garantindo os alicerces da civilização. Através do casal, aí estabelecido, funciona o princípio da reencarnação, consoante as leis divinas, possibilitando o trabalho executivo dos mais elevados programas de ação do mundo espiritual” (Emmanuel).

A individualidade de cada um e o respeito ao livre arbítrio dos componentes da família, espíritos eternos em evolução de — OO à + OO—, com experiências e exposições em diferentes encarnações, sofrendo as conseqüências e impactos das vidas passadas, significativas e promotoras da estabilidade ou instabilidade da família e de seus membros.

O casal — homem e mulher — se harmoniza com a sua estrutura espiritual, ensaios e erros, através de encarnações sucessivas, nível sócio-eco-nômico, educacional, psicológico e, acima de tudo, a individualidade de cada um — traços de personalidade — inteligência geral — tipos de inteligência — aptidões — interesses — valores, etc — “Os quais necessitam se auto educarem moralmente, constituindo-se exemplos vivos de fraternidade autêntica dentro do lar e fora dele transmitir o fruto desta educação e vivência àqueles que formam o universo familiar” (Vinícius). E meu sentimento, ainda, que não realizamos no movimento espírita, através do Centro Espírita, os meios para ajudar o casal — homem e mulher, na orientação e condução de seus conflitos, relacionamentos, questionamentos íntimos e problemas pessoais. Trabalhou-se, até agora, no efeito, mas pouco ou quase nada se fez com relação às causas dos problemas do casal. Trabalhou-se na periferia e não no âmago da questão.

O casal espírita que com conhecimento doutrinário sabe que são espíritos imortais, milenares, conhece os princípios da reencarnação, a evolução intelecto-moral, sabe de onde viemos, porque estamos aqui, o porquê das dores e sofrimentos e para onde vamos, etc. No entanto, independentemente dos conhecimentos que já possuem e além de estar engajados no movimento espírita, com trabalhos nos mais diversos campos de atividade no Centro Espírita, não os coloca imunes aos problemas e necessidades iguais aos dos outros casais não espíritas. Evidentemente que muitos conseguem sublimar seus problemas através dos conhecimentos adquiridos na Doutrina Espírita e através da reforma íntima, mas outros, e na sua grande maioria, independentemente desses conhecimentos, não conseguem vencer as tendências do passado, ocasionando novos problemas no presente e assumindo novos compromissos para o futuro. Como nos afirma Hermínio de Miranda: “Família — instrumento de redenção individual”.

Não estamos a exigir de nós mesmos o equilíbrio que ainda não possuímos, com relação aos problemas de família?

Pergunto se o casal desestruturado espiritual e psicologicamente poderá desempenhar o

seu papel de orientador, evangelizador e responsável pela família?

Homem e mulher espíritas e casais espíritas têm buscado ajuda de profissionais não espíritas para orientação e ajuda na solução de problemas de família, e, principalmente, problemas do próprio casal, porque não encontram ajuda dentro do movimento, ou seja, no Centro Espírita.

— O que o Centro Espírita tem feito nesse sentido para orientação e o encaminhamento sistemático dos problemas de casais?

Recomendações

Aproveito para recomendar a criação de um setor no Centro Espírita, para atendimento de casais espíritas e não espíritas, a fim de orientá-los quanto aos seus problemas.

Este setor deverá estar estruturado com pessoas de profundo conhecimento doutrinário e evangélico, com conhecimento e experiência em problemas do lar, vida a dois, relacionamento de casais, conflitos interpessoais, e, se possível, com bom embasamento psicológico ou ainda assistidos por psicólogos espíritas.

É de conhecimento de todos que mais de 90% dos casos-problema que batem à porta do Centro Espírita tem como origem problemas na família. Por isso, reafirmamos a necessidade ingente e imperiosa de trabalharmos com o casal.

O casal só poderá se tomar forte, ajustado e em condições de vencer os obstáculos que a vida apresenta, se a individualidade de cada um for respeitada e se através da busca permanente dos pontos de convergência, o amálgama necessário para que juntos encontrem a solução para os pontos de divergência, com respeito e tolerância. Para que isso ocorra é necessário, na maioria das vezes, ajuda externa, no caso, o Centro Espírita.

No fortalecimento dos pontos comuns irão lentamente reforçando o equilíbrio no lar, o amor entre marido e mulher representa caminharem juntos, sem receios, mesmo nos momentos mais difíceis, que porventura tenham que passar.

Finalmente, o Centro Espírita se estruturando para atender o casal, orientando no seu reajustamento, aí sim, poderíamos dizer que a Campanha de Integração da Família estaria atingindo totalmente o seu objetivo.

(Adaptado dos Anais do 8ª Congresso Estadual de Espiritismo, USE, 1992).

2 Amor – fonte de vida

Antonio Cesar Perri de Carvalho

O amor é um tema imortal. Escreve-se, declama-se, canta-se, pinta-se e compõe-se sobre o amor.

A cultura judaico-cristã, mais recentemente analisada sob a ótica espírita, reforça o

amor como a receita para o relacionamento interpessoal ideal.

Antes de se entender o Amor Universal, abrangente e utópico, há necessidade de se sentir seus tópicos mais humanos, suas manifestações ao nível de nossa Civilização.

O inolvidável Herculano Pires comenta que: “A solidão do Ser gera a busca do outro. Esta não é uma afirmação gratuita, imaginária, mas resultante de pesquisa. Não se pode pesquisar o Amor nos livros, nos estudos teóricos a respeito, nas múltiplas opiniões dos sábios, nem apenas nas relações humanas ou nas relações do homem com os outros seres ou com as coisas. A pesquisa do amor exige o método existencial da vivência individual. Porque o ato do amor é pessoal, individual e ôntico. Brota da estrutura psíquica de uma pessoa, define-se na ação relacional de um indivíduo com outro (ser ou coisa) e tem sua causa na profundidade das exigências ônticas, nas fontes do Ser. Se quisermos compreender o Amor Divino temos de partir do amor humano”¹.

À época do taoísmo, simbolizava-se o “yin” como pólo masculino e o “yang” como pólo feminino, ambos interagindo. Para Carl Gustav Jung, há contrastes em equilíbrio, o “animus” (masculino) e “anima” (feminino).

A literatura espírita é riquíssima de informações e de ilustrações sobre a vasta área do amor. Partindo-se da obra inovadora de André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, deve-se considerar a grande realidade de que “a reencarnação é o meio, a educação divina é o fim”².

Dentro desse diapasão, não se pode olvidar que nas múltiplas situações evolutivas no trânsito re-encarnatório, o amor tem facetas muito materiais. Pode ser expresso pela atração física, pela paixão, pelo enlaçamento platônico e até pela afinidade espiritual.

Todavia, na conjugação de forças ou pólos masculinos e femininos, as manifestações sexuais — do aperto de mão à relação sexual propriamente dita —, surgem como partes integrantes da satisfação pessoal e de felicidade das criaturas. Portanto, são formas de amor. As atitudes conscientes ou inconscientes de ordem sexual e de busca do amor, acompanham o ser em todas as etapas de sua vida física. Em suas variadas expressões, são muito importantes para o equilíbrio do ser encarnado.

Pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, André Luiz destaca que “o sexo, na existência humana, pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo”, mas supera os tabus das interpretações imediatas em torno do sexo e descerra perspectivas amplas: “Entre as criaturas que se encaminham, de fato, aos montes de elevação, a união sexual é muito diferente. Traduz a permuta sublime das energias perispirituais, simbolizando alimento divino para a inteligência e para o coração e força criadora não somente de filhos carnis, mas também de obras e realizações generosas da alma para a

¹ 4. Herculano Pires, J - Pesquisa Sobre o Amor. *DICESP*

² 2. André Luiz (F.C.Xavier) — Missionários da Luz. *FEB*, Cap. 12 § 13.

vida eterna³.

Seguindo esse delineamento, Jorge Andréa dos Santos é de opinião que as forças criativas podem ser chamadas “forças sexuais da alma”⁴.

O amor como gerador e mantenedor de vida, ou seja como fonte de vida, deve ser estudado para o melhor entendimento do relacionamento interpessoal e, principalmente, do relacionamento familiar. Daí a razão de André Luiz considerar que “...o lar é conquista sublime que os homens vão realizando vagarosamente. — E templo, onde as criaturas de- vem unir-se espiritual antes que corporalmente. —

... o lar é como se fora um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A reta vertical é o sentimento feminino, envolvido nas inspirações criadoras de vida. A reta horizontal é o sentimento masculino, em marchas de realizações no campo do progresso comum. O lar é o sagrado vértice onde o homem e mulher se encontram para o entendimento indispensável⁵.

3 Namoro e noivado

Célia Maria Rey de Carvalho

Finalidade e ação espiritual

O namoro e o noivado são períodos na vida da criatura em que o rapaz e a moça, que se sentem atraídos um pelo outro, têm oportunidade de se conhecerem melhor, se adaptarem ao modo de ser de cada um e desenvolverem laços afetivos, visando construir uma união.

A psicologia, só neste século, começou a dar explicações sobre as simpatias e antipatias existentes entre duas pessoas, como por ex: apaixonar-se por pessoa parecida com familiar muito querido (física ou psicologicamente), procurar substituir a figura do pai ou da mãe, beleza física, semelhanças ou diferenças no caráter, parecida com pessoas que lhes são antipáticas, etc.

O Espiritismo acresce algo mais a esses conceitos, e, segundo •Emmanuel⁶... “existe uma programação de casamento no plano espiritual onde muitas criaturas, que se encontram, já partilharam experiências sexuais em outras vidas; muitos corações que se acumpliciaram em outras eras, hoje se encontram unidos e há intensa influência de entidades desencarnadas interessadas na união dos casais”.

³2. André Luiz (F.C.Xavier) — Missionários da Luz. *FEB*, Cap. 12 § 13.

⁴1. Andréa dos Santos, J.— Forças Sexuais da Alma. *FEB*.

⁵3. André Luiz (F.C.Xavier) — Nosso Lar. *FEB*, Cap. 20.

⁶2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo — *FEB* - Introd. e Cap. 03.

E ainda encontrarmos⁷...“há os que crêem amar perdidamente, porque não julgam senão sobre as aparências, e quando são obrigados a viver com as pessoas, não tardam a reconhecer que isso não é senão uma admiração material. Não basta estar enamorado de uma pessoa que vos agrada e a quem creais de belas qualidades; é vivendo realmente com ela que podereis apreciá-la. Quantas também não há dessas uniões que, no início, parecem não dever jamais ser simpáticas, e quando um e outro se conhecem bem e se estudam bem, acabam por se amar com um amor temo e durável, porque repousa sobre a estima!... E é o Espírito que ama não o corpo, e, quando a ilusão material se dissipa, o Espírito vê a realidade”.

Esses esclarecimentos ajudam a criatura a ter melhores condições de raciocínio, entendimento, aceitação, no planejamento de sua vida com outra pessoa.

Planejamento do que será a vida em comum – maturidade física, psicológica e espiritual

Após o período de namoro, surge o período do compromisso mais sério, já com voltas ao preparo de uma vida em comum.

Além do preparo material, casa, móveis, enxoval, aspectos legais da união, existe outro, mais importante — é o preparo psicológico, íntimo. Neste, ambos terão que se conscientizar que deixarão a dependência dos pais e passarão a gerenciar o novo lar e a própria vida; deixarão de ser noivos para se tomarem marido e mulher na constituição de uma nova família, com responsabilidades mútuas e intransferíveis.

Para melhor elucidar a importância desse preparo íntimo, André Luiz⁸ nos esclarece que muitos rapazes e moças se arrojam ao casamento com absoluta inaptidão para as grandes responsabilidades, como se estivessem impulsionados por molas invisíveis, não levando em consideração conselhos, para depois despertarem com problemas de enorme gravidade ou invadidos por enormes desilusões.

E preciso pois, se prepararem, sem se deixarem levar por resoluções impulsivas, precipitadas, verificando que assumirão deveres, que na ordem dos sentimentos, serão muito difíceis de serem cumpridos, uma vez que se acham em antagonismo com as atrações e interesses do coração. Ao mesmo tempo, entenderem que, apesar dos deveres serem diferentes na vida a dois, os direitos são iguais.

⁷3. Kardec, A. — O Livro dos Espíritos, p. 939.

⁸1. André Luiz (F.C.Xavier) — Entre a Terra e o Céu, FEB.

Hoje, os deveres dos casais na vida em comum estão muito alterados pelo impositivo da mulher trabalhar fora e pelas dificuldades impostas pela agitação da vida moderna. O que antes era função específica da mulher, hoje é dividida com o homem, na manutenção do equilíbrio doméstico.

É necessário que este aspecto seja muito bem discutido antes do casamento, a fim de que nenhum dos cônjuges fique na expectativa da execução pelo outro de seus deveres. As responsabilidades devem ser divididas.

Papel das famílias na formação do novo lar

Ao pensar em formar o novo lar, o futuro casal deve levar em consideração que não viverão completamente sozinhos, mas convivendo com ambas as famílias. Por isso, algumas perguntas devem ser analisadas com relação a atitude das famílias perante o noivado e futuro casamento: Aprovam o noivado e o futuro casamento? A família (dele ou dela) gosta de você? Você os aprecia? Você aceita a maneira de seu(sua) noivo(a) se relacionar com a família? etc...

Tudo isso não é indispensável para um bom ajustamento a dois, mas será uma vantagem. Ninguém vive só, e o fato de ter renascido em uma determinada família é sinal de compromissos espirituais para com ela. Tudo nesta vida tem uma razão de ser e é muito importante saber conviver bem com a família que se vai herdar através do casamento.

Por sua vez, os pais deverão respeitar o novo lar, ajudando somente quando solicitados.

Se este relacionamento não ficar estabelecido em clima de cordialidade, afeto, respeito, com a vinda dos filhos, muitos problemas não resolvidos poderão ser agravados.

A Doutrina Espírita, pelos esclarecimentos que fornece a respeito dos compromissos espirituais, propicia aos noivos melhores condições de contornarem problemas, situações difíceis e aproveitarem a oportunidade para aumentar os laços de afetividade e diminuir os compromissos espirituais.

Discriminações

Perante Deus, que nos criou simples e ignorantes, somos iguais através das oportunidades que nos oferece de crescimento e evolução. E através dessas oportunidades que se estabelecem as diferenças que são decorrentes do esforço individual e do exercício do livre arbítrio.

Ao se escolher o futuro companheiro(a), é necessário analisar as diferenças intelectuais, religiosas, financeiras, sociais, raciais, etc., a fim de que esses fatores não atrapalhem um relacionamento harmônico.

Tudo isso, a dois, pode ser superado pelo verdadeiro amor, mas também existem as cobranças impostas pelos familiares, sociedade, onde ainda impera o egoísmo, orgulho, vaidade, preconceito, interesses materiais, etc.

O fator religião é muito importante no estabelecimento desse equilíbrio harmônico, pois propicia oportunidades de cultivar as virtudes do coração, superando as diferenças existentes, através de uma visão mais profunda da vida e das responsabilidades de cada um dentro dela.

Controle sexual

Com o advento da pílula anticoncepcional, a maior emancipação feminina, a exigência de uma educação aprimorada a fim de que a mulher tenha maiores oportunidades de trabalho e as pressões sociais, através de jornais, rádio, televisão, revistas, para uma comunhão sexual, tem se observado um início mais precoce nos relacionamentos sexuais entre jovens.

Se o casal estiver consciente do que vem a ser a comunhão sexual do ponto de vista científico e suas implicações do ponto de vista espiritual, bem como do envolvimento emocional e da responsabilidade que tal ato encerra, terão melhores condições de decidirem, por si mesmos, se estão ou não amadurecidos para a convivência sexual, não aceitando as pressões externas para que isso ocorra⁹.

Segundo Emmanuel com relação ao sexo¹⁰... “não adianta proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas o emprego digno, com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência”.

Pelo que acabamos de expor, é grande a necessidade do casal constituir um celeiro de sentimentos elevados, a fim de aplicá-los no relacionamento a dois, no relacionamento familiar, social e na missão da maternidade e paternidade responsável. É verdade também que lhes será exigido trabalho e sacrifício, mas obterão também valiosa colheita de experiências e ensinamentos para o futuro, se compreenderem que a vida paga em amor todos aqueles que lhe recebem com amor as justas exigências para a execução dos seus objetivos essenciais¹¹.

⁹ 4. Trabalho do Grupo Espírita “Casa do Caminho” (SP) sobre Aborto — controle de natalidade, sexo pré-matrimonial e métodos anticoncepcionais,

¹⁰ 2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo — FEB - Introd. e Cap. 03.

¹¹ 2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo — FEB - Introd. e Cap. 03.

4 Casamento – visão espírita

Barcelo Angelo Cintra Maria Luzia de Almeida Rosa

Vocação para o casamento

Se observarmos os animais, veremos algumas espécies formando casais que, convivendo em uma união harmônica, exemplificam a vocação para o casamento, se assim podemos expressar em relação aos irracionais.

O desejo de uma união permanente, que proporcione um relacionamento que venha satisfazer suas necessidades emotivas e intelectuais, é natural e espontâneo no espírito. Busca assim o ser, alguém para compartilhar de suas necessidades e aspirações em sua caminhada evolutiva.

Assim, podemos dizer que o espírito traz consigo uma vocação para o casamento. Inicialmente impulsionado pelo desejo sexual, primitivamente mais voltado à procriação, depois pela necessidade de alguém para associar-se nas suas realizações, o homem e a mulher busca um(a) companheiro(a) para as suas jornadas e para o aprimoramento espiritual de ambos.

“Animal social, naturalmente monogâmico, o homem, na sua generalidade, somente se realiza quando comparte necessidades e aspirações na conjuntura elevada do lar”.

Fins essenciais do casamento

“O casamento, segundo as vistas de Deus, tem que se fundar na afeição dos seres que se unem” (O Livro dos Espíritos — 701).

A procriação | uma tarefa de todo ser vivente na terra e o sexo aproxima os casais. O ser humano encontra no casamento a maneira de disciplinar e moralizar essa procriação, marcando assim uma etapa evolutiva.

“Mas se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel” (Paulo: I. Timóteo 5:8).

Caminhando pela estrada do aprendizado, percebeu, o homem, a necessidade de cuidar de suas “crias” dando-lhes não apenas o pão material mas também condições para que adquirissem o entendimento espiritual.

O casamento não pode ser o exercício do egoísmo, de compensação emocional restrita, onde nm suga o alimento emotivo do outro. Este só terá êxito, tomando-se real, quando servir de base para o desenvolvimento de atividades e realizações em que o espírito cresça e realize o seu projeto de felicidade, que estará baseado na ampla participação, a partir do lar, na elaboração de uma sociedade mais justa e fraterna.

O entendimento do casamento começa no conhecimento do porquê da vida, continua na

concepção existencial de cada um, firma-se na luz da re-encarnação, pela qual nos reencontramos na família, atraídos pela afinidade, dentro da continuidade da vida imortal. Podemos dizer que a família é uma construção dos cônjuges que, dependendo de suas escolhas, será sobre bases firmes ou sobre a areia, assumindo um ao outro, exercitando realizações nobres no desempenho da liberdade com responsabilidade ou se perdendo em paixões que se esvaem como o vento

Mostrando que o homem é um espírito em aprendizado, entendendo seus estágios evolutivos e demonstrando que se evolui pela somatória das experiências através das reencarnações, aos espíritismo dá sentido à situação de cada um e aos acontecimentos que evoluem as famílias. Ensina também que estamos subordinados à lei de causa e efeito que o envolvimento emocional produz uma atração psíquico-magnética irresistível de modo que aqueles que se envolverem em realizações passionais, emotivas ~~e~~ ou afetivas, se ligam, se buscam, se encontram, atraídos pelo amor ou pelo ódio, carentes de compensação vibratória ou de reajustamento mental. Este entendimento faz luz sobre a problemática dos comportamentos e desajustes humanos.

O Espiritismo contribui na reforma das bases do pensamento humano mostrando-lhes novas esperanças e na solução dos problemas de relacionamento entre as pessoas.

“Os deveres assumidos, no campo do amor, ante a luz do presente, devem prevalecer, acima de quaisquer anseios inoportunos, de vez que o compromisso cria leis no coração e não se danificarão os sentimentos alheios sem resultados correspondentes na próxima vida” (Emmanuel).

E no esforço comum entre pais e filhos esclarecidos sob a luz do evangelho que a família pode resgatar o seu passado, conquistando no presente haveres para o futuro, cumprindo assim com as finalidades do casamento como peça regeneradora da humanidade.

“O instituto da família é cadinho sublime de purificação e o esquecimento dessa verdade custa-nos alto preço na vida espiritual” (Irmão X).

Programação reencarnatória

“Antes do regresso à experiência no plano físico, nosso espírito em prece roga ao senhor a concessão da luta para o trabalho de nosso próprio reajustamento” (Emmanuel).

Pedimos retomo juntamente com credores e devedores em ambiente semelhante ao que já vivemos, frente aos problemas que constituíram obstáculos à nossa caminhada evolutiva. Auxiliados por amigos espirituais que nos assistem e muitas vezes são nossos avalistas, nos credenciamos a retomar a vida física.

Programamos assim nossa reencarnação traçando um programa central de trabalho que deverá ser cumprido por nós aqui na terra, nos competindo, pela nossa dedicação, minimizar as dificuldades.

“Justo compreender que há reencamações, equivalendo a estágios de reajuste e resgate, iniciativa e continuidade, lição e sacrifício, com lutas correspondentes a ministérios e provas, dívidas e créditos, progresso e aperfeiçoamento, recuperação e missão* (Emmanuel).

Podemos assim programar o reencontro com aquele espírito com o qual nos consorciaremos para a formação de um novo lar, com todas as implicações decorrentes do nosso passado, na construção do presente, sabendo que deste dependerá nosso futuro.

“Deus lhes impõe a reencamação com o fim de fazê-los chegar a perfeição. Para uns é expiação, para outros missão” (L.E.).

Cerimônias: casamento e batizado

O Espiritismo não apresenta nenhuma forma de cerimônia porque não está afeito a demonstrações nem se prende a nenhuma apresentação de valores puramente materiais. Em todos os tempos o culto do espírito tem sido substituído pelo culto externo, com cerimônias complicadas. São apresentadas fórmulas especiais para orações e administração dos sacramentos com a finalidade de exaltar o sentimento religioso. Infelizmente ainda vemos em algumas casas espíritas, onde o conhecimento doutrinário não é valorizado, a realização de certas cerimônias tais como casamento e batizado.

A prece simples feita no reduto familiar, juntamente com as pessoas mais íntimas, buscando o **amparo** espiritual e as bênçãos divinas para a criança que nasce ou para o casal que se une pelo matrimônio, seria o procedimento mais condizente com os postulados cristãos. O desejo de prestar contas à sociedade faz com que este ato de fé, singelo e simples, seja substituído pela pompa ruidosa.

Quanto ao batismo, ainda buscam erroneamente encontrar nos evangelhos de Jesus bases para o seu uso.

O batismo é uma prática milenar e provavelmente originou-se na Grécia Antiga, com uma seita onde seus sacerdotes eram chamados bapatas porque se banhavam e usavam perfumes em atos de celebração das cerimônias; este procedimento ficou como símbolo de purificação do espírito.

Entre os hebreus era usada a circuncisão, operação decretada por Moisés por necessidade higiênica e transformada em ato de fé sob a ação dos sacerdotes.

Por sua vez, João Batista substituiu os costumes gregos e hebreus pela imersão em água das pessoas que escutassem a sua pregação e se propusessem a mudar de vida. Para João Batista, assim como para os evangelistas, o batismo significava o ingresso em um novo caminho. Dizia ele, como narra Mateus: “Eu, na verdade, vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que há de vir depois de mim é mais poderoso do que eu, e não sou digno de levar-lhes as sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo’.

E claro que esse batismo com o Espírito Santo significa a comunhão com os Espíritos Puros e batismo com fogo significa a purificação do espírito, superando os dogmas e culto exteriores.

O batismo de Jesus, por João Batista, nada mais foi do que um meio de fazer Jesus conhecido das multidões como o Filho Amado por Deus.

Portanto, o ato exterior de batizar não deve ser realizado nas Casas Espíritas porque o lema do Espiritismo não diz que a salvação está dentro desta ou daquela religião, mas sim: “Fora da caridade não há salvação*.”

Deveres dos cônjuges

A vida conjugal impõe ao homem e à mulher, uma série de obrigações que, apesar de tradicionalmente aceitas, nem sempre são cumpridas, daí as dificuldades surgidas no decorrer das relações. “Se a criatura que te compartilha transitoriamente o destino não é aquela que imaginaste e sim alguém que te impõe difícil tarefa a realizar, observa que a união de ambos não se efetuará sem fins justos e dá de ti quanto possível para que essa mesma criatura venha a ser como desejas* (Emmanuel).

Quando em sua obra Rodolfo Calligaris relata noções de psicologia e de pedagogia familiar à luz do Espiritismo, diz que vale a pena recordar os deveres de maior importância, já que o propósito é ajudar os casais a estabelecerem um relacionamento harmonioso e feliz, “cabendo aos cônjuges o governo da casa, a fixação de normas disciplinares, a respeitabilidade, administração do patrimônio familiar, apoio e proteção, criar um ambiente acolhedor e uma atmosfera de afetividade em relação a todos. Ainda, é preciso lembrar que o amor e o respeito, a paciência e a tolerância, poderão contribuir para uma manutenção condigna e fidelidade absoluta de um para com o outro*. A respeito deste assunto ainda em pauta, responde-nos Chico Xavier: “Dois corações que se entregam um ao outro, desde que se fundem nas mesmas promessas e realizações recíprocas passam a responder, de maneira profunda, aos impositivos de causa e efeito, dos quais não podem efetivamente escapar*. Pois bem, Joanna de Angelis em seus comentários relata: “Em toda união conjugal as responsabilidades são recíprocas, exigindo de cada nubente uma expressiva contribuição, a benefício do êxito de ambos. O culto dos deveres morais, a construção do lar nele se faz mediante as linhas seguras do enobrecimento dos cônjuges, objetivando o equilíbrio da prole. E somente reduzido número de pessoas, se prepara convenientemente, antes de intentar o consórcio matrimoniar.

O lar é mais importante do que a casa

Costuma-se fazer uma grande confusão entre os termos lar e casa, e geralmente dá-se um valor enorme à casa, que muitas vezes é causa que costuma influenciar na harmonia dos

cônjuges. “O lar é como se fora um ângulo reto nas linhas do plano da evolução divina. A reta vertical é o sentimento feminino, envolvido nas inspirações criadoras da vida. A reta horizontal é o sentimento masculino, em marcha de realizações no campo do progresso comum. O lar é o sagrado vértice onde o homem e a mulher se encontram para o entendimento indispensável. É templo, onde as criaturas devem unir-se espiritual antes que corporalmente*. Rodolfo Calligaris especifica que “o lar são as pessoas da família e não as paredes da casa*. Já um outro autor nos diz: “Tua casa é um lugar gerador de Paz. Dentro destas quatro paredes podes respirar o mesmo clima do ‘Alto’, dependendo de como te comportares em família. Mulher e marido são agentes da felicidade, desde quando compreendam as necessidades de servir um ao outro por Amor, entendendo mutuamente seus deveres para com a própria família, não fazendo da casa um lugar que possa gerar o vício, procurando se esforçar todos os dias, esquecendo-se dos hábitos que os colocam na dependência. O pai que esquece o bom comportamento, está convidando o filho para o desequilíbrio, a mãe que deixa passar despercebido o asseio, está convidando seus filhos para o desleixo. Sê amigo de todos dentro de casa, ouve quem queira falar, analisando o que cada um diz e responde como se fosse Jesus respondendo, tendo a paciência de ouvir e responder. E lembra-te que as palavras, como Cristo, são fontes de vida*. “Ninguém pode negar a existência do amor no fundo das multiformes uniões, mas que esse amor continua incrustado no cascalho duro e contundente do egoísmo e da ignorância, e, por isso mesmo o Espiritismo com Jesus, convida-nos ao sacrifício e à bondade, ao conhecimento e ao perdão, desvelando os horizontes largos da vida, a Nova Revelação dilatará a esperança, o estímulo à virtude e à educação em todas as inteligências amadurecidas na boa vontade, que passarão a entender nas piores situações familiares pequenos cursos regenerativos, dando-se pressa em aceitá-los com serenidade e paciência, de vez que a dor e a morte são invariavelmente os oficiais da Divina Justiça, funcionando com absoluto equilíbrio, em todas as direções, unindo ou separando alma, com vistas à prosperidade do Infinito Bem*.

Bibliografia:

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Nosso Lar. *FEB*, cap. 20.
2. Calligaris, R. — A Vida em Família. *IDE*.
3. Emmanuel (F.C.Xavier) — Nascer e Renascer. *GEEM*.
4. ' Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo. *FEB* cap. 19.
5. Espíritos Diversos (F.C.Xavier) e Herculano Pires, J. — Na Era do Espírito. *GEEM*.
6. Irmão X (F.C.Xavier) — Luz no Lar. *FEB*.
7. Joanna de Angelis (D.P.Franco) — Celeiro de Bênçãos. *LEAL*.
8. Kardec A. — O Livro dos Espíritos. *FEB*.

5 Casamento e diferenças religiosas

Paulo Sérgio Peiri de Carvalho

O espírita e o cônjuge não espírita ou na família não espírita

O aspecto religioso da família constitui-se em um dos pilares mais potentes para a sustentação do casamento, no entanto, não raro, acontecem situações em que a religião é um ponto discordante entre os cônjuges e, às vezes, entre estes e a família.

Antes de abordar o assunto, é interessante colocar algumas afirmações importantes: Emmanuel¹² afirma que “o casamento implica o regime de vivência pelo qual duas criaturas se confiam uma à outra, no campo de assistência mútua”, e... “atendendo aos vínculos do afeto, surge o lar, garantindo os alicerces da civilização”.

Kardec¹³ comenta as duas espécies de família: as famílias ligadas pelos laços espirituais e, as ligadas pelos laços corporais, demonstrando que as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos espíritos, enquanto que as segundas, se extinguem com o tempo e, muitas vezes, se dissolvem moralmente, já na existência atual.

No livro “O Consolador”, Emmanuel¹⁴ esclarece que a melhor escola ainda é o lar e que os pais espíritas cristãos não podem esquecer de seus deveres de orientação aos filhos.

A estas afirmações poderíamos acrescentar o princípio da reencarnação que a Doutrina Espírita nos oferece para facilitar o nosso entendimento sobre as dificuldades de relacionamento na nossa vida.

Com bases nestas afirmações podemos deduzir que as diferenças existentes entre os cônjuges ou entre eles e a família, no tocante à religião, é uma aresta a ser trabalhada com muito carinho, compreensão e bom senso, porque a influência religiosa dá o equilíbrio e o alicerce ao lar.

Partimos da premissa que situações como estas devem ser devidamente esclarecidas na fase pré - casamento para que não ocorram ressentimentos, e isso se faz de maneira bastante simples quando se entende que somos espíritos em diferentes graus de evolução, espiritualmente comprometidos, unidos por um vínculo afetivo e com a responsabilidade de desempenhar uma função educadora e regenerativa.

Se não houve o devido esclarecimento na fase pré-casamento e há a instalação do

¹² 2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo, FEB.

¹³ 4. Kardec. A. — O Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB.

¹⁴ 1. Emmanuel (F.C.Xavier) — O Consolador, FEB.

problema, é necessário que se defina alguns pontos importantes: a função da religião no lar e como introduzi-la.

Quando existe a divergência entre os cônjuges, o exercício do amor, da compreensão e da fé será de grande valia para despertar entre ambos a confiança e, isto pode ser realizado na convivência diária e na realização do Evangelho no lar onde se faz a prece, a leitura e o comentário evangélico, com a possibilidade de ambos externarem suas opiniões.

Na eventualidade do espírita conviver com a família não espírita, devemos partir do princípio que nem todas as pessoas nutrem os mesmos sentimentos e que, não podemos esperar que elas tenham as reações que nós esperamos que tenham. Cada ser apresenta a sua individualidade, cada um tem a sua experiência, e nestes casos, em se tratando de família, há necessidade de compreendermos que, como espíritas, não devemos estimular o proselitismo, e sim praticarmos os conceitos que a Doutrina Espírita nos oferece e, de maneira oportuna (não oportunista) esclarecermos as dúvidas com bom senso, demonstrando que o respeito mútuo também é um importante fator quando se quer conviver bem e evoluir.

Os cônjuges e o relacionamento familiar

A família, considerada a menor célula da sociedade, reflete exatamente o estado interior de seus constituintes na convivência íntima do lar. Não podemos perder de vista a função educadora e regenerativa da família que é formada, segundo Em-manuel¹⁵ por agentes diversos, reencontrando-se, comumente, afetos e desafetos, amigos e inimigos, para os ajustes e reajustes indispensáveis ante as leis do destino.

E não há maneira mais apropriada do que o bom relacionamento familiar para atingir os objetivos da família.

Estudos realizados nos Estados Unidos e Inglaterra mostram que os casais têm interesse muito maior na comunicação e diálogo, do que em viver um amor romântico. Isso significa que o companheirismo, a solidariedade, interesses comuns e participação nas atividades do outro, passaram a ser prioritários no casamento¹⁶.

Vance Packard, jornalista americano, após quatro anos de pesquisa sobre o casamento, observou sete causas básicas de sucesso matrimonial:

1. Intensa capacidade de afeto, envolvida por grande consideração pelo outro;
2. Maturidade emocional;

¹⁵ 2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo, FEB.

¹⁶ 5. Vida a Dois. Editora Trêa..

3. Habilidade em comunicar;
4. Disposição constante de se alegrar com o outro e participar de acontecimentos com ele;
5. Habilidade em lidar com tensões e diferenças, de forma construtiva;
6. Disposição e bom humor em relação ao sexo;
7. Conhecimento e aceitação dos limites do outro¹⁷.

Continua o pesquisador, “é preciso ser generoso, receptivo e afetuoso, além de tolerante para com o outro e seus limites*.

Desta maneira, quando existe o entendimento das finalidades espirituais da família, quando existe o amor no sentido mais nobre da palavra e quando há o interesse em se educar e vencer animosidades sem preconceitos de sexo, o relacionamento familiar torna-se mais fácil e, como resultado, teremos a felicidade.

Outras pessoas no lar – heranças familiares

Em muitas oportunidades, a família passa a ter a presença, no lar, de pessoas ou familiares que se constituem nas “heranças familiares”.

São situações que devem ser analisadas pelo casal, valorizando-se não somente o aspecto de sustentação financeira do lar, mas também a ligação espiritual do fato como uma oportunidade de trabalho para uns e aprendizado para outros.

Kardec¹⁸ nos fala da parentela espiritual, onde demonstra as possibilidades de termos numa mesma família espíritos que sejam estranhos uns para os outros a fim de lhes servir de prova. Quando este fato ocorre por uma agregação de familiares, torna-se importante a lembrança da necessidade do auxílio mútuo entre familiares, porque se hoje temos a condição de auxiliar, muito provavelmente tivemos semelhante ajuda em outras oportunidades.

Mais uma vez, para superarmos as dificuldades como estas, devemos compreender os objetivos da vida e da universalidade do amor, demonstrada por Jesus quando disse a sua mãe, Maria, e a João: “Mãe, eis aí teu filho. Filho, eis aí a tua mãe”.

6 Separação

Miguel Carlos Madeira

¹⁷ 5. Vida a Dois. Editora Trêa..

¹⁸ 4. Kardec. A. — O Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB.

Desajustes familiares

Após ter sido analisado o casamento, será fácil entender a separação. Casamentos problemáticos caminham céleres para a dissolução.

Todo comportamento humano pode ser examinado pelo binômio essênci/q/aparência. No casamento há o relacionamento real e o que transparece, os quais nem sempre coincidem. Casais aparentemente integrados e felizes podem estar desenvolvendo conflitos enormes, desajustes homéricos. Outros, que deixam transparecer suas divergências, talvez possuam um relacionamento profundo com ligações bastante sólidas. As vezes somos surpreendidos com anúncios de separação de casais aparentemente perfeitos.

A impressão que se causa (e não a que se quer causar) aos outros tem que ser real. Todo fingimento é desonesto. Manter aparências, demonstrar gentilezas, não divergir em público pode até ser de bom tom social, mas é atitude que seria classificada como hipócrita. É claro, que divergências maiores, tipo briga, devem ser evitadas perante os outros, mas o relacionamento deve ser o mais transparente possível, por uma questão de coerência.

O termômetro do casamento é o carinho. Diminuído o carinho na conversa, no toque, no relacionamento sexual, há prenúncio de rompimento parcial ou total. O mando, a autoridade, o exclusivismo, a superioridade excluem o carinho. Sua falta pode também ter origem em causas como a desilusão, interferência negativa de terceiros, intranquilidade financeira, doenças e em causas de grave porte como adultério, o comportamento psicótico e o desprezo uni ou bilateral.

A vida conjugal deveria ser a soma de ideais e de vontades. Uma constante expectativa de felicidade, aspirações e esperanças repartidas. A união, a composição. Vida a dois como se fossem um. Não é a renúncia e a concessão para manter a união, mas a união amorosa com alguma renúncia e concessão para evitar desajustamentos.

Influências espirituais

Sob este subtítulo devemos lembrar as influências de terceiros na estabilidade do relacionamento e aquelas próprias das almas em convívio, cujo passado espiritual é sempre muito complexo.

No primeiro caso, a influência de entidades espirituais, quer sejam amigas ou inimigas, sobre um dos cônjuges ou ambos, é notória. Quando ela é benéfica, tudo bem; há sempre espíritos simpáticos aproximando-se dos lares, com as melhores intenções de manter ou de proporcionar o equilíbrio do relacionamento interpessoal.

No entanto, a influência maléfica pode provocar desequilíbrios, tanto maiores quando maior for o grau de aceitação do sugestionamento espiritual.

Em ambos os casos a influência recai não apenas sobre o casal, mas em outros

familiares que com ele residem, determinando assim o clima ou a psicofera de todo o lar.

O passado espiritual do casal, na óptica da re-encarnação, corresponde a uma influência realmente muito importante na união de hoje. Já foi analisado, no estudo sobre o casamento, que o mesmo não configura mero encontro ou ligação acidental entre pessoas, mas parte de um processo antigo de acúmulo de experiências e amalgamação dos seres, em busca da maturação espiritual. Portanto, a chamada afinidade, a compatibilidade de gênios, a compreensão mútua, podem ser aquisições antigas que são reafirmadas no presente segmento de vida. Por outro lado, o reajuste necessário, com as inúmeras manifestações de desajustes no presente, pode ter suas raízes no passado e deverá se constituir em aquisição nova.

Quando as influências negativas predominam e encontram meio de proliferação, as conseqüências obsessivas são diversas. Os cônjuges e os demais familiares passam a viver um inferno doméstico que pode levar a qualquer caminho.

Tédio no lar

Os desajustes domésticos são seguidos ou precedidos de explosões emocionais repentinas que abalam a estrutura do lar. Mas há também o desajuste lento e silencioso. Enquanto o primeiro é agudo, o segundo é crônico.

As crises crônicas são muito difíceis de serem superadas. Elas sofrem um processo de sedimentação com o passar do tempo. Iniciam-se sabe-se lá porque e se ampliam às custas de pequeninos fatores desgastantes no dia-a-dia. Progressivamente vão minando as bases do relacionamento. Uma vez são pequenos defeitos detectados no cônjuge, sem tolerância para aceitá-los, outras vezes são decepções que a vida conjunta reserva a um ou a ambos, sem meios de adaptação a elas.

Com isso vão sendo acumuladas frustrações, queixas, desilusões. Acumuladas, armazenadas e não declaradas. Surge então a mágoa. Um casamento que transpira promessa de felicidade no seu início, pode chegar a embaraçosa situação de desencanto com o passar do tempo. É lógico que para chegar a isto haverá sempre a falta do tempero do amor. Somente o amor provoca a superação de todos os problemas.

A crise crônica é o tédio, o cansaço. Não existe prazer na vida a dois, não há motivações. Cada um continua com suas obrigações formais, com seu sentido de família, até se respeitam, mas não há mais a convivência carinhosa. A vida torna-se insípida e daí desgastante. Quem suporta? Para viver tem que encontrar outras motivações.

O tédio no lar é uma ocorrência muito triste. O reajuste tem que ser providenciado logo antes que o mal se enraíze. O passar do tempo só faz piorar.

Infidelidade conjugal

Uma das maiores causas da dissolução dos casamentos é a busca de outro parceiro para o relacionamento sexual. Pode se tratar de uma aventura-zinha, uma “amizade colorida”, uma brincadeira, mas o adultério. E adultério é coisa grave. Fere profundamente as regras do respeito e da consideração e magoa até às últimas conseqüências.

O adultério puro e simples, que é a união temporária inconsequente para a satisfação imediata, revela tendência primeva e degradação moral. Se, entretanto, há um comprometimento emocional do tipo amoroso, a situação muda de figura. Aqui é preciso levar em conta se a situação foi provocada, se o envolvimento foi facilitado ou se o relacionamento era inevitável e ocorreu com naturalidade. De qualquer forma, além dos atenuantes e dos agravantes desse envolvimento oblíquo, há o compromisso moral de se evitar casos constrangedores como tais.

Cabe neste subcapítulo a ponderação de Regis (7): “Se se encontra um novo amor... parece mais moralizante, se houver um compromissamento compulsivo, reconstruir a existência em bases de lealdade, do que permanecer no adultério”. O “compulsivo” é o obrigado pelo íntimo apesar de conseqüências adversas, é o inevitável. Não há como reverter a situação. Então, nessas delicadas ocorrências é preciso avaliar o que menos magoa, o que é mais honesto e decidir com responsabilidade.

Causas atuais e anteriores da separação

A grande causa é a falta de amor. Dizem que tudo em excesso faz mal, com exceção do amor. Sem amor não há estabilidade na união. Pode haver durante algum tempo, mas não permanece. Pode haver na aparência, mas não na essência.

Como a sociedade atual já absorveu bem a separação como um fato natural, casar perdeu muito do seu valor de compromisso. Casa-se logo, sem amadurecer a idéia do casamento e seu significado intrínseco. Esta precipitação muitas vezes gera conflitos de relacionamento que culminam com a desunião que, por sua vez, acabou se tomando uma “solução” rápida e simples. Quebra-se compromissos com uma injustificável facilidade!

As causas atuais da separação são por demais conhecidas. Mas há também as causas anteriores, muitas vezes inapreensíveis para o ser encarnado, impossíveis para o incrédulo. Para uns são transcendentais porque inexplicadas. Para outros têm a ver com distúrbios psíquicos. Na realidade são fatores fortíssimos ligados a problemas de relacionamento vividos anteriormente e que agora inspiram vingança, desprezo, ciúme, acusações e outras atitudes menos dignas.

“A Doutrina Espírita esclarece-nos, a respeito dessa seríssima questão que, não raro, espíritos inimizados em encarnações pregressas são ligados pelos laços do matrimônio para

que, nesta nova relação, mediante as vicissitudes e as lutas a serem enfrentadas lado a lado, possam vencer o ódio que os separava, reconciliem-se e tomem-se, afinal, bons amigos” (2).

Divórcio

O item 5 do capítulo XXII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* aborda o divórcio com incrível atualidade.

O divórcio é uma prática muito antiga. Ao tempo de Moisés era permitido ao marido repudiar qualquer de suas mulheres (a mulher era propriedade do marido) e lhe passar “carta de divórcio* por qualquer motivo. Já, o Mestre Jesus exigia motivo relevante, como o adultério por exemplo, para que houvesse a dissolução do casamento. Antes, o adultério da mulher era punido com a lapidação e Jesus queria evitar essa calamidade. Assim, na lei criminal, passou a permitir o divórcio em substituição à lapidação.

Tal como Jesus, também achamos que o divórcio pode ser um recurso a ser acionado para se evitar um mal maior. Pode ser uma medida contra o suicídio, homicídio, agressões e outras desgraças. Apesar de não dever ser estimulado ou facilitado, às vezes deve ser usado como recurso (não como solução). Se a Lei faculta, ativar a lei, mas é lei de exceção e não de regra.

Houve época aqui no Brasil em que o divórcio foi tema de acirrada polêmica. Uma verdadeira disputa político-religiosa. De um lado os anti-divorcistas e de outro os pró-divorcistas. Tramitou no Congresso Nacional, cheio de “lobbies*, com ampla discussão, enorme repercussão e finalmente foi aprovado. Depois, regulamentado por lei, foi colocado em prática. Passou a ser fato consumado, sem despertar mais interesse para discussões. No entanto, o seu mérito e as repercussões familiares, precisam continuar a ser enfocados. Se não em larga escala, pelo menos em grupos pequenos como este interessado em pensar a família.

Considerações finais

Como casamento não existe ao acaso, a separação não deve ser facilitada. Ninguém é obrigado a viver com quem não gosta; às vezes é preciso fazê-lo. No casamento se operam burilamentos e reconciliações.

Simonetti é muito enfático quando afirma que o desafio da convivência no casamento é “necessidade evolutiva que lembra antigo recurso para limpeza de pregos quando, por limitações tecnológicas, eles eram produzidos com uma rebarba. Colocados num grande recipiente que ficava girando durante algum tempo, os pregos atritavam-se uns com os outros e perdiam o indesejado apêndice. Além da eliminação das ‘rebarbas’ produzidas pela nossa própria inferioridade, a vida em família é, também, um ponto de referência que nos ajuda a manter o contacto com a realidade. As pessoas que vivem durante muito tempo

sozinhas enfrentam problemas neste sentido”.

Do ponto de vista reencarnatório o casamento pode expressar compromisso, reajuste. Neste caso a separação expressará desistência ou abandono. O espírito dispõe da faculdade de interromper, recusar, modificar, adiar o desempenho de compromissos assumidos. Pode não ser o melhor para ele, mas é uma decisão própria que julgou ser conveniente e assim deve ser respeitada.

Voltamos a insistir: a separação não deve ser solução simplista e precipitada. Todo relacionamento exige flexibilidade e tempo para maturar. Entretanto, bem pesados todos os fatores, com reflexão e maturidade, pode se tomar um recurso útil e necessário.

Bibliografia:

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Encontro Marcado. *FEB*, cap. 51.
2. Calligaris, R. — A Vida em Família. Araras, *IDE*.
3. Calligaris, R. — O Sermão da Montanha. Rio, *FEB*.
4. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo. *FEB*, caps. 8 a 15.
5. Kardec, A. — O Evangelho Segundo o Espiritismo. *FEB*.
6. Miranda, H.C. — A família como instrumento de redenção espiritual. In: Amorim, Deolindo. *O Espiritismo e os Problemas Humanos*. São Paulo, *U.S.E. Edit.*, cap. 11.
7. Regis, J. — Amor, Casamento & Família. Santos, *DICESP*.
8. Sayão, A.L. — Elucidações Evangélicas. *FEB*, p. 393-400.
9. Simoneti, R. — Salvação Matrimonial. *Reformador*, 108: 230-2. 1990.

7 Planejamento familiar

Oswaldo Magro Filho

Definição

A Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas — ONU com a presença de 84 países, proclamou:

“Acreditamos que o objetivo do planejamento familiar é a plenitude da vida humana, não a sua restrição e (...) os casais têm o direito humano fundamental de decidirem livre e responsavelmente quanto ao número e espaçamento de seus filhos, e o direito de obter instruções e orientações a respeito”¹⁹.

Esta liberdade de decisão, em relação à ótica da ONU, nem sempre é respeitada pelos

¹⁹ 1. Como planejar a família. São Paulo — Fundação Victor Civita.

homens de Estado. Mussolini, com a ideologia fascista, argumentava que a função reprodutora era a mais patriótica e alta função da mulher. Os chineses, por sua vez, diante de uma superpopulação, fizeram e fazem campanha ao contrário. No Brasil, as campanhas têm variado desde o apoio à natalidade em 1965-1968 à atual campanha antinatalista.²⁰

Percebe-se, neste contexto, que o planejamento familiar realizado em nosso país | fruto das limitações financeiras e sociais. Entretanto, há que se avaliar dois aspectos desta abordagem: o material e o espiritual. Do ponto de vista material, para que o casal possa optar pelo “ter” ou “não ter* filhos, deve conhecer os métodos de anticoncepção e concepção possíveis de serem realizados.

Métodos anticoncepcionais

No tocante a estes métodos, os postos de saúde estão distribuindo, gratuitamente, um opúsculo que trata sobre este assunto em linguagem fácil. Discorre-se nele desde os métodos naturais de anticoncepção, que são compostos pela tabelinha, pelo coito interrompido, pelo método da temperatura basal, pelo método do muco cervical, até os métodos artificiais que são representados pelo uso da pílula, do DIU, do diafragma, do preservativo de borracha e dos espermicidas vaginais. Há também colocações sobre métodos de esterilização, com ênfase à vasectomia e a ligadura tubária.

Anticoncepção e moralidade

Quando indagado sobre a validade das experiências anticoncepcionais em humanos, Chico Xavier²¹ respondeu que “ninguém pode deter a marcha dos anticoncepcionais na humanidade. Seria sustentar uma ilusão se fôssemos asseverar o contrário (...) Que esse uso seja proveitoso na preservação dos valores da saúde, da higiene, do equilíbrio físico e mental e da segurança e paz da humanidade”.

Joanna de Angelis²², pela mediunidade de Di- valdo P. Franco, nos coloca que “é melhor usar o anticonceptivo que abortar”. Por conseguinte, se o aborto é um obstáculo às Leis da Natureza, o uso do anticonceptivo seria um mal menor. Isso nos leva a raciocinar sobre o débito assumido pelos pais que praticam o aborto delituoso em nossa era.

Quanto à realização da esterilização cirúrgica, sabe-se que é um processo irreversível ou de difícil reversão e, por isso, a análise psicológica, além da espiritual deve ser muito bem efetuada com o cônjuge que se submeterá à intervenção. Em vista disso, foi perguntado ao

²⁰ 4. Silveira, A. Chico, de Francisco. São Paulo — CEXJ.

²¹ 7. Xavier, F.C. Entrevistas. Araras — IDE, p. 141

²² 2. Joanna de Ângelis (D.P.Franco) — Após a Tempestade. Salvador — Livraria Espírita Alvorada, p. 58-62.

Chico Xavier ²³:

“Você acha que os homens devem realizar a vasectomia?”

R. “Não é aconselhável (...) tenho notado que a vasectomia traz uma profunda tristeza ao homem, porque parece que ele lesou um patrimônio que lhe pertencia, o dom de criar...”

Embora essa resposta possa nos parecer estranha, Marta Suplicy²⁴ coloca que uma das desvantagens da vasectomia é provocar depressão quando o homem associa capacidade de reprodução com virilidade. Esta “depressão” também é passível de ocorrer com as mulheres que realizam a ligadura de trompas e terminam por associar capacidade reprodutiva com “prazer sexual”. Por isso, tanto a esterilização masculina quanto a feminina devem ser muito bem indicadas, respeitando o ser físico- psico-social em questão.

Família espiritual e corporal

Para realizar o planejamento familiar, o casal Espírita deve analisar algumas questões de O Livro dos Espíritos²⁵:

204 — Uma vez que temos tido muitas existências, a nossa parentela vai além da que a existência atual nos criou?

R. Não pode ser de outra forma. A sucessão das existências corporais estabelece entre os espíritos ligações que remontam às vossas existências anteriores...

298 — São contrárias à Lei da Natureza os costumes que têm por efeito criar obstáculos à reprodução?

R. Tudo o que embarça a Natureza em sua marcha é contrário à lei geral.

694 — Que se deve pensar dos usos, cujo efeito consiste em obstar a reprodução, para satisfação da sensualidade?

R. Isso prova a predominância do corpo sobre a alma e quanto o homem é material.

Assim, partindo do princípio de que a família espiritual é maior que a parentela material e que o planejamento deve atender à planificação do Alto, como saberemos o número de filhos que devemos ter? Que método anticoncepcional utilizar? Com que finalidade fazer a anticoncepção?

Joanna de Ângelis²⁶, nos faz um alerta e esclarece da seguinte maneira:

“O homem pode e deve programar a família que deseja e lhe convém ter: número de filhos, período propício para a maternidade, nunca porém, se eximirá aos imperiosos resgates a que faz jus, tendo em vista seu próprio passado (...) Os filhos não são realizações fortuitas (...) procedem de compromissos aceitos antes de reencarnar pelos futuros progenitores de modo a edificarem a

²³ 4. Silveira, A. Chico, de Francisco. São Paulo — CEXJ.

²⁴ 5. Suplicy, M. Conversando sobre o Sexo. Petrópolis, 1985.

²⁵ 3. Kardec, A. O Livro dos Espíritos — FEB.

²⁶ 2. Joanna de Ângelis (D.P.Franco) — Após a Tempestade. Salvador — Livraria Espírita Alvorada, p. 58-62.

família que necessitam para a própria evolução. É lícito adiar a recepção de espíritos que lhe são vinculados, impossibilitando mesmo que reencarnem por seu intermédio. Porém(...) as soberanas Leis da Vida dispõem de meios para fazer que aqueles rejeitados venham por outros processos à porta dos seus devedores ou credores, em circunstâncias mui dolorosas, complicadas pela irresponsabilidade desses cônjuges que ajam com leviandade(...) A programação da família, não pode ser resultado da opinião genérica de demógrafos assustados, mas fruto do diálogo franco e ponderado dos próprios cônjuges, que assumem responsabilidade pelas atitudes que darão conta. O uso dos anticonceptivos, como a implantação no útero de dispositivos anticoncepcionais, mesmo quando considerado legal, higiênico, necessita possuir caráter moral(...)"

Número de filhos

Após este esclarecimento, provavelmente ainda haverá uma dúvida:

— Como saberemos se já tivemos todos os filhos assumidos no Plano Espiritual?

No livro "Chico Xavier em Goiânia*" ²⁷, o médium mineiro nos faz a seguinte colocação: "O casal tem direito de pedir a Deus a inspiração para que não venha a cair em compromissos, nos quais eles, os cônjuges, permanecem frustrados".

A palavra "inspiração", acima colocada, pode ser a chave para a decisão do casal. Mesmo após a avaliação minuciosa das possibilidades materiais de se receber mais filhos em casa, os cônjuges geralmente "sentem" se número de filhos que têm equivale ao número dos filhos programados espiritualmente.

Por outro lado, ainda existe a possibilidade de um contato direto entre aqueles que estão em dúvida com espíritos conhecedores da programação espiritual para aquela família, ou mesmo com aqueles espíritos que estão aguardando a possibilidade da reencarnação. Isto pode se dar através de sonhos, visões e etc.

Concepção

Se por um lado existe o problema do casal quanto ao crescimento da família, existem aqueles que passam pela prova da impossibilidade de ter filhos do corpo. Estes também podem e devem replanejar a vida acolhendo o órfão dentro de diretrizes previamente traçadas. Não se trata aqui de tirar responsabilidade de outra família ou "roubar" crianças de seus pais através desse comércio nefasto que existe na atualidade, mas sim, observar atentamente o "filho adotivo" que bate à porta pelas leis naturais.

Assim, o planejamento familiar não deverá ser consequência exclusiva de fatores econômicos, sociais ou do Estado (controle da natalidade) e sim fruto da reflexão e diálogos apurados dos casais em torno dos conhecimentos materiais e espirituais obtidos.

²⁷ G. Xavier, F.C. Chico Xavier em Goiânia. São Paulo — GEEM, p. 65.

8 Gestação e seus problemas

Maria Aparecida Valente

“A reencarnação é o curso repetido de lições necessárias. A esfera da Crosta é uma escola divina. E o amor, por intermédio das atividades ‘intercessoras’, reconduz diariamente ao banco escolar da carne milhões de aprendizes proporcionando oportunidades de aproximação fraterna, do perdão recíproco- e da sementeira do amor através da lei reencarnacionista”²⁸.

“Deus impõe a encarnação aos Espíritos com o fim de levá-los à perfeição: para uns, é uma expiação; para outros, uma missão. Mas, para chegar a essa perfeição, eles devem sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea, nisto é que está a expiação. A encarnação tem ainda outra finalidade, que é a de por o Espírito em condições de enfrentar a sua parte na obra da criação. E para executá-la que ele toma em cada mundo um aparelho, em harmonia com a sua matéria essencial, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista as ordens de Deus. E dessa maneira, concorrendo para a obra geral, também progride”²⁹.

O planejamento da reencarnação obedece a critérios decorrentes das conquistas ou dos prejuízos morais de cada espírito candidato a nova vida, assim sendo, a gama de processos reencarnatórios é quase infinito, não existindo, segundo cremos, dois absolutamente iguais³⁰.

“Grande percentagem de reencarnações na Crusta se processa em moldes padronizados para todos no campo de manifestações puramente evolutivas. Essa maioria é magnetizada pelos benfeitores espirituais, que lhes organizam novas tarefas redentoras, e quantos recebem semelhante auxílio são conduzidos ao templo material de carne como crianças adormecidas. O trabalho inicial, que a rigor lhes compete na organização do feto, passa a ser executado pela mente materna e pelos amigos que os ajudam no plano espiritual. Mas outra percentagem não obedece ao mesmo programa. Elevando-se a alma em cultura e conhecimento, e, conseqüente- mente, em responsabilidade, o processo reencarnacionista individual é mais complexo, fugindo a expressão geral, como é lógico. Em vista disso, as colônias espirituais mais elevadas mantêm serviços especiais para a reencarnação de

²⁸ 1. André Luiz (F.C.JCavier) Missionários da Luz. *FEB*, cap. 12 e 13.

²⁹ 3. Kardec, A., O Livro dos Espíritos. Questão 132.

³⁰ 1. André Luiz (F.C.JCavier) Missionários da Luz. *FEB*, cap. 12 e 13; 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.1, 2 e 5.

4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.1, 2 e 5.

trabalhadores e missionários”³¹.

“Os candidatos em nível médio de evolução, antes de serem encaminhados às experiências terrenas, requerem a oportunidade, empenhando os melhores propósitos e experiências terrenas, e apresentando os recursos que esperam utilizar, a fim de granjearem a bênção do recomeço, na bendita escola humana...”

“Examinados por hábeis e dedicados programadores, que recorrem a técnicas mui especiais de avaliação das possibilidades apresentadas, são submetidos a demorados treinamentos, de acordo com o serviço a empreender, com vistas ao bem estar da humanidade, após o que são selecionados os melhores, diminuindo, com esse expediente, a margem de insucesso. Os que não são aceitos, voltam a cursos de especialização para outras atividades, especialmente de equilíbrio com que se armam de forças para vencer as más inclinações diferentes das existências anteriores que se malograram, bem como para a aquisição de valiosas habilidades que lhes repondarão futuramente no corpo como tendências e aptidões”³².

“A lei da hereditariedade funciona com inalienável domínio sobre todos os seres em evolução, mas sofre naturalmente, a influência de todos aqueles que alcançam qualidades superiores ao ambiente geral. Além do mais, quando o interessado em experiências novas no plano da Crosta é merecedor de serviços “intercessórios”, as forças mais elevadas podem imprimir certas modificações à matéria, desde as atividades embriológicas, determinando alterações favoráveis ao trabalho de redenção”³³.

“Concomitantemente, de acordo com a ficha pessoal que identifica o candidato, é feita a pesquisa sobre aqueles que lhe podem oferecer guarida dentro dos mapas cármicos, providenciando-se necessários encontros ou reencontros na esfera dos sonhos, se os futuros genitores já estão no veículo físico, ou diretamente, quando se trata de um plano elaborado com grande antecedência, no qual os membros do futuro clã convivem, primeiro, na erraticidade, donde, partem já com a família adrede estabelecida...”

“Executada a etapa de avaliação das possibilidades e a aproximação com a necessária anuência dos futuros pais, são meticulosamente estudados os mapas genéticos de modo a facultarem, no corpo, a ocorrência das manifestações físicas como psíquicas, de saúde e doença, normalidade ou idiotia, lucidez e inteligência, memória e harmonia emocional, duração da vida corporal e predisposição para prolongamento ou antecipação da viagem do retorno, ensejando, assim, probabilidades dentro do comportamento de cada aluno à

³¹ 1. André Luiz (F.C.JCavier) Missionários da Luz. *FEB*, cap. 12 e 13.

³² 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.1, 2 e 5.

³³ 1. André Luiz (F.C.JCavier) Missionários da Luz. *FEB*, cap. 12 e 13

aprendizagem terrena...*) .

“Os principais acontecimentos para o Espírito reencarnante são estabelecidos com margem a alterações decorrentes do livre arbítrio, embora sob controles que funcionam automaticamente em consonância com as leis do equilíbrio.

“Debates são travados entre o futuro reencarnante e seus protetores espirituais com exposição das dificuldades a enfrentar e dos problemas a vencer nascendo e se desdobrando a euforia e a esperança em relação ao futuro.

Em clima de prece, entre promessas de luta e coragem, sob o apoio de abnegados instrutores, o Espírito é encaminhado aos futuros genitores. No momento da fecundação o gameta masculino vitorioso esteve impulsionado pela energia do perispírito do reencarnante, que naquele espermatozóide encontrou os fatores genéticos de que necessitava para a programática a que se deve submeter. O perispírito do reencarnante sincroniza com a vibração do espermatozóide que possui a mesma carga vibratória, sobre ele incidindo e passando a plasmar no óvulo fecundado o corpo compatível com as necessidades evolutivas, como decorrência das catalogadas ações pretéritas. Equilíbrio da forma ou anomalias, habilidades e destreza, ou incapacidade, inteligência, memória e lucidez ou imbecilidade, atraso mental, oligofrenia serão estabelecidos desde já pela incidência das conquistas espirituais sobre o embrião em desenvolvimento.

Sem destacarmos a hereditariedade nos processos da reencarnação, o seu totalitarismo, conforme pretendem diversos estudiosos da Embriologia e outras áreas da ciência, não tem razão de ser ³⁴.

“Cada espírito é herdeiro de si mesmo. Seus atos e sua vida anterior são os plasmadores da sua nova existência corporal, impondo os processos de reabilitação, quando em dívida, ou de felicidades se em crédito, sob os critérios da Divina Justiça³⁵.

Certamente, caracteres físicos e fisionômicos resultam das heranças genéticas e da convivência em família, jamais os de natureza psicológica que afetam o destino, ou os de ordem fisiológica que compõem o mapa reencarnatório.

“Saúde e enfermidade, beleza e feiura, altura e pequenez, agilidade e retardamentos, como outras expressões da vida física, procedem do Espírito que vem recompor e aumentar os valores bem ou mal utilizados nas existências pretéritas.

“Além desses, os comportamentos e as manifestações mentais, sexuais, emocionais decorrem dos atos perpetrados antes e que a reencarnação traz de volta para a indispensável canalização em favor do progresso de cada ser.

“As alienações, os conflitos e traumas, as doenças congênitas, as deformidades físicas e

³⁴ 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.I, 2 e 5.

³⁵ 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.I, 2 e 5.

degenerativas, assim como as condições morais, sociais e econômicas, são capítulos dos mecanismos espirituais, nunca heranças familiares, qual se a vida estivesse sob injunções do absurdo e da inconsequência”³⁶.

“O processo da reencamação, iniciando-se no momento da fecundação, alonga-se até a adolescência do ser, quando, pouco a pouco, atinge a plenitude. Mesmo terminando aos 7 anos, o processo reencamatório vai se fixando, lentamente, até o momento da transformação da glândula pineal, na sua condição de zeladora do sexo.

“Estabelecidos os programas cármicos referentes às necessidades de cada criatura, outros fatores contribuem, durante a gestação e o parto, para ulteriores fenômenos psicológicos ou reencarnante.

“Graças à simpatia ou animosidade que o vinculam aos futuros genitores, estes reagem de forma positiva ou não, envolvendo o filho em ondas de ternura ou revolta que o mesmo assimila, transformando-se essas impressões em fobias ou desejos que exteriorizará na infância e poderá fixar, indelevelmente, na idade adulta”³⁷.

“Acompanhando o mergulho na organização física lucidamente, percebe-se desejado ou rejeitado, registrando os estados familiares, bem como os conflitos domésticos do meio onde irá viver.

“Vezes ocorrem em que o pavor se toma tão grande que o Espírito desiste da reencamação ou, em desespero, interrompe inconscientemente o programa traçado, resultando em aborto espontâneo a gestação em andamento.

“Os meses de ligação física com a mãe são, também, de vinculação psíquica, em que o recomeçante em sofrimento pede apoio e amparo ou se ditoso roga ternura para o fiel cumprimento do plano feliz que se encontra em execução.

“Os comportamentos familiares também influem sobre a conduta do reencarnante, que se impregna — especialmente quando se trata de Espírito imperfeito — dos conflitos e das vibrações perniciosas que lhe irão influenciar profundamente o procedimento.

“Reações várias se manifestarão na criança, como resultante da insegurança que experimenta no berço novo, desdobrando-se em rebeldia e insatisfação, nervosismo e incapacidade intelectual durante a infância e a adolescência, com agravantes para o futuro, caso o amor dos pais não interrompa a caudal das reminiscências infelizes.

“Enurese noturna, irritabilidade, pavores de toda espécie, timidez, ansiedade encontram nas ocorrências da vida fetal, ou relação à mãe e aos demais familiares, muitas das suas causas.

“Não obstante, é possível minimizar-lhes as con- seqüências através de uma atitude

³⁶ 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.I, 2 e 5.

³⁷ 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. *FEB*, cap.I, 2 e 5.

firme e afetuosa dos pais, particularmente da mãe, utilizando-se do sono do filhinho para infundir-lhe coragem e anular-lhe as impressões negativas, envolvendo-o em amor e conversando com ele, com sincero carinho, transmitindo-lhe a confiança de que romperá a barreira invisível das dificuldades, enfim, alcançando-lhe o íntimo.

“Desde que ainda não esteja concluída a reen-camação, o Espírito ouvirá e entenderá as sugestões positivas que lhe são apresentadas, o amor que lhe é oferecido, toda a gama de afeição que lhe é destinada”³⁸.

Infelizmente, situações existem em que a mulher, ao se perceber grávida, rejeita violentamente esta oportunidade de procriação, justificando resguardar sua honra e seu conforto. Esquecida dos compromissos assumidos na espiritualidade com o espírito reencarnante, antigo amigo ou adversário, a quem, por certo, prometeu ajudar na reedificação de uma nova vida de elevação e resgates, agride-o, agora, com pensamentos de revolta e rejeição procurando expulsá-lo agressivamente.

O Espírito reencarnante sofre a rejeição da mãe, implora sua ajuda, promete-lhe amor, suplica piedade... Emissários espirituais tentam auxiliar infundindo fé e esperança nesse coração materno mas, quase sempre, nada a demove de seu intento. Esse filho que certamente seria uma bênção em sua existência, pode se converter em ferrenho inimigo (dependendo de sua condição espiritual) provocando-lhe mais sofrimentos e aflições do que se estivesse em plena experiência física impondo-lhe trabalho e inquietações.

Diz-nos Emmanuel: “Admitimos seja suficiente breve meditação em tomo do aborto delituoso, para reconhecermos nele um dos grandes fornecedores das moléstias de etiologia obscura e das obsessões catalogáveis na patologia da mente e ocupando vastos departamentos de hospitais e prisões”³⁹.

9 Aborto

Maria Aparecida Valente

É através da maternidade que a mulher se eleva no amor de Deus e foi por meio da maternidade que chegamos à vida. No entanto, muito nos entristece quando lembramos o informe da OMS (Organização Mundial da Saúde) que diz ser no Brasil praticado anualmente quatro milhões de abortos, mais de dez mil por dia.

Em nome da liberdade, do prazer de viver, estão as criaturas esbanjando sua energia sexual na troca desenfreada de gozo imediatista e quando se vêem frente à maternidade, sem pejo e sem responsabilidade procuram se livrar do fruto de seu prazer.

³⁸ 4. Miranda, M.P. (D.P.Franco), Temas da Vida e da Morte. **FEB**, cap.1, 2 e 5.

³⁹ 3. Kardec, A., O Livro dos Espíritos. Questão 132.

Definições e tipos de abortos

“Aborto é a interrupção da gravidez, com a destruição da concepção. E a morte do ovo, embrião ou feto” (7).

Há dois tipos de aborto:

1. Espontâneo: quando ocorre sem qualquer interferência externa. E determinado por causas maternas (defeitos uterinos, moléstias, problemas psicológicos, etc.), paternas e fetais (má formação do feto).

2. Provocado: quando desencadeado por interferências externas de médicos, parteiras, “curiosas” ou pela própria mãe (7).

Justificativas do aborto provocado

1. Motivo Social — ocorrido em consequência da rejeição da gravidez pela família ou pela própria gestante, em consequência de relações sexuais não controladas ou extraconjugais.

2. Motivo Econômico — efetuado quando a gestante ou o casal se encontra em dificuldades financeiras julgando difícil sustentá-la dentro dos padrões desejados.

3. Motivo Moral — realizado nas gestações consequentes de estupros.

4. Motivo Terapêutico — realizado por indicação médica, considerado necessário para salvar a vida da gestante quando esta corre perigo.

5. Motivo Eugênico — quando há suspeita de que a criança possa herdar doenças físicas ou mentais dos genitores ou quando apresenta defeitos graves no período fetal provocados por determinadas enfermidades ou uso de drogas, raio X e deficiências oriundas do fator Rh (7).

6. Motivo Demográfico — associado à concentração de população em determinada área com restrição de espaço e alimentação. Não é o caso do Brasil. Ver questão 687 em O Livro dos Espíritos.

Técnicas de abortamento

As técnicas de abortamento se desenvolvem das mais simples e precárias às mais sofisticadas. As mães de poucos recursos valem das “curiosas abortadeiras”, de amigas ou se auto-gridem utilizando materiais elementares tais como: agulhas de tricô, arames, galhos diversos, etc. As de mais recursos se valem das clínicas onde o serviço é mais completo sendo utilizadas técnicas especiais como a sucção, curetagem, uso de drogas, envenenamento do feto por solução salina e até micro-cesária.

Aborto e Espiritismo

Recorrendo ao Livro dos Espíritos de Allan Kar-dec vemos nas questões 358 e 359: “Há sempre crime quando se transgride a lei de Deus. A mãe ou qualquer pessoa, cometerá sempre um crime ao tirar a vida da criança antes do nascimento, porque isso é impedir a alma de passar pelas provas de que o corpo devia ser instrumento”. E prosseguem os Espíritos informando: “Apenas no caso em que a vida da mãe estaria em perigo pelo nascimento da criança é preferível sacrificar o ser que ainda não existe, a sacrificar o que já existe”.

Esta posição espírita nada tem de dogmática ou preconceituosa, pois parte do princípio que todo homem é um espírito encarnado, que já existia antes do nascimento e que sobreviverá após a morte física e que a encarnação tem por finalidade principal o seu progresso espiritual. E o que vemos explicado nas questões 132, 166 e 167 de O Livro dos Espíritos, quando os Espíritos respondem a Kar-dec: “Deus impõe a encarnação com o fim de levar o Espírito à perfeição — para uns é uma expiação, para outros, uma missão. Mas, para alcançarem essa perfeição eles devem sofrer todas as vicissitudes da existência corpórea: nisto é que está a expiação. A encarnação tem ainda outra finalidade que | a de por o Espírito em condições de enfrentar a sua parte na obra da criação. É para executá-la que ele toma um aparelho em cada mundo em harmonia com a matéria essencial desse mundo, a fim de nele cumprir, daquele ponto de vista, as ordens de Deus. É dessa maneira que concorrendo para a obra geral, também progride. A alma que não atingiu a perfeição durante a vida corpórea, acaba de depurar-se submetendo-se à prova de nova existência e assim sucessivamente, necessitando de muitas existências para seu aperfeiçoamento. A finalidade da reencarnação é pois a expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isso, onde estaria a justiça?”

Observa ainda a Doutrina Espírita que “a união do Espírito com o corpo começa na concepção, mas só se completa por ocasião do nascimento. Desde o instante da concepção quando da união do espermatozóide, (gameta masculino) com o óvulo (game-ta feminino) o Espírito designado para tomar determinado corpo a ele se liga por um laço fluídico que vai encurtando cada vez mais, até o instante em que a criança vem à luz; o grito que então escapa de seus lábios anuncia que a criança entrou para o número dos vivos e dos servos de Deus.* É o que se lê na questão 344 (6). Portanto, desde o momento da concepção estão presentes os elementos básicos do ser humano, os recursos biológicos, psicológicos e espirituais, constituindo um ser com individualidade e personalidade próprias.

Código penal e aborto

O Código Penal Brasileiro, em sua parte especial, inclui o aborto entre os crimes contra

a pessoa, entre os crimes contra a vida, cap. I, artigo 124 a 128. “Só é permitido o aborto quando não há outro meio de salvar a vida da gestante (aborto terapêutico ou necessário) e se a gravidez resulta de estupro (aborto moral). Nestes casos o aborto só é feito com o consentimento da vítima ou de seu representante legal, na hipótese de incapacidade daquela para opinar”.

Joanna de Ângelis nos diz: “Examinando-se ainda a problemática do aborto legal, as leis são benignas quando a fecundação decorre da violência pelo estupro... Mesmo em tal caso, a expulsão do feto, pelo processo abortivo, de maneira nenhuma repara os danos já ocorridos... Não raro, o Espírito que chega ao dorido regaço materno, através de circunstâncias tão ingrata, se transforma em floração de bênção sobre a cruz de agonias em que o coração feminil se esfacelou... A renúncia a si pela salvação de outra vida concede incomparáveis recursos de redenção para quem se tomou vítima da insidiosa trama do destino... Sucede, porém, que o sofredor inocente de agora está ressarciendo dívida, ascendendo pela rota da abnegação e do sacrifício aos páramos da felicidade. Não ocorrem incidentes que estabeleçam nos quadros das Leis Divinas injustiça em relação a uns e exceção para com outros...” (5)

Consequências do abortamento

As conseqüências são enormes e as mais imediatas são as complicações físicas, tais como: perfurações uterinas e intestinais, hemorragias, infecções, peritonites graves, anemias, frigidez sexual e esterilidade definitiva da mulher, necessidade de histerectomia (extração total do útero), esgotamento, perturbações nervosas, envelhecimento precoce, tétano, inflamações do útero, irregularidades menstruais acompanhadas de cólicas, e ainda vários estados septicêmicos de alta gravidade (7).

A mulher que promove ou participa de semelhante delito é constrangida, por leis irrevogáveis, a sofrer alterações deprimentes no centro genésico de sua alma, predispondo-se geralmente a dolorosas enfermidades em seus órgãos reprodutores entre elas o câncer e, pelas quais muitas vezes vem a desencarna (1).

Psiquicamente, o arrependimento, o remorso, a angústia, pelo crime praticado e a obsessão que com freqüência envolve essas mães, desestruturam a sua personalidade e a constituição familiar, tem sobrecarregado hospitais e prisões (4).

Quando a morte as surpreendem, despertam no além torturadas pela incessante recapitulação mental do ato abominável, através do remorso e reterão por tempo longo a degeneração de suas forças genésicas (1).

Em se reencamando, trarão marcas na sua constituição psicocossômática e chegada a ocasião da maternidade serão candidatas às toximias gestacionais, a gravidez ectópica, a implantação placentária anômala, além de outros distúrbios ginecológicos e serão muitas

vezes aquelas mulheres ansiosas por filhos que nunca chegarão (2).

Em conseqüência à agressão voluntária contra o seu corpo físico, mutilaram também seu perispí-rito e renascerão com marcas acentuadas em seu campo genésico podendo receber como filhos almas que também viciaram suas formas e serão, então, mães de criminosos e suicidas, regenerando assim as energias sutis do perispírito através do sacrifício nobilitante com que se devotarão aos filhos infelizes, aprendendo a orar, a servir com nobreza e a mentalizar a maternidade pura e sadia que acabarão reconquistando ao preço do sofrimento e do trabalho (1).

O homem que induziu a companheira ao aborto, pelo abandono ou pela persuasão, terá como resultado de sua ação vil, em existência imediata, moléstias testiculares, distúrbios endócrinos e mentais, acompanhados quase sempre por processos obsessivos por parte de entidades que encontram dificuldades em desocupar-lhe a deserção (2).

O espírito candidato à reencamação e que foi torpemente expulso do ninho uterino quando ainda indefeso, tendo frustrada sua tentativa de resgate e evolução no plano físico, não tendo na sua maioria das vezes condições para perdoar, essa violência, se revolta gerando ódio e vingança por longos períodos envolvendo os culpados em processos obsessivos de difícil solução. Os ginecologistas, obstetras e "curiosas" delinqüentes, sofrerão também dolorosos efeitos espirituais pelos abortos criminosos efetuados (2).

Medidas preventivas

Em primeiro lugar é preciso desenvolver programas de educação sexual, com os pais, os jovens e as crianças.

Quanto possível devem ser propiciadas oportunidades de esclarecimentos, diálogos, debates, sobre a responsabilidade e perigos do aborto delituoso, nas escolas, clubes, associações, utilizando-se, também, rádio, TV, jornais e revistas.

Cursos de pré-natal precisam ser implantados em todos os níveis para o preparo dos futuros pais e ser aproveitado como período muito propício para conscientizá-los da grandeza, elevação e responsabilidade da maternidade e paternidade.

As creches precisam ser multiplicadas para a assistência e amparo às crianças e suas famílias.

Conclusão.

A maternidade é a missão nobilitante da mulher. Seu instinto maternal desperta desde a infância quando ela embala sua boneca. E preciso alimentá-lo, direcionando-o corretamente, elevando sempre, mas é necessário que a mulher compreenda que a maternidade envolve muita renúncia e que esteja disposta a ela em benefício de seus filhos e de toda a família, pois o saldo maior será o seu.

A paternidade também, requer sua dose de renúncia e abnegação que só pode enriquecer e elevar o homem perante a si próprio, a sociedade e o amor de Deus.

Que o homem e a mulher saibam empregar corretamente sua energia sexual no engrandecimento da vida.

Bibliografia:

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Ação e Reação. FEB , cap.XV
2. André Luiz (F.C.Xavier e W.Vieira) - Evolução em Dois Mundos. FEB , cap. XIV.
3. André Luiz (F.C.Xavier) - No Mundo Maior. FEB, cap. 10 e 11.
4. Emmanuel (F.C.Xavier) - Vida e Sexo - FEB - cap.17.
5. Joanna de Ângelis (D.P.Franco) - Após a Tempestade. EcLAlvorada , cap.10 e 12.
6. Karde, A. - O Livro dos Espíritos . FEB.
7. Problemas Atuais - Aborto: causas e conseqüências sob a ótica médica, social, jurídica e espírita - Centro Espirita "Nosso Lar" - Casas André Luiz , fascículo nº 1, 1989.
9. Vianna, R. - Fatos e Fotos - gente - "Aborto, Crime ou Castigo?" novembro/1984.

10 Filhos

Maria Luzia de Almeida Rosa

A constelação familiar

Na, estrutura da família, a posição de cada elemento deve ser muito bem estudada, afim de que o grupo não se prejudique perante às questões psicológicas que são aparentemente intransponíveis.

A psicóloga Lea Lemer, em seu livro "Criança também é Gente", levanta essa problemática da seguinte maneira: "Os pais alegam que todos os filhos receberam a mesma educação e se surpreendem quando se envolvem com pessoas diferentes. Na verdade, cada filho que nasce modifica a composição e dinâmica familiar e é, por sua vez, influenciado por eles de modo particular. Embora não sejam expressos com palavras, os sentimentos de aceitação ou rejeição, em tomo do papel que é esperado deste filho, isto é revelado através de gestos, tons de voz, carinho, irritação que são captados pela criança"(2). Assim, deve-se fazer aqui uma avaliação em torno das posições especiais que ocupam certos espíritos reencarnantes:

— O primogênito, "vive a experiência única de dispor, durante algum tempo, da atenção exclusiva dos pais. E o primeiro a ensinar o casal as lições da maternidade e paternidade, a exigir dedicação integral, a influenciar o surgimento de novas perspectivas na construção a vida familiar. Encontra-se sempre numa posição de destaque e em situação de privilégios, egoísmo e egocentrismo" (4).

— O do meio, “é comum ser objeto’ de comparações e por isso tem que fazer esforço para manter sua maneira de ser. Muitas vezes, a maneira de competir é ser diferente, na luta por afirmação, o que provoca traços opostos como: rebeldia, se o outro é dócil, dificuldades escolares, se é um gênio (4).

— O caçula: “o papel do caçula representa uma condição especial dentro de uma família. Ele precisa lutar para atingir uma posição dentro do grupo familiar. Vê o irmão mais velho, geralmente, como tendo mais posses e direitos, e, sentindo-se desanimado por não poder alcançá-lo, pode tratá-lo com raiva e hostilidade. Inconscientemente pode prolongar o período de dependência em relação à mãe, demorar mais a falar corretamente e custar a se adaptar à escola. Continua a ser o ‘pequeno’ para manter seu lugar no afeto dos pais” (4).

— O filho único: “nem sempre é o fato de ser o filho único que determina a existência de problemas, mas sim as características do ambiente em que vive como única criança. Isso pode transformá-la em pessoa egocêntrica, mimada, superprotegida, dependente e retraída. Mas, se cada pessoa é diferente, e vive uma situação diferente (que pode ser do filho único), o caminho certo é ajudar a criança a adquirir uma individualidade dentro do meio que a cerca’ (4).

— O menino — a menina: logo de cara, os pais desejam “uma mulherzinha” ou “um menino normal”. Felizmente, a maioria das meninas, mesmo em idade muito tenra, mostra sinais de feminilidade. E vice-versa. Mesmo na escola maternal, as meninas, em geral, parecem demonstrar preferências por bonecas e brinquedos domésticos. Os meninos por caminhões e blocos de construção. As exceções são em geral ligeiras e não muito preocupadoras. Às vezes mudanças podem acarretar problemas de adaptação, seja suscitando homens efeminados ou mulheres masculinizadas, embora com disposições orgânicas e biológicas bem definidas. Kardec conclui: “não existe diferença entre homem e mulher, senão no organismo, que se aniquila com a morte do corpo”(4).

As psicólogas, Ilg Francês Ldlian e Louise Bates Ames, acrescentam: “deve-se reconhecer a individualidade de seu filho pelo que ele é”(2).

Ao focalizarmos as várias nuances da constelação familiar que são filhos: primogênitos, do meio, caçula, filho único, o menino e a menina, estes deverão ser tratados de igual para igual, em doses proporcionais ao seu tamanho e sua tolerância dentro da realidade de cada um, estimulados para desenvolver suas aptidões, sem comparações, respeitando as diferentes individualidades, jamais estimulando a rivalidade e a competição entre eles.

Segue-se que o espírito que nasce sob condições adversas tem algum compromisso pendente por ali, mesmo porque a lei não impõe sacrifícios inúteis ao inocente. Na sua fantástica complexidade citaremos o caso dos gêmeos, adotivo, órfãos, filhos de pais separados e excepcionais.

— Os gêmeos: “uma situação diferente e bastante difícil para os pais — principalmente

para a mãe. Ela precisa repartir-se, para atender de forma adequada, às necessidades de duas crianças que simultaneamente exigem dedicação e cuidado. A necessidade de individualização de cada criança e sua livre expressão são mais agudamente sentidas por aquele que tem sempre como companheiro alguém que é outro-igual a ele, e que nem sempre um amigo, às vezes é rival e competidor nas situações da vida real. A meta final dos pais em relação a eles provavelmente será que cresçam com independência suficiente para cuidar de si próprios, quando a vida adulta os separarem. Precisamos respeitar sua individualidade, sua identidade e saber que nos primeiros anos a proximidade dos gêmeos pode ser a base de segurança dos mesmos* (2 e 4).

— O filho adotivo: “a criança precisa perceber que o fato de ser adotiva não é nada terrível, nada temível. A criança adotiva não entra na família simplesmente no curso normal dos acontecimentos. O filho adotivo é um filho escolhido, desejado, selecionado e sem dúvida, querido por esta razão* (2). Na questão de contar à criança que ela é adotada, como na maioria das outras áreas importantes de comportamento entre pais e filhos, seu próprio bom senso e seu conhecimento sobre a personalidade de seu filho serão seus melhores guias sobre a maneira de tratar a situação. Contudo, aqui como em outros lugares, o especialista pode ajudá-los especificamente. Quando mais cedo melhor, dirão vocês... Mas cedo em que medida? A idade exata varia de criança para criança (2). E correto e aconselhável adotar crianças alheias?

Responde-nos o admirável Herminio de Miranda em sua obra “Nossos filhos são Espíritos”, que a questão da adoção | bem mais complicada do que possa parecer à primeira vista. O primeiro aspecto a considerar é o cármico. Penso que já deu para entender que os espíritos renascem com programas de vida bem detalhados e específicos, para executar determinada tarefa, especialmente aquelas em que o objetivo | o aprendizado ou reaprendizado do amor. Sabemos que as leis de Deus são, ao mesmo tempo, severas e flexíveis, o que significa que não punitivas, mas educativas, e que não impõem a correção senão na medida suportável pela pessoa, a fim de não sobrecarregá-la acima de suas forças” (5). Os filhos, havidos ou não da relação do casamento, ou por adoção, terão os mesmos direitos e qualificações, proibidas quaisquer designações discriminatórias relativas à filiação (1).

A adoção vem adquirindo a sua exata compreensão, e partindo do princípio de que todas as crianças e adolescentes têm direito à convivência familiar e comunitária, o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069 de 13*07/90), dispõe:

— Art. 41: A adoção atribui a condição de filho ao adotado, com os mesmos direitos e deveres inclusive sucessórios, desligando-o de qualquer vínculo com pais e parentes, salvo os impedimentos matrimoniais... (1)

— Os filhos órfãos: “criar filhos em lar de família ‘normal’ muitas vezes é bastante difícil, criar filhos no que comumente se descreve como lar ‘desfeito’ é naturalmente, duas vezes

mais difícil” (2). Muitas vezes essas crianças são encaminhadas para lares espíritas e também orfanatos, onde recebem uma orientação dentro do possível. Podendo lá encontrar as suas verdadeiras famílias ou reencontros. Que postura deverá ser tomada pela mãe quando o pai a abandona juntamente com o bebê, em estado total de miséria?

Emmanuel, através da mediunidade de Chico Xavier, responde: “se o senhor te concedeu filhos ao coração de mulher, por mais difícil que te faça o caminho terrestre, não largues os pequeninos à ventania da adversidade”. “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, nos deu o item 8 do cap. XIV (trata do parentesco corporal e espiritual, mostrando que os espíritos não se ligam pelos chamados laços de sangue, mas por afinidades espirituais).

— Os filhos de pais separados: “a separação do casal é sempre traumatizante para a criança. As conseqüências da separação são sentidas de forma diferente em função do tipo de pessoa que cada filho é, e de maneira como pai e mãe enfrentam a nova situação. Esta atitude pode gerar na criança, ansiedade, insegurança, comportamento de controle e rebeldia (2 e 4).

— O filho excepcional: Todos nós desejamos filhos bonitos, sadios e inteligentes. Usualmente é o que acontece, mas nem sempre. A primeira atitude a assumir, tão logo tenhamos absorvido o impacto maior ou menor que nos causou essa verificação, é a de que a pessoa que nos foi entregue é um ser humano, tão filho de Deus como cada um de nós. A segunda postura, é a de que, por alguma razão concreta, veio junto de nós um espírito condicionado a certas limitações, contornáveis umas, irreversíveis outras, que nos compete acertar para enfrentar as dificuldades. O terceiro aspecto a considerar é o de que a dor, a desarmonia, o desajuste, são situações transitórias. E um quarto aspecto deve ser mencionado e explicitado: o de que os pais de uma criança deficiente têm, necessariamente, um envolvimento pessoal na questão. Em outras palavras, têm responsabilidade perante aquele ser, ainda que não obrigatoriamente resultante de uma culpa. A lição que nos encerra este item é simples de entender e, ao mesmo tempo, reconhecidamente difícil de se pôr em prática: a de que filhos deficientes são também filhos de Deus, como nós, pessoas com as quais os desviamos no passado e que nos incube recuperar para o amor fraterno. Não para que deles nos livremos para sempre, mas a fim de que, juntos, sigamos rumo à felicidade. “Não importa muito por onde passa o caminho, o que importa é que ele nos leve à soleira da sonhada paz, nossa por direito inalienável de herança” (5).

“Ninguém é de ninguém, porque somos todos de Deus. O filho de hoje poderá ter sido pai ou irmão de uma vida passada, ou de uma existência que ainda está nas brumas do futuro. Não há separações para aqueles que se amam, mas há sim, para aqueles que se julgam proprietários dos outros, apenas porque lhes proporcionaram um corpo físico para viverem algum tempo na Terra

Por isso, dizia Edgar Cayce, o sensitivo americano: “o amor não é possessivo, ele apenas é”.

BIBLIOGRAFIA:

1. Estatuto da Criança e do Adolescente — Lei na 8.069, de 12[^]07/ 90 — pag. 7, 8 e 9 — Da adoção.
2. Ilg, F. L. — Psicologia Aplicada à Educação e Orientação Infantil (tradução de Aydano Arruda) SP, Ibrasa.
3. Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. FEB, cap. XIV, item 8.
4. Kardec, A. — O Livro dos Espíritos — FEB, questão 372.
5. Miranda, H. C. — Nossos Filhos são Espíritos. Niterói, Arte Cultura.
6. Xavier, F. C. e Herculano Pires, J. — Na Era do Espírito. São Bernardo do Campo, Grupo Espirita Emmanuel.

11 Relacionamento entre pais e filhos

Carolina Flor da Luz Matos

O filho recém nascido é um espírito que, com o concurso dos pais, revestiu-se de corpo físico e voltou mais uma vez ao plano material para vivenciar novas experiências, dentro de seu percurso evolutivo.

Traz de encarnações passadas tendências, defeitos, qualidades, amizades e inimizades.

Ao iniciar esta nova jornada, sua condição física de criança, lhe dá oportunidade de assimilar novos conceitos. Ao reencarnar, adormecem suas lembranças. Seu corpo frágil o coloca numa posição de dependência e aprendizagem. E nessa fase, que se estende praticamente do nascimento até os sete anos de idade, que o espírito reencarnante é mais acessível às impressões que recebe (L. E. questão 383).

Mais tarde, quando a sua capacidade de raciocinar se for aprimorando, irá comparar, inconscientemente, as informações que recebeu nesta encarnação com a carga de experiências que trás, modificando seu comportamento perante a vida.

Dessa forma, a boa orientação que tiver na infância lhe poupará muitos enganos, assim como a má orientação poderá incliná-lo ao erro.

E o lar a mais importante fonte de elementos do espírito. É no relacionamento entre pais e filhos que o processo de educação inicia, existindo a partir da concepção e durante a gravidez, a criança “já está sofrendo a influência do lar, pelas vibrações do ambiente, pelo tipo de vida cultivada pelos pais, pelas características dos pensamentos reinantes em família. Um ambiente sadio, harmonioso, propiciará condições para que os espíritos se orientem em bases firmes, enquanto um lar desajustado, intranquilo, onde o clima constante é de revolta ou desarmonia, não propiciará meios favoráveis para o desabrochar das possibilidades mais altas do espírito reencarnante”.

“Para bem cumprir a tarefa de orientar as almas que acolhe, o lar deve estar fundamentado no amor. Ter um filho deve representar a realização de um afeto profundo e crescente entre marido e mulher e a melhor maneira de ser bom pai e boa mãe é ser bom

esposo e boa esposa. O relacionamento do casal influirá sobremaneira na preparação para a chegada do bebê e seu desenvolvimento futuro”.

Cabe aos pais prepararem seus filhos para a vida que os aguarda. A maior arma que possuem é o exemplo, o amor e o diálogo.

Entre as muitas situações que o relacionamento pais e filhos apresenta, destacaremos algumas como exemplos, para que sirvam de reflexão e estudo.

— Nossos filhos não são melhores nem piores que os filhos dos outros. Devemos esclarecer que todos são espíritos em tarefa de regeneração, de elevação e aprendizagem, portanto devemos tratar a todos em pé de igualdade, exercitando o sentimento de fraternidade.

— A dor é digna de respeito. É através dela que resgatamos dívidas passadas e que nos submetemos a nova aprendizagem. A dor do próximo é para nós, motivo de compreensão e ajuda.

— O trabalho honesto e edificante é para o espírito fonte de aprendizado e elevação. Ensinar a criança a executar pequenos serviços, é prepará-la para o trabalho quando adulto. Todo o trabalho é digno e importante para nossa subsistência e para a sociedade.

— Ensinar que não devemos desperdiçar, pois o que pomos de lado ou deitamos fora, poderá faltar ao nosso semelhante.

— É necessário não perder o controle perante certas atitudes do filho. Procurar saber, com calma, o que se passa, o porque de tal atitude e em conjunto achar possíveis soluções para o problema.

— Diante de comentários sobre o comportamento de alguém, julgando, censurando e levantando maledicência, é necessário orientar quanto ao perigo de tal atitude.

— Ouvir a criança, com atenção e interesse, sobre os acontecimentos do dia escolar ou da brincadeira com os amigos, comentando e orientando sempre que necessário.

— Perante a mentira, dialogar com a criança levando-a a concluir por si que a mentira é prejudicial.

— É necessário observar a fase natural da fantasia da criança para não rotularmos de mentira algo que é mera fantasia para ela.

A autoridade não deve ser excessiva, a ponto de inibir a criança, revoltá-la ou criá-la dependência, nem se deve propiciar facilidades exageradas, para evitar desajustamento.

Atentar para o espírito de justiça tanto na premiação quanto na punição, no elogio ou na crítica.

Muita gente acredita que o elogio aumenta a confiança da criança e faz senti-la segura, no entanto pode acontecer que o elogio resulte em tensão e mau comportamento. Por exemplo: quando os pais dizem ao filho: “Você é um garoto muito bom*”, ele pode não aceitar a idéia, porque o que pensa de si mesmo é completamente diferente. A seus próprios olhos, ele não pode ser “bom*”, desde quando, recentemente, desejou que sua mãe tivesse um zíper na boca ou que seu irmão fosse passar a próxima semana no hospital. Assim,

reage ao elogio com mal comportamento, a fim de mostrar sua “própria verdade”, e que tem reservas sobre a imagem que os outros fazem dela. Isto pode significar que o elogio, está “fora de moda”? De modo algum. Pode significar, contudo, que o elogio, como a penicilina, não deve ser administrado ao acaso.

Exemplos: Quando um garoto ajuda a limpar o pátio, o natural será fazer apenas uma referência ao duro que ele deu e o ótimo resultado que obteve. É altamente desaconselhável e inapropriado dizer- lhe que é bom por isso. Palavras de elogio devem criar para a criança um quadro realístico de suas possibilidades, não uma colorida imagem de sua personalidade.

O elogio direto da personalidade como a luz incidente do sol é desconfortável e ofuscante. É emba- raçador para uma pessoa ouvir dizer, de chofre, que é maravilhosa, angelical, generosa e modesta.

Publicamente não pode levantar-se e dizer: “Obrigado, aceito sua afirmação de que sou maravilhosa”. Privadamente, também, não pode dizer a si própria: “Sou maravilhosa. Sou boa, forte, generosa e humilde”.

Ela pode não apenas recusar o elogio como ainda a respeito de quem a elogiou: “Se eles acham tão formidável é porque não são muito espertos”. O elogio deve ter relação com os esforços e qualidades da criança, de modo que ela possa extrair deduções positivas sobre sua personalidade. Nossas palavras devem afirmar claramente que nós admiramos o esforço da criança, seu trabalho, realizações, ajuda, considerações e criação. Nossas palavras devem parecer uma mágica tela sobre a qual a criança se veja obrigada a pintar um retrato positivo de si própria.

Para ilustração relacionamos alguns exemplos:

Elogio útil — Obrigado por ter lavado o carro. Está parecendo novo outra vez.

Possível dedução — Fiz um bom trabalho. Meu esforço foi reconhecido.

Elogio inútil — “Você é um anjo”.

* * *

Elogio útil — Gostei do cartão que você me enviou. Muito bonito e original.

Possível dedução — Tenho bom gosto. Posso confiar nas minhas escolhas.

Elogio inútil — “Você é sempre tão atenciosa” *

Elogio útil — A estante que você fez é muito bonita.

Possível dedução — Eu sou capaz.

Elogio inútil — “Você é mesmo um bom carpinteiro*.”

* * *

Elogio útil — Sua carta me trouxe grande alegria.

Possível dedução — Posso proporcionar alegria aos outros.

Elogio inútil — “Quando escreve cartas você é maravilhoso*.”

* * *

Elogio útil — Adorei você ter lavado a louça hoje.

Possível dedução — Sou útil.

Elogio inútil — “Você trabalhou melhor do que a empregada*.

* * *

Elogio útil — Obrigado por me ter dito que lhe paguei demasiado. Gostei muito de sua atitude.

Possível dedução — Estou contente por ter sido honesto.

Elogio inútil — “Você é um garoto muito honesto*.

* * *

Outras situações, também importantes, dizem respeito aos pequenos desastres dos quais as crianças podem aprender grandes lições sobre a escala de valores. E preciso que os pais ensinem a distinguir entre acontecimentos que são meramente desagradáveis e irritantes daqueles que são trágicos e catastróficos. Muitos pais reagem do mesmo modo diante de um ovo partido e de uma perna quebrada. A desgraça menor deve ser apontada como tal à criança:

— “Então você perdeu um lenço outra vez. E desagradável, porque lenços custam dinheiro”. Mas não chega a ser uma catástrofe.

Um lenço perdido não deve levar ninguém a perder a calma do mesmo modo que uma camisa rasgada não deve servir de motivo para uma tragédia grega doméstica.

Outros pontos de atenção dizem respeito aos adjetivos insultuosos dirigidos contra as crianças. Quando uma pessoa diz: “Esta cadeira é horrível”, nada acontece com a cadeira. Ela não se sente insultada, nem fica embaraçada. Continua inteiramente indiferente aos adjetivos que lhe foram aplicados. No entanto, quando uma criança é chamada de feia, estúpida e desajeitada, alguma coisa lhe acontece. Há reações em seu corpo e em sua alma. Há ressentimento, raiva e ódio. Há pensamentos de vingança. Há culpa pelas fantasias e ansiedades represada em conseqüência da culpa. E pode haver comportamento e sintomas indesejáveis. Em suma, uma cadeia e reações que toma a criança e seus pais infelizes.

Quando uma criança é chamada de desajeitada, ela pode de início retrucar: “Não, eu não sou desajeitada”. Porém, mais freqüentemente, ela acredita em seus pais e passa a pensar de si mesma como uma pessoa desajeitada. Poderá, então, a partir daí, evitar situações em que a agilidade seja requerida, porque está convencida de que é muito desajeitada para ter êxito. Quando uma criança é repetidamente chamada de estúpida por seus pais e professores, ela começa a acreditar nisto. Passa a pensar de si mesma como tal. E então desiste de qualquer esforço intelectual, sentindo que escapa das telas do ridículo evitando concursos e disputas. Sua segurança depende de não tentar. Seu lema para a vida passar a ser: “Se não tento, não falho”.

Outros pontos a refletir, dizem respeito a vivência de reencarnações passadas, que em determinados momentos afloram na criança, levando a certos comportamentos, aparentemente, inexplicáveis e de difícil solução, levando-nos a buscar o auxílio dos amigos

espirituais para esclarecimento e orientação, como podemos ver no exemplo que segue:

Um menino de 7 para 8 anos de idade estava encontrando dificuldades na escola, não com o estudo em si, mas por causa da incontrolável sensação de pânico que o dominava ao entrar na sala de aula. Às vezes, não havia como obrigá-lo a permanecer ali. De outras vezes, ele exigia a presença da irmãzinha enquanto durassem as aulas, o que estava criando dificuldades para ela também. A rotina escolar, desde que ele começava a preparar-se até que retomava à casa tomou-se um tormento para ele e para a família, que não sabia mais o que fazer.

Em tudo se pensou e quase tudo foi tentado. Estaria ele sob pressão de espíritos desarmonizados? Seria simples e pura aversão à escola? Será que estava precisando de uma atitude mais severa e até de castigos corporais? Ou de algum tratamento psiquiátrico?

Uma parente da criança resolveu recorrer aos amigos espirituais, em busca de orientação que ajudasse a família a encontrar uma solução adequada para o problema.

Em existência anterior, na França, disseram os orientadores, tinha o menino a mesma idade que contava agora, quando a escola que freqüentava pegou fogo e o teto da sala de aula desabou sobre as crianças. Ele estava entre os mortos. Daí o pânico na escola atual, aparentemente inexplicável, mas um claro “transbordamento” de lembranças guardadas no inconsciente.

Recomendavam os amigos espirituais que os pais tratassem o caso com serenidade e compreensão, sem exercer pressões sobre a criança, como estavam começando a fazer, em desespero de causa. Sugeriam, ainda, que à noite quando o menino fosse dormir e mesmo adormecido, conversassem com ele, garantindo-lhe que o acidente era coisa do passado, hoje superado. Que agora ele estava bem, protegido pelos pais, e que nada de mal iria acontecer na escola. Que tivesse confiança em Deus. Deveriam, ainda, falar-lhe do encadeamento das vidas, porque seu eápirito tinha condições de entender e aceitar a informação com naturalidade. Finalmente, que não havia sobre ele influência ou pressão espiritual negativa. O problema era dele mesmo, sem nenhum componente obsessivo.

O tratamento deu certo (20).

A mulher que trabalha fora

As profundas transformações sociais que vêm ocorrendo, posicionam a mulher numa outra dimensão.

O crescente acesso da mulher às atividades fora do lar, alteraram, de certa forma, todo o esquema de educação que era dado aos filhos. Por motivos diversos e justificáveis, a atenção dada aos filhos, a orientação e o amparo, sofreram alterações, em alguns lares, até profundas, onde os filhos são colocados em segundo plano, em mãos, na maioria das vezes, de pessoas que se preocupam pouco com a formação moral da criança e com sua educação.

No retomo ao lar, depois de um dia cansativo de trabalho, não há paciência nem condições para atender as reivindicações dos filhos, mas, na maioria dos casos, há dinheiro para comprar tudo aquilo que a criança quer, desde que os deixem em paz. Para isso esforçam-se o dia inteiro, esta é a alegação.

Quantas vezes o pedido de um brinquedo, não é para ter alguns minutos de atenção dos pais, nem que seja um olhar e poucas palavras.

Quantas malcriações e desajustes, não são um grito de socorro. — Vejam, eu estou aqui! Não quero brinquedos, não quero dinheiro, quero apenas atenção, carinho e até mesmo repreensão.

Os pais que se envolvem apenas com os bens materiais, estão roubando dos espíritos que se encontram sob sua responsabilidade, a orientação, o encaminhamento e o carinho que os colocariam sobre bases sólidas e capazes de no futuro caminhar sozinhos.

E preciso estarmos cientes de que “toda criança, entregue à nossa guarda, é um vaso vivo a arrecadar-nos as imagens da experiência diária, competindo-nos, pois, o dever de traçar-lhe noções de justiça e trabalho, fraternidade e ordem, habituando-a, desde cedo, à disciplina e ao exercício do bem, com a força de nossas demonstrações, sem contudo, furtar-lhe o clima de otimismo e esperança”(10).

Bibliografia:

1. Amorim, D. e Miranda, H. C. — *O Espiritismo e os Problemas Humanos*. USE.
2. André Luiz (F.C.Xavier) — *Entre a Terra e Céu* — FEB, cap. XXXIX — *Ponderações*, cap. VI, Num Lar Cristão.
3. André Luiz (F.C.Xavier) — *Os Mensageiros* — FEB — lição 36 -- Mãe e Filhos.
4. André Luiz (F.C.Xavier) — *Obreiros da Vida Eterna*. FEB, Cap. XVII — *Rogativa Singular*.
5. Bettelheim, B. — *Uma Vida para seu Filho*.
6. Calligaris, R. — *A Vida em Família*. IDE. cap. 1 — *Relacionamento entre Pais e Filhos*.
7. Collins, S. — *A Família Moderna*, cap. 5* e 23®.
8. Emmanuel (F.C.Xavier) — *Leis de Amor*. IDE.
9. Emmanuel (F.C.Xavier) — *O Consolador*. FEB, perg. 111.
10. Emmanuel (F.C.Xavier) — *Pensamento e Vida*. FEB, cap. 13.
11. Emmanuel (F.C.Xavier) — *Renúncia* - FEB, cap.II — *Novamente em Paris*, cap. V — *Diálogo de Madalena com Alcione criança*.
12. Emmanuel (F.C.Xavier) — *Vida e Sexo*. FEB.
13. *Escola de Pais do Brasil*, 1® seminário regional — Piracicaba.
14. *Espíritos Diversos* (F.C.Xavier). Família — Ed. André Luiz.
15. Joanna de Angelis (D.P.Franco) — *Após a Tempestade*. Livraria Alvorada Editora.
16. Joanna de Ângelis (D.P.Franço) — *Leis Morais da Vida* .FEB.
17. Kardec, A. — *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. FEB.
18. Kardec, A. — *O Livro dos Espíritos*. FEB.
19. Martins, C. — *O Sexo e o Amor em Nossas Vidas*.
20. Miranda, H. C. — *Nossos Filhos são Espíritos*. Niterói Editora Arte e Cultura Ltda.

12 Relacionamento familiar entre sogro(a) e genro e nora

(Colaborador Anônimo)

Em “Estude e Viva” lê-se: “perante o Senhor, todos nós fazemos parte de uma só e grande família, mas até alcançarmos a fraternidade universal, suprema, estagiaremos, aprendendo, em diversos grupos de reencamação a reencarnação”.

Assim, em nosso dia-a-dia temos companhias agradáveis ou desagradáveis, de pessoas a que estamos ligados quer por laços de sangue, familiares, ou por laços reencamatórios, quer pelo convívio diários nos trabalhos domésticos ou profissionais e até mesmo em grupos de companheirismo.

Entretanto, nesses relacionamentos “nem tudo são flores”...

Em família, muitas são as ocasiões de “conflitos”, “crises” e de “provas”... que tiram o sossego tanto dos mais jovens, como dos mais idosos...

Estes, os mais velhos, se experientes, devem ajudar os mais jovens cultivando a bondade e a paciência e, nelas alicerçados, orientá-los, com seu exemplo e conduta diária.

Nossos familiares, nossas pessoas queridas, são consciências livres como nós!

Nós os auxiliaremos se, em vez de condenar seus erros, não exigirmos força, experiência, sabedoria, conhecimentos que ainda não possuam.

Convivendo com os outros é que avaliamos nossos próprios erros de relacionamento e com isto, podemos nos corrigir!...

Assim, nada melhor que orarmos pela harmonia familiar e agirmos como manda o Evangelho, com amor e respeito mútuos, recíprocos, fazendo aos outros aquilo que gostaríamos que fizessem a nós.

Vamos tentar visualizar as sogras:

A sogra “descansada” ou “boa-vida” ou “laissez-faire” (deixar fazer... para ver no que vai dar) não se mete, não “dá bola” se falam mal dela... não estorva, mas também não ajuda... deixa os “santinhos” — seus netos — “pintarem e bordarem”... dizem: “já eduquei(!) os meus filhos” (Será?)

A sogra ditadora mesmo que tente não ser du-rona, mandona e... “chatíssima”(?) é sentida com tal, pelo genro e pela nora. Sabe tudo... manda, não pede... acha-se exemplar... ajuda muito os filhos, genros e noras, mas... como os cobra!

E inteligente, quase sempre; dá uma de “mártir da independência”, de “santa”, de “sábua”, mas sabe revidar, mesmo com “classe”, as ofensas recebidas!

A sogra democrática, acho que é a mais inteligente, pois, não exige, mas consegue, convence, sem impor sua opinião, não trabalha por dez (afinal... não é Amélia), mas faz dez trabalharem voluntária e prazerosamente!

- Qual delas se parece com você?
- Qual delas você gostaria de ter como sogra?

Ah... há alguém pensando, “eu gostaria de me casar com um órfão*. E! assim não teria sogra!

Unir-se a um ou uma “carenciado* ou “carencia-da” de afeto paternal ou maternal é problema maior que ter sogra!

Quantos(as) não sonham achar no futuro sogro ou sogra, um segundo pai, uma segunda mãe?

E um lindo sonho, mas nem sempre o despertar é agradável...

Conheci um jovem, há algum tempo, que desapontou-se com seu sonho de criança sem pai...

Ao casar-se procurou um pai... ofereceu-se ao sogro como “filho*”, mas ele mesmo não tivera “treino* de ser filho de pai — o seu morrera antes dele nascer e ele só conhecera sua mãe...

Seu sogro era apenas um homem bom, reto, honesto, respeitado, mas “cerimonioso”, “positivo* e aparentemente “frio demais’ para o seu coração carente de afeto paternal!...

Até hoje ele guarda sua desilusão...

Quantos rapazes, cujas mães entusiastas, elegantes, exuberantes não procuram tais atributos na futura sogra... ou então, até mesmo características exatamente opostas, contrária àquelas?

É... são ajustamentos inconscientes... São “projeções”, são “transferências afetivas” — estas não resolvem problemas... são um perigo!

Quantas noras não invejam (claro que secreta ou inconscientemente):

- “o charme” de sua elegante sogra?
- as oportunidades que sua sogra teve e que a sua mãe e mesmo ela não tiveram?
- o temperamento de otimista e agradável que a “bendita” sogra tem que, “engole cobras e lagartos”, mas agüenta firme os problemas conjugais e familiares?!

Quanta sogra existe que “usa e abusa’ da paciência da nora, fazendo seu filho — o jovem marido — de seu médico, seu consultor jurídico, seu “quebra-galhos” para consertos, compras e, às vezes até o usando como seu financiador?

Se não nos simpatizamos procuremos agir com empatia, isto é esforçando-nos para compreender as razões, os sentimentos do outro, ou da outra, até que cheguemos à amizade que gratifica a todos.

A empatia, a meu ver é “prima” da caridade.

‘Para, tjettnà e T&çia

Não interfiram nas discussões dos “velhinhos”. Se estão juntos até agora é porque se querem bem e se aceitam do jeitinho que são, até com os defeitos!

Não tomem partido nas discussões e queixas dos mais ou menos “cinquentões”, ainda que um deles seja mais “dádivoso”, mais presenteador e mais “cegos” quanto aos defeitos da gente...

Não os aconselhem — a não ser que peçam — pois quase sempre nem precisam de conselhos, mas podem sentir-se inferiorizados...

Não, filha, filho, nora ou genro, não façam carinho no sogro ou sogra, pois inveja e ciúme não desaparecem com a idade... até aumentam!

Não “convidem” seus sogros(as) para passeios, férias se, secreta e intimamente estão garantindo assim, para suas crianças “pajens” e “babás” amorosas e de confiança, se aceitarem ir...

Depois dos “50” já não se tem “o molejo”, “o fôlego” e a paciência da juventude!

Um conhecido pediatra paulistano, da década de 50, acho que não teve ou não conheceu as senhoras suas avós, tão grande era sua aversão por elas... nem as deixava acompanhar a jovem mãe ao consultório dele!

Há quem diga: “o pai educa, o avô deseduca e o bisavô perverte”...

Evitem falar de seus sogros... “a pedra vai e fica, mas as palavras vêm e vão... e... como as paredes têm ouvidos”, eles sempre ficam sabendo!

Evitem proibir ou zangar-se se os avós derem balas, sorvetes, chicletes aos netinhos insistentes e queridos... afinal ser avô ou avó é querer ser ternura, querer ser doçura!...

Procurem, jovens casais, enxergar as necessidades de seus pais, de seus sogros... eles têm muito amor-próprio e até mesmo certas pontinhas de orgulho... e, ou não sabem ou não querem ou... já... não podem pedir!

Ajude-os com amor e compreensão e nunca lhes cobrem elogios ou agradecimentos... Afinal eles são seus pais.

Bibliografia:

Emmanuel e André Luiz (F.C.Xavier e W.Vieira) — *Estude e Viva. FEB*, cap. “Na Seara Doméstica”.

13 O idoso na família

Elaine Curti Ramazzini Maria Aparecida Valente

O envelhecimento é um processo seqüencial acu- mulativo, irreversível, universal, não patológico de deteriorização de um organismo maduro, característico de todos os membros

de uma espécie, de forma que, com o tempo, o indivíduo se torna incapaz de fazer frente às solicitações do meio ambiente e, portanto, aumenta-lhe a possibilidade da desencarnação.

Inicia-se aos 65 anos de idade o período de velhice, devido ao declínio de certas capacidades do indivíduo e ao abrandamento de suas possibilidades, não só quanto a si mesmo, mas também no que se relaciona ao contexto existencial onde se insere. Acrescentam-se a isto a requisição da aposentadoria e dos benefícios sociais.

Modificações físicas e fisiológicas

São as seguintes as modificações de ordem física apresentadas pelo idoso: declínio da estatura física, arqueamento dos ombros; os braços e pernas podem apresentar pregas; os tecidos subcutâneos perdem a elasticidade; as glândulas sudoríparas e sebáceas atrofiam, apresentando uma pele seca, áspera e enrugada; os movimentos se caracterizam por passadas curtas; as mãos e o rosto tremulam; verifica-se perda de cabelo (calvície, no homem) e perda da cor capilar (branco e cinza predominam); perda dos dentes, o que dificulta a mastigação; as pálpebras empapuçam; os olhos mostram-se sem brilho e aguados, devido ao funcionamento inadequado das glândulas lacrimais; os ossos se tomam frágeis, sujeitos a fraturas; há perda de equilíbrio físico, o que provoca quedas freqüentes; mudanças viscerais são constatadas, por exemplo, atrofia dos testículos, do fígado, dos pulmões e dos rins; a insônia, em geral, é constante na terceira idade; há uma tendência para comer menos, porém mais freqüentemente; a respiração é curta e o ritmo cardíaco acelera-se, levando mais tempo para voltar ao normal e diminuiu a sensibilidade a temperaturas muito baixas.

No que se refere às mudanças sensoriais, constata-se que a visão torna-se menos eficiente, que há falta de acomodação visual, isto é, a incapacidade de focalizar objetos a várias distâncias; a audição vai aos poucos diminuindo, principalmente nos homens e acentua-se a sensibilidade à dor, em especial após os 60 anos de idade.

Vale ressaltar que as mudanças físicas não significam perda de interesse sexual. A menopausa não encerra a vida sexual da mulher; somente marca o fim da menstruação e da capacidade reprodutiva (8).

Mudanças psicológicas

Em nível cerebral, segundo alguns autores, a partir dos 25 anos a 30 anos de idade, o indivíduo vai perdendo células nervosas ou neurônios e, ao atingir a idade de 90 anos, o cérebro normalmente perde cerca de 20% de suas células e o resultado é o aparecimento de “mudanças cerebrais suaves relacionadas com a idade” que incluem a diminuição gradual da capacidade de memorização principalmente para fatos recentes, enquanto aumenta

para eventos remotos. Há redução de mudanças no comportamento afetivo, pequenas desorientações no tempo e no espaço e, como já mencionado acima, distúrbios do sono. Isto tudo, todavia, nem sempre são regras gerais e é certo, também, que a motivação é fator importante na memória e na recordação de fatos.

O idoso, portanto, pode apresentar comportamentos tidos muitas vezes pelos familiares como “não próprios de sua forma habitual de “ser” ou “diferentes”, mas que devem merecer atenção considerável por parte da família. Dentre esses tipos de comportamento, podemos relacionar: ansiedade, depressão, angústia, confusão, temores ou alguns desses sintomas associados.

Quanto ao funcionamento intelectual, nota-se um declínio ligeiro a partir dos 70 anos de idade, com uma aprendizagem mais lenta (3).

Devemos ter sempre em mente que a instalação, por exemplo, de uma crise de depressão no idoso seguida por esquecimentos, pode estar relacionada com: algumas perdas (desencarnação do cônjuge, de filhos ou entes queridos, privação econômica, mudança de residência, etc.); aposentadoria (compulsória ou não); quedas (resultando em incapacidade física ou não); algumas patologias (infecções graves, demências, etc.); internações hospitalares; conflitos em família e a forma pela qual enfrenta e elabora o seu próprio envelhecimento.

Mudanças na ordem social

Com a diminuição da eficiência sensorial, pode ocorrer o isolamento social do ancião. Além do mais, verifica-se um decréscimo de atividades motivado pelas mudanças descritas, atividades estas que, em geral, se tomam mais sedentárias, embora as mulheres mantenham uma gama de interesses mais amplo do que os homens. O egoísmo e o egocentrismo, isto é, a preocupação consigo próprios, com sua saúde, com a sua vida presente, passada e futura constituem características predominantes nesta fase. Daí a importância não só da classe social, mas dos conceitos religiosos que os idosos incorporaram ao longo dos anos para a determinação de seus interesses quando atingirem a velhice (3).

Comportamento patológico

Podemos citar, em primeiro lugar, como comportamento patológico, a demência senil, que é a atrofia e a degenerescência cerebral, que provoca retraimento gradual, de ordem pessoal e social; estreitamento de atividades; perda de perspicácia; resistência geral às inovações e às alterações de rotina; período de confusão; falta de interesse pela aparência, depressão profunda; estado de confusão e desorientação. Depois, vem a arteriosclerose cerebral, que | o bloqueio ou ruptura e arteríolas cerebrais, com o aparecimento de placas senis (depósito de substâncias gordurosas e calcificadas) nas camadas internas dos vasos

sangüíneos e que provocam gradual fechamento dessas arteríolas e conseqüentes distúrbios circulatórios. O início da arteriosclerose cerebral é súbito (um ataque) e o paciente fica confuso, desorientado no tempo e no espaço; fadiga crônica; vertigens, dores de cabeça e períodos de depressão, confusão e perda de memória. Finalmente, no aspecto patológico, vale mencionar o suicídio, cujas tentativas, segundo estatísticas, aumentam a partir dos 55 anos entre os homens e 65 anos entre as mulheres (8).

O idoso na família

Com a expectativa de vida cada vez maior pode-se facilmente deduzir uma organização familiar, também, cada vez mais ampla, de três a quatro gerações presentes, embora nem sempre sob o mesmo teto mas mantendo um relacionamento ativo.

Sabe-se que não existem padrões específicos de comportamento dos idosos: o velho e sua família são a interação entre indivíduos em diferentes fases de vida e, portanto, a reação de cada um diz muito respeito à moral individual, social e religiosa de cada espírito.

E preciso, no entanto, procurar entender o comportamento do idoso na sua família e a relação desta com ele.

Com o crescimento e a emancipação dos filhos e conseqüentemente com o natural envelhecimento, o pai e a mãe que foram o centro do seu grupo familiar quanto à proteção física, econômica e social vão perdendo essa posição.

Se pertencem à família de estrutura rígida, à medida que os pais vão envelhecendo, vão se criando problemas sérios de relacionamento, pois não aceitam as mudanças da juventude em desenvolvimento e, se há avós presentes, os choques podem ser mais acentuados. Por outro lado, numa família de estrutura flexível, a situação se desenvolve mais tranquilamente uma vez que filhos e avós, se presentes, se entrosam mais harmoniosamente. É claro que o processo não é simples, pois há sempre outros fatos pessoais, emocionais e espirituais: as afinidades ou não de vidas pretéritas que influem sobremaneira no contexto familiar.

Numa visão comum, é preciso saber envelhecer, e envelhecer bem significa auto-satisfação; auto-aceitação; sentir-se aceito pela sociedade, desempenhando papéis e obrigações sociais e culturais (2).

Uma pergunta se levanta: qual a perspectiva de vida do idoso em relação à sua família? E importante que os membros da família estejam sempre atentos a alguma mudança significativa, seja ela de ordem física ou emocional e espiritual e que se valham do auxílio de profissionais especializados e sobretudo a sustentação do Mundo Maior para a prevenção e o acompanhamento do idoso.

Como ação preventiva, objetiva-se também sensibilizar os idosos a fim de que procurem compreender e viver o estado evolutivo que atravessam como uma etapa a mais da vida,

mantendo-se no papel sócio familiar reconhecido pelos demais membros da família e da sociedade.

A família continua a ser a melhor garantia do bem-estar material e espiritual de seus membros idosos.

Para o idoso com saúde, numa condição financeira equilibrada, tudo bem. Esta realidade, contudo, não é a tônica da maioria dos idosos em nosso país. Em geral aposentado, sem vínculo com o trabalho, às vezes afastado de amigos e colegas, com baixa renda, sentem-se inseguros, desprotegidos e até mesmo amedrontados diante da possibilidade de serem rejeitados pela família.

Nas cidades pequenas do interior ou do litoral, a situação é atenuada, pois há algo em comum, isto é, um melhor relacionamento entre os da mesma idade, um agrupamento de problemas semelhantes e que, por conseqüência, se amenizam. As famílias se entrosam melhor e a convivência é mais saudável e amiga.

Nos grandes centros, a questão toma outras características. O isolamento é maior e a insegurança e a sensação de fracasso muitas vezes se agiganta. Geralmente, os outros membros da família saem de casa para o trabalho ou estudo, só retornando à noite ou para as refeições rápidas, ficando o idoso sozinho em casa, muitas vezes com obrigações domésticas. Com isto, a problemática vai crescendo, pois esta situação desagradável de solidão só se alivia, ameniza, quando há saúde, disposição e motivação para se distrair fora de casa. Ao contrário a situação muda inteiramente quando o idoso perde a saúde e necessita de cuidados especiais (7).

Há, então, que se tomar providências para o bem-estar não só do idoso, mas também para que se efetive a tranqüilidade de seus familiares, a fim de se evitar problemas muito sérios para todos.

As possíveis soluções

Em vista de todo o acima exposto, toma-se necessário trabalhar num “projeto de vida em família” visando ao bem-estar de todos.

O idoso pode ter ainda muitos anos de vida. Em geral, é alguém com capacidade de trabalho e interesses variados. Toma-se, então, aconselhável pensar com a família:

- Quanto tempo ainda viverá nosso idoso?
- Como pode ele ocupar o seu tempo?
- O que gosta e o que sabe fazer?
- Há deficiências? Em caso positivo, como contorná-las, suplantá-las ou assumi-las?

Fazendo um paralelo com a infância, sabemos que a criança desde os seus primeiros anos de vida necessita de estimulação a fim de que o seu desenvolvimento seja equilibrado. No caso do idoso, também ele necessita de estímulos para viver bem os anos que ainda lhe

restam como encarnado. Trabalho e lazer devem representar-lhe estímulos de vida tanto quanto possível ativa, útil e prazerosa, principalmente se tais atividades não só se direcionarem para o seu próprio bem-estar, mas também em relação aos semelhantes.

E útil e indispensável mesmo a construção de um projeto de vida na velhice. A desencarnação é inevitável. Os cuidados com o corpo físico terminam temporariamente no túmulo. O nosso veículo material é instrumento através do qual planificamos a nossa vida espiritual. Levar, pois, uma vida higiênica, fazer caminhadas diariamente e conviver com outras pessoas constituem meios através dos quais o idoso pode plenificar a sua vida interior e aprender sempre, tendo em vista a eterna vida do espírito.

Ao considerar-se também que o idoso tem necessidades e desejos diminuí muito o atrito familiar, pois, desta forma, cada membro da família respeitará os direitos e a privacidade uns dos outros.

A medida que os filhos aceitam os pais idosos, passam a compreendê-los, apoiando-os em suas necessidades, sem tolher-lhes a liberdade de se expressar e de agir. Sabemos que isto não é fácil, mas quando há conscientização dos filhos o problema torna-se mais fácil (1).

E na terceira idade que se acumula tudo o que fizemos durante a existência na carne. Certamente não é a idade ou a fase pela qual passamos a determinante da nossa felicidade ou infelicidade, mas a maneira como a vivemos, pois é isto que contará para nós, no futuro, enquanto seres eternos que somos.

Joanna de Angelis, pela psicografia de Divaldo Pereira Franco, assevera: “a idade cronológica vale pelas suas conquistas logradas, pelos relacionamentos adquiridos, pela responsabilidade, liberdade e plenitude conseguidas interiormente” (4).

Nossos Centros Espíritas, realmente sensibilizados para o ajustamento fraterno de nossos companheiros mais velhos, propiciarão, sem dúvida, uma adaptação positiva e construtiva, ajudando-os a desenvolverem em si mesmos em cada momento as sementes da bondade e do altruísmo. Oferecendo-lhes o amor, possibilitando-lhes crescer espiritualmente através do desenvolvimento de quaisquer que sejam suas atividades, por mais humildes que possam parecer, ajudá-los-ão a sentir-se mais tranqüilos, confiantes e plenamente identificados com a mensagem cristã à luz da Doutrina Espírita (6).

Relembrando mais uma vez Joanna de Angelis citamos suas exortações: “O idoso amadurecido realiza-se em constantes experiências de amor e vivência culturais e emocionais, sociais, benéficas, livres do passado, das reminiscências que lhes constituem prazer fruído, no entanto, sem sentido.

Como o crescimento do homem maduro não termina, a sua consciência promove-o à certeza de que, desvestido do corpo, ele prosseguirá evoluindo” (4).

O Espiritismo nos concede infinitas condições para um atendimento fraterno ao idoso, pois “quem ama com amadurecimento, plenifica-se com a felicidade do ser amado e beneficia-se pelo prazer de amar”(4).

Conclusões

Importante e necessário se faz a tomada de consciência e sensibilização da família, assim como do Centro Espírita, no sentido de atender aos idosos, melhorando-lhes as condições e qualidade de vida, não só no sentido material, mas também e principalmente espiritual, fomentando-lhes atenção, apoio e fraternidade.

No Centro Espírita, fazer com que o mais velho, na medida de suas possibilidades, sinta-se aceito, respeitado e útil em qualquer tarefa que nela desenvolver. Orientar a equipe familiar no sentido de como tratar os seus idosos, despertando nestes o interesse pelo bom aproveitamento do restante de tempo que lhes foi designado para aprender e evoluir. Incentivar ou, se for o caso, sensibilizar a implantação do Evangelho no lar, a fim de que todos os seus membros se sintonizem com as forças superiores da vida, para que as dificuldades muito naturais do relacionamento em família possam ser enfrentadas e vencidas.

Bibliografia:

1. Abujadi Etalü, Quando os Pais viram Filhos, Folha Espírita, maio de 1993, página 6.
2. Apostila do Grupo de Assistência Multidisciplinar ao Idoso Ambulatorial (gamia), do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Relatório da prática em evolução. S. Paulo, Ed. Bayer, 1991.
3. Brink, T.L. Psicoterapia Geriátrica. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1983.
4. Joanna de Angelis (D.P.Franco) . Momentos 40 Consciência. Livraria Espírita Alvorada.
5. Kaufmann, T. A Idade de Cada Um - Vida Plena na Terceira Idade. Petrópolis, Editora Vozes, 1985.
6. Ramos, L.D. - Reflexões em tomo da Terceira Idade, Revista O Médiun, Ano 60, ns 570, 03 e 04/93.
7. Skinner, B. F. et al. Viva bem a Velhice, S. Paulo, Summits Ed., 1985.
8. Telford, C.W. et al. O Indivíduo Excepcional, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

14 A criança

Elaine Curti Ramazzini

Características psicológicas

Todos sabemos que o espírito reencarnante já traz consigo as impressões e experiências vividas no pretérito que, somadas à sua percepção muito particular quanto à análise que faz desse acervo de vivências, caracterizam-no como ser impar, único e o identificam na sua individualidade (2).

Guardadas, pois, essas considerações, há que se considerar que, enquanto ser humano, os indivíduos apresentam, a grosso modo, as mesmas características em seu desenvolvimento.

Dentro, pois, deste contexto, vale transcrever os principais itens que, num nível psicológico, são observados na criança ao longo de seu processo de crescimento (3,4 e 5).

Crianças de 4 a 6/1 anos de idade, apresentam grande atividade física (correr, pular), dificuldade na execução de pequenos movimentos (cortar, encaixar, dar laço, etc...) e os sentidos se apresentam em franco desenvolvimento: especialmente o tato, isto é, a necessidade de “ver com as mãos”, apalpar para adquirir noções de peso, de maciez, etc. Quanto à audição, a criança dessa faixa etária sente satisfação com o ruído: gritar, bater tambor, etc. Já no que diz respeito à visão, o pequeno satisfaz-se com gravuras e brinquedos de cores vivas. O egocentrismo, ou seja, a incapacidade de perceber outro ponto-de-vista que não o seu, também é característica desse período infantil, aliada à necessidade que a criança tem de receber atenção. Sua imaginação é fértil e a atenção é espontânea e instável e o seu raciocínio é pré-lógico, fantasista, cheio de confusão. A curiosidade, nessa fase, é intensa (é a chamada fase dos “porquês”), associada à grande capacidade de afeições, de imposição e a um grande apego à figura materna. A roda cantada, as representações em geral favorecem a socialização. Seus interesses vão dos mais gerais, independentemente do sexo a que pertença, até os concretos, isto é, a criança só se liga àquilo que pode ver e tocar, ou o seu mundo: brinquedos, animais, pais, irmãos etc. e imediatos ou os que precisam ser satisfeitos incontinenti.

Já as crianças de 7 a 10/11 anos apresentam uma socialização maior, coincidindo com a sua ida para a escola. O raciocínio apresenta-se mais lógico, realista, correspondendo aos fatos como são apresentados. A curiosidade é mais ordenada e a imaginação mais controlada. E nessa fase que se inicia a atenção voluntária e a capacidade de memorização de idéias abstratas, bem como o início do movimento de independência com relação à família. A valorização da mãe ou do pai se faz no mesmo nível daquele da professora ou do professor. E nessa faixa etária que surgem os grupos de amigos, a “turma”, com a qual mantém ótimas relações. Seus interesses vão dos especiais diferenciados pelo sexo e pela influência do meio. Assim, os meninos desenvolvem atividades mais agitadas, seus brinquedos são mais agressivos e suas leituras preferidas são aquelas das aventuras heróicas. Já as meninas preferem atividades mais calmas, brinquedos mais afetuosos e leituras fantasias e românticas. Ambos os sexos, no entanto, colecionam, compram, vendem e trocam. Mais econômica com o corpo do que o pré- escolar, a criança dessa faixa etária gosta de realizar tarefas mais difíceis, porém com menos consumo de energia e esforço diversificado.

A criança e a doutrina espírita

Consultando a orientação que os espíritos deram a Allan Kardec(2) sobre a importância do período infantil, verificamos que: “encarnando, com o objetivo de se aperfeiçoar, o Espírito durante esse período, é mais acessível às impressões que recebe, capazes de lhe auxiliarem o adiantamento, para o que devem contribuir os incumbidos de educá-lo.”

(grifamos)

Ora, entendemos nossa contribuição enquanto pais e orientadores da criança no lar como um processo de sensibilização no sentido de auxiliá-la a perceber e a decodificar as mensagens do mundo sob uma ótica mais consentânea com a própria postura espírita.

A criança, a televisão e o cinema

A televisão para a criança, por exemplo, é, atualmente, o seu passatempo favorito e, assim, ela passa horas e horas em frente ao vídeo, assistindo a desenhos animados, cinema e programa infantis, quando não novelas para adultos.

Desligar o aparelho de TV nestes momentos não será certamente a melhor maneira de abordar o assunto. No entanto, conversar com ela sobre os valores que são passados pela televisão constitui o meio mais conveniente de fazê-la perceber e entender a escala de valores morais que reputamos como correta, porque baseada em nossa visão espírita de homem e de mundo.

A criança e as leituras

Quanto às leituras de maneira geral, percebemos hoje em dia um pouco caso do público infantil quanto às histórias infantis. De um lado, reconhecemos que os livros, muitas vezes de alto poder aquisitivo, não atraem os pais que preferem adquirir revistas em quadrinhos, cujos balões são fáceis de ler e os infantes preferem-nas porque não exigem muito deles; por outro lado, a escassez de obras infantis ou a inconveniência de algumas delas que para serem modernas até nomes feios trazem, não se mostram muito estimuladoras e nem aconselháveis para serem oferecidas à criança.

No que se refere às obras infantis espíritas, com raras exceções, contém erros doutrinários que melhor seriam não estarem à disposição dos pequeninos.

A criança e o supérfluo – nível e padrão de vida

A atmosfera do lar ditará os objetivos a serem atingidos pela criança. Ela dará valor ao que lhe for apresentado como valioso. O lar, onde o ideal do sucesso gire em torno de bens materiais, obtenção de riqueza, conquista de cargos elevados, influenciará no psiquismo infantil infalivelmente. Assim, o ideal a ser apresentado à criança deve ser o que lhe proporcione satisfação íntima, felicidade. Esse ideal consiste em realizar, pelo próprio esforço, algo útil em que ela está interessada. Se a criança baseia seus julgamentos e valores no esforço, ela poderá apreciar as realizações alheias sem inveja ou despeito (1).

Também, assim, a noção de suficiência ou de supérfluo será passada pelos costumes e modo de vida dos pais. O fato de termos abraçado a Doutrina Espírita e também por entendermos que a verdadeira vida é a do espírito não nos impede que vivamos de acordo com os padrões de conforto e bem-estar, tão característicos de nosso século. No entanto, o que não podemos julgar correto é com a preocupação excessiva em relação aos bens materiais; um atirar-se incoseqüente e a todo custo, para ter o que os outros, na mesma situação financeira que a nossa, possuem. Certamente, estes valores impressionam e influenciam a criança, quer os pais admitam aberta ou veladamente.

A criança e os brinquedos agressivos

Enfatizamos acima que a atmosfera no lar ditará os objetivos a serem atingidos pela criança, pois ela é nesse período “mais acessível”(op. cit.) às orientações que receberá em casa. Por conseqüência, brinquedos agressivos não auxiliarão o espírito aturdido e perturbado a trabalhar a paz dentro de si mesmo, obstando o reencontro consigo mesmo, num processo de harmonização com as suas contradições. Compete, entendemos assim, aos pais a tarefa de ajudar o filho nesse importante cometimento.

A criança frente à desencarnação de familiares

A Doutrina Espírita é clara e precisa quando nos orienta sobre a necessidade da desencarnação bem como da reencarnação. E importante, portanto, irmos já passando às crianças esses conhecimentos, fazendo-as irem aos poucos familiarizando-se com o falecimento de familiares e apontando-lhes o imperativo de aprendizagem e resgate de faltas e aprendizagem somente possível através das vidas sucessivas. Se, em nosso lar, esses assuntos forem objeto de comentários no momento do Evangelho no Lar, nas conversas “ao pé do fogo”, enquanto a família estiver reunida, a criança passará a ver no processo desencarne-reencarne um fato natural da vida e a compreender que a reencarnação é oportunidade bendita de recapitulação de experiências.

O filho doente dentro do lar

A família que tem como meta a ser atingida a compreensão cada vez maior das Leis Divinas, certamente oferecerá aos seus membros uma visão mais real, mais otimista, do porquê do filho doente dentro do lar; do porquê desse impedimento do espírito na consecução dos objetivos que, segundo nosso ângulo imediatista, ingênuo e egoísta, não consegue atinar para a necessidade temporária dele passar por essa prova, a qual os demais

familiares também estão ligados por compromissos anteriormente assumidos.'

A espera do novo filho

No que tange à espera do novo filho, o lar que pauta sua vida à luz dos ensinamentos de Jesus, clareados pelos contributos do Espiritismo, criará, em torno de seus membros, um clima de alegria, esperanças renovadas e oportunidade bendita, de encontro e reencontro, de ensino e aprendizagem. A criança, mesmo preguiçada para o nascimento do irmão, poderá apresentar, durante certo período de sua vida, um certo ciúme porque o menor lhe tomou o lugar. No entanto, o cuidado dos pais, redobrando atenções e cuidados com o filho maior, quase que na mesma proporção daquela dispensada ao recém-nascido, ajudará o irmão ou irmãos mais velhos a entenderem o quanto de cuidado deve o pequenino, por certo, devido à sua fragilidade física, inspirar à mãe e ao pai.

Um lar onde reinem o diálogo, a compreensão e, sobretudo, o amor, oferecerá condições ao espírito reencarnante para que se oriente em bases mais seguras e tranquilas.

Bibliografia

1. Foster, J. — *Desenvolvendo a Responsabilidade na Criança*. S.Paulo, Editora Fundo de Cultura.
2. Kardec, A. — *O Livro dos Espíritos*. FEB.
3. Piaget, J. — *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro, Ed. Forense.
4. Piaget, J. — *Psicologia del Niño*. Madrid, Ediciones Morata.
5. Rappaport, C. R. — *Teorias do Desenvolvimento*, S.Paulo, EPU Vols. 1, 2 e 3.

15 A adolescência e seus

Elaine Curti Ramazzini

Conceituação

A adolescência é uma fase de confrontação e de crise, que faz com que o jovem confronte a moral própria, individual, com os valores familiares e, por extensão, com os sociais, hoje-em-dia de uma sociedade consumista, competitiva e imediatista. Época de grandes transformações, a adolescência caracteriza-se pela perda do corpo infantil e aquisição do corpo de adulto. Exige-se do jovem responsabilidade ante tarefas adultas novas e, ao mesmo tempo, por temer-se que ele não tenha condições de enfrentar a vida lá fora, cuida-se dele como se fosse um bebê. Daí os conflitos vividos pelo adolescente que, embora não adulto, criança também não o é. Os problemas da adolescência dizem, portanto, respeito àqueles relacionados com o desenvolvimento do corpo físico, com a visão que o

próprio jovem tem de si mesmo e com a expectativa que os outros possuem em relação a ele. Daí o grande impasse a ser transposto nessa faixa etária. A Doutrina Espírita vem esclarecer-nos quanto a importância espiritual da adolescência e do relacionamento mantido pelo jovem dentro e fora do lar, como imperativos para que o processo de renovação interior se efetue de maneira consciente e responsável. A delinquência infanto-juvenil é analisada também neste trabalho, sob a ótica do Espiritismo que, por sua vez, esclarece os desajustes sociais em que vive o espírito aturdido de nossos dias.

Características psicológicas da adolescência

No livro *A Construção Social da Realidade*, Peter I. Berger fala que na infância “os outros significantes” (pais e familiares) são vitais para o desenvolvimento da socialização da criança, uma vez que ela acredita no amor e no poder dos pais, na legitimidade das normas sociais e na verdade dos ensinamentos religiosos, morais etc.

Já na adolescência, na primeira grande crise, o que a criança adorava só é admissível em termos ou simplesmente descartável. E a adolescência o período de reorganização e avaliação dos modelos infantis. Na fase jovem, há a formação do “outro generalizado”(amigos e colegas) na consciência, o que marca uma etapa decisiva na socialização, uma vez que são levados em conta os outros e não somente os familiares.

Dizem os sociólogos que a identidade, formada por processos sociais, é o elemento chave da realidade subjetiva e sua organização constitui a etapa central na evolução do ciclo vital humano.

No processo de configuração da identidade, surgem, certamente, as crises inevitáveis e necessárias para que o jovem possa fazer escolhas dentro do mundo. Tais crises trazem prós e contras que provocarão ressonância nos pais, uma vez que haverá retomada por parte deles dos mesmos conflitos vividos quando passaram pela adolescência. E a chamada “síndrome da ambivalência dual”, isto é, a crise vivida a dois: por filhos e pelos pais, que revivem os problemas anteriormente experienciados nessa fase. Quando os pais se sentem seguros, se vêem menos ameaçados pelos caminhos que os filhos tomarem.

A adolescência é o momento ambíguo, de aquisição e perda. Aquisição de experiências antes não vividas enquanto na infância, e perda do corpo infantil, uma vez que se dá o crescimento físico bem como todas as modificações dele decorrentes (11).

Segundo J. Piaget, a maturação do instinto sexual é marcada tanto por desequilíbrios momentâneos, que dão colorido afetivo, característico a todo este último período da evolução psíquica, como por uma visão onipotente do adolescente, que se percebe com poderes multiplicados. Tais poderes, de início, perturbam a afetividade e o pensamento,

mas depois os fortalecem, pois lhes concedem um equilíbrio superior ao que existia na segunda infância[©].

Comparado a uma criança, o adolescente é um indivíduo que constrói sistemas e teorias (escrevem e falam) e ruminam as produções pessoais secretas; intimamente apresenta, ainda, grande interesse por problemas e pelas relações do dia-a-dia. É nesta fase do desenvolvimento que ocorre o pensamento formal; as operações lógicas começam a ser transpostas do plano da manipulação concreta para o das idéias expressas em linguagem (palavras ou símbolos matemáticos).

O pensamento formal é o “hipotético-dedutivo”, capaz de deduzir as conclusões de pura hipótese e não somente através da observação real. As operações formais dão ao pensamento um novo poder que consiste em destacá-lo e libertá-lo do real, permitindo-lhe construir a seu modo as reflexões e teorias.

A inteligência marca a libertação do pensamento; livre a atividade da reflexão espontânea. O egocentrismo intelectual se manifesta na onipotência da reflexão, como se o mundo devesse submeter-se aos sistemas e não estes à realidade.

A adolescência é a idade metafísica por excelência: o “eu” é forte o bastante para construir o universo e suficientemente grande para incorporá-lo.

Na adolescência, como em todas as outras fases da vida, o comportamento resulta da interação que se verifica entre o indivíduo e o meio. O desenvolvimento na fase infantil proporcionou a estrutura da personalidade e certas maneiras peculiares de o jovem ou a jovem comportar-se e relacionar-se com os outros (adaptação e defesa) e ainda certos conflitos implícitos (2, 5, 9 e 10).

Há duas fases da adolescência: a primeira, a grosso modo, que vai dos 10/11 anos até os 16 anos de idade e a segunda, também de maneira geral, a partir dos 16 anos de idade até o início da fase adulta (4).

Analisando o período da adolescência, J. Márcia, citado por Rappaport, assinala que este é caracterizado pela reorganização e avaliação dos modelos infantis e que é nesta etapa da vida que surgem as crises inerentes ao processo de configuração da identidade.

A identidade é o elemento chave da realidade subjetiva e podemos dizer que ela se forma por processos sociais, constituindo a etapa central na evolução do ciclo vital humano.

Verificam-se três tipos de identidade na adolescência:

- a. sexual — definição de papéis sexuais;
- b. profissional — reconstrução interna (“eu sou em parte aquilo que faço”);
- c. ideológica (“eu sou”) — posicionamento no mundo.

As crises pelas quais passa o adolescente são de vital importância para que ele possa fazer as escolhas dentro do mundo. Por certo, as crises trazem prós e contras, mas crises e engajamento constituem etapas sucessivas e decisivas para a configuração da identidade, segundo J. Márcia.

Para esse autor, cada aquisição se realiza em duas etapas: crise e engajamento, isto é,

- 1.ª — O indivíduo passa pela crise (momento no qual várias possibilidades se descortinam);

- 2.ª — Engajamento com a opção efetuada e incorporação da escolha.

Há quatro posicionamentos básicos diante da identidade:

1. Moratório — característico da adolescência inicial. O adolescente está dentro da crise, mas não são feitos engajamentos. O jovem diz que pretende estudar, mas fica indeciso diante de outras perspectivas.

2. Aquisidor — característico do indivíduo maduro, seguro e sadio, que enfrenta crises e questiona opções.

3. Impedido — característico do adolescente que fez engajamentos, porém não passou pela crise. (“Venho de família de médicos, por isso, resolvi também ser médico”). Este tipo de engajamento é perigoso, pois poderão eclodir crises tardias que redundarão em problemas seríssimos para o indivíduo.

4. Difuso — característico do jovem que nem passou pela crise nem se engajou. A ele só importa viver o agora, não se importando em estabelecer para si nenhum projeto futuro de vida.

Há dois tipos de adolescente difuso: a) o bem adaptado, que compreende as regras do jogo social e adapta-se às circunstâncias para tirar todo o proveito possível e b) o mal adaptado, aquele que vive sem valores e isola-se do grupo social. São os pseudo-artesãos, sem origem, sem destino (11).

Como características gerais da adolescência, temos ainda:

- crises de religiosidade (“por que seguir a religião dos meus pais?”);
- crises reivindicatórias (“meus pais têm obrigação de dar-me o que estou querendo”);
- atitudes defensivas;
- tendência grupai, que auxilia na configuração da identidade — o grupo, muitas vezes, é mais importante do que a família;
- desestruturação temporal — o tempo vivencial maior do que o cronológico (a jovem está mais preocupada com o baile de formatura que ocorrerá no fim do ano do que com a prova de que necessita de nota e que foi marcada para a semana seguinte);
- contradições;
- constantes flutuações de humor;
- etc (2).

A dolescência e a doutrina espírita

Sob a ótica da Doutrina Espírita, consultemos a 2^ª parte, Capítulo VII, de O Livro dos Espíritos: “Que 1 o que motiva a mudança que se opera no caráter do indivíduo em certa

idade, especialmente ao sair da adolescência? É que o Espírito se modifica?“, Allan Kardec recebeu a seguinte resposta: “E que o Espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra qual era...”(8)

Ora, queremos entender que, na fase que antecede a fase da madurez, isto é, a da juventude, o jovem ainda não é adulto. Ele está tão-somente numa outra etapa de seu desenvolvimento, etapa esta difícil como vimos acima, não só pelas mudanças de ordem biológica, mas também psicológica e social, e que necessita, mais do que nunca, de orientação e amparo para que esteja bem consigo mesmo, com o próximo e com Deus, conforme leciona Kardec nas notas à questão 617 do livro acima citado. Esta fase é como as demais fases do desenvolvimento humano — de grande importância para o espírito que está se preparando para, ao assumir a sua verdadeira identidade, efetuar uma verificação de seus valores individuais e definir-se enquanto ser eterno.

Diante das considerações acima, cumpre-nos perguntar:

— Se o jovem e a jovem estão vivendo uma fase de crise, de identificação e confusão, acrescida do fato de lhes faltar maturidade e perspicácia na análise das opções, como deixá-los ao sabor de suas idéias contraditórias e inseguras?

Relacionamento fora do lar – atitude dos pais perante o filho adolescente

Numa sociedade consumista e competitiva, como esta em que vivemos atualmente, as intermitentes sugestões que surgem de todos os lados não poderiam deixar de alcançar o jovem e a jovem que, inseguros quanto às próprias definições, vêm-se impulsionados a seguir aquela ou aquelas que melhor lhe atendem aos impulsos e direcionamentos interiores, conquanto saibamos nem sempre os melhores. Assim, cumpre aos pais e orientadores do adolescente acompanhá-lo em seu desenvolvimento, não perdendo de vista a necessidade do diálogo, do companheirismo e da atitude de respeito que deve nortear toda e qualquer comunicação com eles(6), respeitando-lhes as inclinações e características individuais, mas apontando-lhes as vantagens e desvantagens dessa ou daquela opção, segundo a visão espírita. Os orientadores e responsáveis pelo jovem não poderão perder de vista a tarefa de auxiliá-lo através do exemplo e do respeito à sua individualidade no sentido de que ele “busque infatigavelmente equilíbrio e discernimento na sublimação das próprias tendências, consolidando maturidade e observação no veículo físico, desde os primeiros dias da mocidade, com vistas à vida perene do Espírito. Os compromissos assumidos pelo ser reencarnante têm começo no momento da concepção* (1).

Ensinam-nos os amigos espirituais que a delin- quência infanto-juvenil é o substrato de experien- çações menos felizes vividas pelo Espírito inconse- quente que muitas vezes

oriundos de mundos inferiores receberam da misericórdia de Deus a oportunidade de reencamarem em mundos um pouco mais evoluídos a fim de que, em contato com pais e orientadores responsáveis, recebam o quanto necessário para a sua retificação espiritual. Certamente, continuam os Benfeitores Maiores, as causas da delinqüência infanto juvenil podem ser endógenas (oriundas do próprio espírito recalcitrante e imperfeito) ou exógenas (fruto do meio ambiente reforçador e carente, espiritualmente considerado) (7). A tarefa dos pais junto ao filho delinquente são, na verdade, desafiadoras e amargas; no entanto, a Doutrina Espírita, em sua mensagem consoladora e estimuladora, pode servir de meio efetivo, através do qual esses orientadores no lar, compreendendo-lhe a grandiosidade do empreendimento que lhes foi assinalado, realizem a tarefa de renovação do espírito, por meio desse cadinho purificador, único capaz de despertar consciências.

Idealmente, o término da adolescência se caracteriza:

- pelo fato de ter conseguido a separação e a independência dos pais;
- pelo estabelecimento da identidade sexual;
- pela submissão ao trabalho;
- pelo desenvolvimento de um sistema pessoal de valores morais;
- pela capacidade de relações duradouras e de amor sexual;
- pelo regresso (no sentido de reconhecimento) aos pais numa nova relação baseada numa igualdade relativa (4).

Contribuir para que o espírito se reequilibre em novas bases, bases estas por nós entendidas como a vivência dos ensinamentos do Cristo à luz dos conteúdos espiritistas constitui-nos tarefa emergencial e impostergável, sem a qual ser-nos-á impossível construir o reino de Deus que, ínsito no coração das criaturas, está aguardando mãos firmes para a sua real e efetiva edificação.

Bibliografia:

1. André Luiz (W.Vieira) — *Conduta Espírita*. FEB.
2. Cardoso, O.B. -- *Problemas da Adolescência*. S.Paulo. Ed.. Melhoramentos.
3. Churchill, E.M. — *Los Descubrimientos de Piaget y dei Maestro*. Buenos Aires: Paidós.
4. Comitê Sobre Adolescência do Grupo Para o Adiantamento Da Psiquiatria(E.U.A.). — *Dinâmica da Adolescência*. S.Paulo. Ed.. Cultrix, 1968.
5. Elkind, D. — *Desarrollo Normal y Anormal dei Adolescente*. Buenos Aires. Paidós.
6. Ginotti, H. G. -- *Between Parent and Teenager*. New York. Avon, 1971.
7. Joanna de Angelis, (D.P.Franco) — *Após a Tempestade*. Salvador. Livraria e Editora 'Alvorada*.
8. Kardec, A. - *O livro dos Espíritos*. Federação Espírita Brasileira.
9. Piaget, J.-* *Psicologia del Nino*. Madrid: Ed. Morata, 1975.

10. Piaget, J. -• Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro, 1972. 6ª Ed.

11. Rappaport, C.R. -• et al. Psicologia do Desenvolvimento v (A idade escolar e a adolescência) S.Paulo: EPU, 1981 — 1982

16 Disciplina e liberdade

Elaine Curti Ramazzini

Introdução

O instinto gregário, que se verifica em todos os seres, é um dos principais responsáveis pelo bom ou mau ajustamento da criatura ao meio do qual participa. Se as condições ambientais são aconselhadoras e responsivas, o ser terá meios de sobrelevar-se às dificuldades e encontrar caminhos para uma vivência tanto quanto possível harmoniosa; ao contrário, se o meio ambiente for refratário ou agressivo, mais dificuldades terá a criatura de se ajustar a ele, pois seus anseios e necessidades fundamentais não encontrarão atendimento adequado.

Liberdade segundo a doutrina espírita — liberdade e responsabilidade

Compulsando O Livro dos Espíritos, recebemos o seguinte esclarecimento:

“... Desde que juntos estejam dois homens, há entre eles direitos recíprocos que lhes cumpre respeitar; não mais, portanto, qualquer deles goza de liberdade absoluta” (3).

Em se tratando de educação no lar, não podemos perder de vista que liberdade e responsabilidade estão mutuamente correlacionadas, sem o que seria difícil para nós compreender a Doutrina Espírita e a coerência que governa seus princípios lógicos, impulsionadores e renovadores.

Num lar, onde reine o respeito ao momento e ao estágio do outro, onde as almas exerçam a liberdade que lhes é própria, no pensar e segundo a sua consciência esclarecida, haverá, por certo, clima propício para o desabrochar das virtudes maiores de todos os espíritos chamados a conviver numa existência comum e limitada, como é a vida em família.

A responsabilidade quanto ao uso da liberdade dará condições ao espírito para reajustar-se em bases mais sólidas, recapitulando as lições de vidas anteriores, de maneira mais consentânea com os princípios de justiça, amor e caridade.

Disciplina e formação de hábitos

Os orientadores da criança no lar, os pais e os responsáveis, deverão levar em conta certas características psicológicas dos filhos para entender efetivamente suas necessidades e sua maneira de ver o mundo (1,4 e 5).

Assim, durante os primeiros anos de vida, a criança deverá receber toda a atenção para que o seu desenvolvimento físico e psicológico ocorra de maneira disciplinada. A troca de fraldas, o horário das mamadas, o controle dos esfíncteres entre outros hábitos são importantíssimos nessa fase da vida do bebê, pois sedimentarão atitudes que se repetirão durante todo o transcorrer da sua vida. O pequenino deve, desde a mais tenra idade, ir habituan-do-se à disciplina, recebendo do ambiente exterior os princípios de ordem para que estes já vão se incorporando à sua vida. Ser, portanto, atendido em suas necessidades primárias é básico em termos de um sadio desenvolvimento físico e psicológico, porém que esse atendimento se faça de maneira condizente com os seus reais reclamos, não de forma indiscriminada, sem pretexto algum e a qualquer hora.

Limites para a liberdade

Quando a criança cresce, seu egocentrismo parece acentuar-se com reflexo e continuação de etapas anteriores em que foi o alvo das atenções. A fim de educá-la é indispensável que, em idades posteriores, ela seja “frustrada” em seus desejos, claro que não naqueles relativos à segurança e às necessidades básicas primárias. Dizer “não” à criança algumas vezes, mormente se ela fez o que não devia, quando sabia o que seria correto, | um modo de fazê-la compreender que não pode tudo, que há limites a serem observados...

Entendemos como importantíssimo apontar esses limites para a criança, pois ela ainda não consegue dar-se conta de sua relevância em virtude do estágio de desenvolvimento em que se encontra e auxiliá-la nesse sentido parece-nos tarefa impostergável, a fim de que ela já vá se preparando para os “nãos” que a vida estiver lhe reservando.

Castigos e recompensas

As chamadas punições ou castigos — nunca físicos, embora umas palmadinhas no bumbum algumas vezes sejam aconselháveis — devem ser sempre empregados imediatamente à falta cometida e sempre na mesma proporção desta, devendo ainda serem coerentes como que se espera da criança daquela faixa de idade. Castigos violentos geram sentimentos de revolta, pois a criança sente-se pequenina demais para defender-se. Por outro lado, todos sabemos que castigos longos traumatizam mas não corrigem e que os freqüentes e dados em público, além de levar a criança ao subterfúgio e ao descaso humilham-na.

A finalidade de uma punição é a de fazer com que a criança distinga o certo do errado, se ela fez-se surda aos nossos conselhos. Deixá-la isolada por algum tempo, privando-a de seu brinquedo ou passatempo favorito ajudá-la-á a compreender o que fez e, futuramente, ela tudo fará para evitar comportamentos divergentes.

Vale ressaltar ainda o aspecto das ameaças: uma coisa é fazer a criança ciente da responsabilidade por uma conduta má; outra é rodeá-la de intimidações que podem acovardá-la.

Vejamos agora, um pouco sobre recompensas. Todos nós gostamos de ver os nossos esforços recompensados: isto é natural em todo ser humano. Bajulação, no entanto, demonstra fraqueza e representa apelo injusto ao sentimento da criança que se sentirá traída e aborrecida com o fato. Recompensar, com palavras de ânimo e incentivo, uma boa ação da criança afagando-lhe os cabelos, beijando-a e acariciando-a, parece-nos uma atitude coerente, positiva e feliz da parte dos pais em relação aos filhos.

Há pais, no entanto, que preferem recompensar o bom comportamento dos filhos, dando-lhes presentes e coisas dispendiosas. Tal procedimento é de foro íntimo de cada pai ou mãe, no entanto “negociar* certos comportamentos desejáveis em troca de presente e brinquedos assemelha-se mais a suborno ou chantagem que só pode levar a criança a uma atitude de deserespeito e descaso para consigo mesma e para com os semelhantes. O pequeno deve sentir que um procedimento correto pode trazer-lhe benefícios inestimáveis pela alegria de uma atitude de respeito e consideração para consigo mesmo e para com os outros e que isto o ajudará a viver de maneira mais cristã.

Resumindo, poderíamos enfatizar quanto à disciplina e liberdade, castigos e recompensas, que os nossos filhos devem ser preparados para uma vida futura útil e cristã. Tudo o que fizermos no sentido de que eles possam configurar o mundo de maneira a aprender a ceder, quando necessário, mas a posicionar-se, sem ofensa aos demais, conquistando o seu espaço não só dentro de si mesmo, mas na família e na sociedade em que vive, estaremos pre-parando-os para as surpresas da vida lá fora.

Mentiras infanto-juvenis

Há uma fase na vida da criança em que a fantasia constitui a razão de ser de seu existir. Assim, muitas coisas que nos são passadas por ela representam meros frutos desses sonhos infantis. E a chamada fantasia dos primeiros anos de vida. Compreender, portanto, tais “mentiras” como características dessa faixa etária ajudar-nos-ão a dialogar e a comunicarmo-nos com as nossas crianças de maneira natural e compreensiva. No entanto, passado esse período, convém prestarmos mais atenção às mentiras das crianças para verificar se elas surgem para chamar a nossa atenção. Nesse caso específico, poderão elas representar uma necessidade de carinho ou a criança estará sentindo-se desprezada, por

exemplo, pelo nascimento de um outro irmão ou irmã? Não raras vezes, a criança pode ter de si mesma uma rebaixada auto-estima, o que a leva a chamar a atenção dos que a cercam com manhas e birras. E preciso verificar a causa desse comportamento: estaremos fazendo distinção e diferença entre nossos filhos, mesmo que involuntariamente? Como isso é decodificado pela criança?

Disciplina no lar e na sociedade - diálogo familiar - respeito às diferenças

Ser pai ou mãe não é tarefa fácil: somos todos espíritos em processo de reajuste e aprendizagem, a fim de podermos lidar com as nossas contradições e as contradições daqueles que nos são caros. Se houver disciplina no lar, esta se estenderá certamente à sociedade como um todo e ajudará a criança a viver bem no sentido amplo e espiritualizado do termo, isto é, a conscientizar-se e respeitar o modo de ser dos seus semelhantes.

O diálogo no lar, a troca de impressões e o esclarecimento de conceitos e idéias favorecerão sobre maneira o desenvolvimento e o aprimoramento do “eu”, promovendo o seu reajuste e sensibilizando-o para as grandes conquistas do espírito no seu processo evolutivo.

Reconhecendo-se repleto de contradições e imperfeições, mas com um direcionamento crístico que cada criatura traz consigo mesma (“Vós sois deuses” — Jesus), a criança e o jovem desenvolverão um conceito positivo, otimista e feliz em relação a si mesmos, auto-apoiando-se e dilatando suas possibilidades não só em benefício próprio, mas em favor de todos quantos se lhe vierem compartilhar da existência. Obviamente, concluímos, isto constituirá sempre um desafio que se encarado de frente e resolutamente os ajudarão a crescer. Daí a necessidade do “vigiai e orai” a que se referia Jesus e do constante espelhar-se nas lições passadas e exemplificadas pelo Divino Amigo (2).

Bibliografia:

1. Churchill, E.M. Los Descubrimientos de Piaget y dei Maestro. Buenos Aires, Paidós.
2. Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. FEB.
3. Kardec, A. O Livro dos Espíritos, FEB, parte 3*, cap. X.
4. Piaget, J. Psicologia dei Nino. Madrid, Ed. Morata.
5. Piaget, J. Seis Estudos de Psicologia. Rio de Janeiro, Ed.Forense.

17 Educação formal

Iolanda Húngaro

Primeiramente vamos diferenciar educação que se realiza naturalmente, por influência do meio, isto é, do grupo em que se vive, educação espontânea ou indireta, da educação transmitida sistematicamente por educadores, educação direta ou formal.

A pedagogia, teoria e ciência da educação, tem se preocupado em agrupar elementos que sirvam de base ao processo educacional como um todo, valendo-se da Biologia, Psicologia e Sociologia para fornecer um conjunto de técnicas que se somam à sensibilidade do educador para melhor atuar nesse campo fundamental da vida humana. Não basta a sensibilidade, o desejo de exercer-se a ação educativa baseada em emoções, afetividade. É necessário que o educador se instrua, esteja aparelhado de técnicas que o coloquem com espírito crítico diante das atividades que pretenda executar. Já os antigos gregos utilizavam o termo “técnica para com ele distinguir as práticas conscientes e refletidas susceptíveis de organização e transmissão, de outras não fundadas.”

A Biologia fornece elementos que caracterizam o indivíduo do ponto de vista físico, sua herança genética, suas potencialidades, seu desenvolvimento biológico que se caracteriza e aponta fases de aptidões que são próprias de determinados momentos desta evolução.

A Psicologia contribui com elementos que vão fornecer dados inerentes ao desenvolvimento psíquico do indivíduo. Estuda ações e reações apontando caminhos que levam o educador a melhor compreensão do comportamento do educando. O desenvolvimento físico e psíquico são dois aspectos do desenvolvimento vital, e estão intimamente relacionados.

A Sociologia contribui com elementos para a análise das relações dos indivíduos no grupo em que vivem, insiste na dimensão socializadora do processo educacional.

Nesta sucessão de fatos, que soma educação espontânea e educação formal, estão envolvidos todos os participantes do grupo, num convívio que promove a troca de experiências, e, conseqüentemen- te, a formação do indivíduo.

Para Durkheim, educação é “a ação dos adultos sobre crianças e adolescentes”.

Nesta linha de pensamento, temos que reconhecer o importantíssimo papel que os pais representam no processo educacional. Esta responsabilidade vem sendo discutida nos meios espíritas desde Kardec. Podemos observar, nestas palavras da Revista Espírita, de fevereiro de 1864, que o preparo dos pais era, então de suma importância: “Sendo os primeiros médicos da alma dos filhos, deveriam ser instruídos, não só de seus deveres, mas dos meios de os cumprir. Não basta ao médico saber que deve procurar curar: é preciso saber como agir”.

Em relação à educação formal, a responsabilidade começa muito cedo. E a primeira

preocupação surge já no momento em que o pai deve fazer a escolha da escola.

A escolha da escola

Sabemos que a escola ideal não existe; existe a escola possível, criada, mantida e frequentada por indivíduos que compõem grupos heterogêneos que agem e interagem, num processo de trocas — influências benéficas e perversas. E neste ambiente que o pai vai introduzir seu filho. Precisa ter consciência de que os problemas atuais, referentes à droga, ao crime, à má formação de personalidade de alguns componentes do grupo, vão estar presentes no dia-a-dia escolar. Não basta, portanto, procurar a escola mais próxima de sua casa. Nem mesmo quando se trata de escola particular. Não basta verificar se a escola do filho oferece condições de higiene, condizentes com as necessidades de preservação da saúde. Nem mesmo a grande preocupação com a qualidade do ensino. Tudo isso se faz necessário, mas I preciso muito mais. Os pais devem permanecer atentos em relação ao ambiente da escola ao grupo que a compõe; a vigilância deve ser constante. Os cuidados com a educação exigem dedicação sem limites, a começar pelos combates ao preconceito.

A abertura dos pais para aceitar e discutir os problemas que podem envolver seus filhos é de significativa importância. Outro ponto a ser observado é o respeito à vocação natural da criança ou do jovem.

Respeito à vocação natural da criança ou do jovem

Quando a orientação vem acompanhada de incentivos e valorização das boas qualidades e tendências, a criança se sente segura e caminha naturalmente, num constante processo de maturação e enriquecimento interior, somando os elementos positivos transmitidos pelos pais. E esses elementos a Doutrina Espirita oferece com tranquilidade e com argumentação convincente. A reencarnação é o mais forte dos argumentos, pois conscientiza o jovem em relação à sua responsabilidade em tudo aquilo que lhe possa acontecer.

A participação das pais na vida escolar do filho

Essa participação é bastante saudável para o processo de aprendizagem e formação da personalidade. Literalmente, esta última palavra significa qualidade da pessoa.

A criança ou o jovem necessitam de ambiente adequado que favoreça a aquisição de bons hábitos alimentares, exercício e repouso, convivência com outras crianças, outros jovens

para o despertar da compreensão de seu próprio comportamento pessoal.

Quando há atenção dos pais com relação aos problemas enfrentados pelos filhos na escola, dúvidas, dificuldades inerentes à aprendizagem, os pais passam a merecer a confiança dos filhos que dividirão atenção gerada por estes obstáculos.

E fundamental a formação de hábitos de leitura, e nisto também a Doutrina Espírita pode oferecer subsídios eficazes. A reunião em família, Evangelho no Lar, oferece oportunidade a que a criança comece a se interessar pelos livros, aprenda a se concentrar num assunto específico, a disciplinar-se, e a disciplina é fator importantíssimo para a aprendizagem.

Transferindo a responsabilidade de educar

Pais, professores, equipe técnica da escola, estão envolvidos no processo educacional que envolve todo o grupo, promovendo assim, o crescimento e enriquecimento das experiências de todos. Os pais são os primeiros responsáveis por seus filhos, portanto não devem transferir sua responsabilidade.

Já em seu tempo, advertia Locke: “Penso que pode ser afirmado que, de todos os homens com quem nos encontramos, nove décimos são o que são, bons ou maus, úteis ou inúteis, mercê da educação que receberam. Essa é a causa da grande diferença entre os homens.” Como espíritas, não podemos, ser tão tachativos, devemos levar em conta a evolução, a história de cada espírito reencarnado em nosso lar. Mas aprendemos também com a Doutrina Espírita que esses seres em evolução merecem carinho, respeito, cuidados, dedicação e exemplos de boa conduta moral e cristã. J. Amaral Simonetti, observa: “Os fundamentos pedagógicos do ensino de Jesus estão na sua concepção do mundo, abrangendo o homem e a vida”.

Bibliografia:

1. Emmanuel (F. C .Xavier) — Caminhos de Volta — “A vocação dos filhos”, GEEM.
2. Fontoura, A .A. — Sociologia Educacional. Rio de Janeiro, Aurora.
3. Herculano Pires, J. — Educação Espírita — Revista Semestral de Educação e Pedagogia.
4. Herculano Pires, J. — Jornal de estudos psicológicos. Direção: Allan Kar dec, Edicel.
5. Jersilde. A. — A Psicologia da Criança. Belo Horizonte, Itatiaia.
6. Lorengo Filho — Introdução ao Estudo da Escola Nova. São Paulo, Melhoramentos.
7. Luzuriaga, L. — Pedagogia. São Paulo, Nacional

8. Pereira, L. e Foracchi, M. — Educação e Sociedade. São Paulo, Nacional.

9. Simonetti, J. A. — Grupo de Estudos Pedagógicos de São Paulo — Revista de Educação e Pedagogia. São Paulo, Edicel

18 Educação social

Iolanda Húngaro

Convívio social

“A educação social constitui, realmente, parte da educação moral: refere-se, especialmente, à relação dos indivíduos entre si e com a sociedade”.

Tendo que viver em grupo, sendo um elemento de um todo, o indivíduo deve ser preparado para interagir, convivendo com seus semelhantes, respeitando um código de leis abrangente, referente ao mundo organizado em que vive, evitando, assim choques que possam comprometer seu equilíbrio.

A aprendizagem social tem início na família, primeiro grupo de que faz parte. E um grupo organizado, com hierarquia, deveres e direitos que precisam ser respeitados. E nesse grupo social que o indivíduo começa a assimilar padrões de comportamento que lhe serão úteis por toda a vida. Na família aprenderá a respeitar as autoridades — os pais; a trabalhar em regime de cooperação; a dividir o que é seu e de seus irmãos, desde alimento, roupas, brinquedos, etc. Aprenderá a desfrutar de seus direitos. Desta forma estará se preparando para sua integração na sociedade em que vive, capacitando-se para respeitar direitos de seu semelhante. E de grande importância para seu desenvolvimento harmônico esses primeiros anos de vidas, quando está se constituindo a base que vai direcionar a formação de sua personalidade. Se aprende a respeitar as normas de convivência na família, ser-lhe-á mais fácil depois, como adulto, integrar-se na sociedade, pois as normas de conduta, as regras do bem viver, e as leis que regem a comunidade em que vive — seu país, e, até mesmo outros países — não lhe causarão estranheza nem aversão.

Sabemos que o indivíduo traz suas experiências de outras encarnações, que se manifestam através de tendências boas ou más. É responsabilidade da família procurar conduzir este indivíduo nos seus primeiros anos de vida, educando-o para sua harmonização com os semelhantes.

Paralelamente à educação social há que se oferecer possibilidades ao desenvolvimento das potencialidades individuais. As características de cada um precisam ser respeitadas. E o educador, seja ele pai, mãe, professor ou outra pessoa qualquer, há que se preparar para essa difícil tarefa. Já dizia Durkheim que “cada indivíduo é um infinito e o infinito não pode ser esgotado”. Liberalizar e enriquecer a personalidade do educando, como quer Ro- bert

Redfield, é um desafio que exige paciência, dedicação, estudo, participação ativa no mundo em que vive o educador.

É função das ciências sociopsicológicas, ou seja, daqueles ramos do conhecimento que se ocupam do comportamento humano, preparar o educador. Porém, as experiências acumuladas e estudadas não invadem o íntimo de ninguém. E preciso haver esforço para que o resultado de trabalhos tão valiosos venha surtir o efeito desejado. As informações que se adquirem por meio de experiências próprias são insignificantes quando comparadas com aquelas acumuladas pela humanidade desde a Pré-História. Segundo Cuvillier, “a História nos permite aprender os fatos sociais na sua transformação, no que eles têm de vivo e de mutável”. As experiências do passado são preciosas quando analisadas à luz do presente, evitam, assim, que se incorra nos mesmos erros quando for o caso ou servem de ponto de partida às novas conquistas quando se constituíram de acertos.

A vida social, o intercâmbio constante com os semelhantes, o estudo, a busca do aperfeiçoamento trazem às discussões, nos grupos religiosos, nas comunidades escolares e, até mesmo no grupo familiar, o resultado destas experiências. Provocam ainda a análise deste resultado, por mais elementar que seja e, assim, acionam o processo evolutivo em que todos estão inseridos.

O homem, sendo um ser social, necessita de seus semelhantes para se desenvolver. E neste processo em que as gerações adultas contribuem com as experiências e os jovens com seu poder criativo, muitos conflitos são gerados. É necessário que os adultos estejam frequentemente em contato com o mundo naquilo que ele possa oferecer de melhor para não se tomarem impotentes diante da complexidade destes conflitos.

Dispersão familiar na era industrial

A partir de 1960, iniciam-se os movimentos sociais em busca da liberdade. Os jovens começam a rejeitar a tradição cultural, formam-se grupos apoiados em idéias e conceitos extremistas que ganham forças através dos meios de comunicação, principalmente a televisão que coloca o mundo dentro dos lares. Aqui no Brasil isso acontece juntamente com êxodo rural que provoca o crescimento desordenado das cidades, agrupando grandes populações em periferias sem estruturas para recebê-las.

Os problemas sociais se avolumam como resultado do crescimento desordenado, da falta de condições mínimas em relação à moradia, saúde e educação. Associada a tudo isso, a liberdade desenfreada, sem noções de higiene, sem educação sexual, sem educação dos sentimentos, sem respeito humano, senso de responsabilidade, fez surgir um grande número de menores abandonados, que logo depois se tomaram adultos e daí por diante perde-se, em nosso país, o controle social. Também do ponto de vista econômico a vida se torna cada vez mais difícil, a família se dispersa por motivo de trabalho, seus membros já

não se encontram para o jantar, termina o diálogo. Os costumes tradicionais são rejeitados. Os novos valores são insuficientes para educar os impulsos individuais, que geram tantos problemas sociais. Os adultos se perdem entre noções recebidas, vistas como velhas e quadradas e aquelas reivindicadas pelas gerações imaturas. E um verdadeiro duelo se trava entre o “velho” e o “novo”. Só o tempo vai selecionar esses valores, e o sofrimento provocará a reflexão, que, aos poucos, realizará nova acomodação, criando condições melhores de vida. Aprender-se-à, assim, a superar problemas suscitados pela dispersão familiar na era industrial.

A família perante os problemas sociais

O Espiritismo tem oferecido, através de cursos e encontros, grandes oportunidades àqueles que as desejam para discussão de problemas relacionados à família, desde os mais simples até os mais complexos, como por exemplo, a droga. Nessas discussões, ou melhor, nesse processo de socialização, os componentes da família trocam experiências, dividindo suas dúvidas, multiplicando sua capacidade para bem conviver. Os adultos estarão mais seguros para transmitir aos jovens uma herança mais benigna, mais humana, mais consciente. Os argumentos da Doutrina Espírita são convincentes, porque analisam problemas numa relação de causa e efeito, à luz da reencarnação.

Nenhum ser humano poderá, desta forma se revoltar e cruzar os braços, ou simplesmente atacar aqueles que o cercam, provocando ainda maiores desequilíbrios, assumindo novas culpas para o futuro. A reencarnação vai conscientizá-lo de que faz parte de um mundo em elaboração, cheio de conflitos. Aquele que se desarmoniza há de harmonizar-se posteriormente. O indivíduo faz parte de um todo, sua liberdade termina onde começa a de seu semelhante. Todo desamor é falta de amor, e a palavra libertadora de Jesus, à luz do Espiritismo, vem amenizar esses problemas e auxiliar a família no encaminhamento de seus membros.

A educação do sentimento social

Que é educação? Quantas respostas poderíamos enumerar depois de refletirmos um pouco sobre esta pergunta? Vamos transcrever aqui algumas selecionadas por uma equipe que compõe Educação Espírita, da *Edicel*, (Livro III, ano 2, pp. 83 e 84) — “educação é o resultado de fatores variados, incluindo a ação das coisas, das instituições humanas, das gerações, dos próprios elementos da natureza sobre as criaturas”(James Mill). Para Kant, educação é o “desenvolvimento em cada indivíduo de toda a perfeição de ele que seja capaz”. Para Durkheim, é “a ação dos adultos sobre crianças e adolescentes”. “Educação é um processo destinado a fazer do indivíduo um instrumento de felicidade para si mesmo e para os seus semelhantes”, outro conceito de James Mill. Todas estas definições são valiosas,

e são explicadas por seus autores, que lhes completam o sentido, através de seus textos. Maria Montessori, na Itália, chegou a afirmar que “a educação é um processo pelo qual se faz aflorar na mente da criança os conteúdos latentes.” Como espíritas sabemos que a educação engloba estes conceitos, outros tantos existentes que não citamos aqui, e que se realizam no espírito através das reencarnações. E quando Kant nos fala que “é o desenvolvimento no indivíduo de toda a perfeição de que ele seja capaz”, nos faz pensar longe e profundamente. Podemos pensar em Mozart, o grande artista, que se educou para a música; Leonardo da Vinci, para a pintura; Francisco de Assis educou o sentimento social. São apenas alguns exemplos para nossa reflexão. O Espiritismo, no seu tríplice aspecto — religião, filosofia e ciência — tem argumentos capazes de conduzir a educação na sua totalidade para levar o — 157 —

AUTORES DIVERSOS

homem ao desenvolvimento de seu potencial. A educação do sentimento social deve ser promovida, nos núcleos espíritas, através de obras sociais, de mocidades espíritas, da educação espírita infantil.

Sabemos que os problemas sociais estão se avolumando, conviver torna-se cada vez mais difícil, a violência amedronta. Por outro lado há, por parte de alguns, uma vontade férrea que conduzirá os poucos trabalhadores da grande seara, herança cristã, nesse processo de educação social em que estamos inseridos.

Bibliografia:

1. Emmanuel - (F.C.Xavier) - O Consolador, FEB.
2. Fontoura, A. A. — Sociologia Educacional. São Paulo, Ed.Aurora.
3. Foracchi, M. e Pereira, L. — Educação e Sociedade. São Paulo, Nacional.
4. Herculano Pires — Educação Espírita. Revista de Educação e Pedagogia. São Paulo, Edicel.
5. Kardec, A. — O Livro dos Espíritos, FEB
6. Luzuriaga, L. — Pedagogia. São Paulo, Editora Nacional.

19 Educação religiosa

Iolanda Húngaro

A importância da infância para o espírito

A educação religiosa é parte fundamental da educação geral do indivíduo e está intimamente ligada à família, pois deve ser iniciada nos primeiros anos de vida.

A importância da infância para o espírito é um tema a ser estudado, discutido e

ressaltado com frequência em nosso meio para que nos conscientizemos da responsabilidade que temos em relação a este período da vida. Dotada de grande sensibilidade, a criança percebe e assimila ensinamentos que a influenciarão por toda a existência. É oportuno recordar a pergunta 383 do Livro dos Espíritos: “Qual é, para o espírito, a utilidade de passar pela infância?”

“— Encamando-se com o fim de se aperfeiçoar, o espírito é mais acessível, durante esse tempo, às impressões que recebe e que podem ajudar o seu adiantamento, para o qual devem contribuir os que estão encarregados de sua educação.”

O papel da família na educação religiosa dos filhos e sua participação no Centro Espírita

Diante da resposta dada pelos espíritos à pergunta feita por Kardec, não podemos endossar a atitude de comodismo daqueles que não levam as crianças às aulas de Educação Espírita Infantil, dizendo que, depois, com mais idade, poderão optar pela religião que desejarem. Quem não conhece nenhuma, não terá base para escolher. Será facilmente induzido por caminhos tortuosos aquele que não recebeu uma educação baseada em princípios que coloquem à altura para ouvir, julgar e escolher, conscientemente, o que é melhor para si. A Doutrina Espírita possui argumentos suficientes para conscientizar a criança e o jovem em relação aos grandes problemas que estão tirando a tranqüilidade das famílias, principalmente aqueles que envolvem os vícios, as drogas. Em *O Consolador*, Emmanuel nos fala que “as funções religiosas, como exemplificação dos mais altos deveres da vida, constituem a base de toda a educação no sagrado instituto da família.”

A História da Educação já analisou os ideais de educação grega, primeiros da História, que preparavam o homem político, o cidadão, tanto no aspecto civil como bélico. Mais tarde esses ideais buscavam a perfeição do corpo e da alma em beleza, sabedoria e justiça do indivíduo na comunidade pública.

Os ideais de educação romana, no início, buscavam formar também o cidadão, o homem político: tinha grande importância a educação doméstica, a da escola pública que a Grécia não havia conhecido. Nos tempos da República o ideal guerreiro, mais tarde o político, o cívico; depois a influência grega direciona a formação do ser integral — corpo e intelecto, porém, com uma conotação utilitária, prática.

Com o ideal cristão, valoriza-se a individualidade que, na cultura greco-romana, estava subordinada à coletividade, ao Estado. A idéia de salvação da alma estava atrelada aos interesses individuais.

A Idade Média leva às últimas conseqüências essa idéia de salvação da alma sem se preocupar com a aquisição de conhecimentos. O homem passa a viver, pensando em salvar-se, desligado dos compromissos maiores do espírito enquanto homem encarnado. Modelo de educação passiva, enclausuramento para fugir do pecado.

Mais ou menos por volta do ano 1500, com o Renascimento, surgem os ideais humanistas de educação, trazendo em si a libertação do espírito dogmático, autoritário de coação. No século XVIII, predominam os ideais da ilustração, predomínio da razão sobre os sentimentos. Nos séculos XIX e XX, fomos conduzidos pelos ideais democráticos que nos levaram a grandes lutas e pequenas conquistas sociais. Estamos hoje às portas do século XXI e os ideais da Educação Espírita ganham espaços em discussões, necessitam de propagação. Estão firma dos nos ensinamentos de Jesus Cristo, que veio à Terra para nos ensinar, trouxe um roteiro de vida — “o Evangelho como fonte de renovação”.

O Evangelho no Lar

A família disciplinada tem um horário certo para se reunir, orar, ler o Evangelho e comentá-lo à luz da Doutrina Espírita. Ao mesmo tempo em que está estabelecendo um elo de amor, trocando energias positivas, está se fortalecendo nos ideais cristãos que propiciam a ajuda dos espíritos superiores. Estes bondosos amigos espirituais nos auxiliam nesse processo educativo, ajudando a preservar o bom ambiente doméstico para maior harmonização da família. Os pais estarão, assim, cumprindo seu papel em relação à educação religiosa dos filhos. DEU a importância do Evangelho no Lar.

Bibliografia

1. Emmanuel (F.C Xavier) — O Consolador. FEB.
2. Fontoura, A. A. — Sociologia Educacional. Rio de Janeiro, Aurora.
3. Foracchi, M. M. e Pereira L. — Educação e Sociedade. São Paulo, Nacional.
4. Herculano Pires, J. — Educação Espírita, Revista Semestral de Educação e Pedagogia. São Paulo, Edicel.
5. Kardec, A. — O Livro dos Espíritos, FEB.
6. Luzuriaga, L. — Pedagogia. São Paulo, Editora Nacional.

20 Obsessão no lar

Antônio César Perri de Carvalho

Nos idos de 1984, participamos da promoção de um grande encontro de confraternização de nossa família, oportunidade em que reunimos cerca de 140 familiares em uma fazenda de recreio. Na ocasião lançamos um opúsculo com o histórico da família,

incluindo sua árvore genealógica.

Um mês depois, hospedamos Divaldo Pereira Franco em nossa residência. Num momento de prece em família, o citado médium psicografou mensagem do parente desencarnado, Lourival Perri Chefaly. Eis alguns trechos da aludida manifestação:

“Nossos vínculos, que remontam de longínquo passado, têm-se mantido através dos séculos, permitindo-nos o ir-e-vir das reencarnações em grupo, graças a cujo comportamento estamos lentamente saindo da treva para a luz (...). Hoje, reunidos num grande e expressivo clã, estamos-nos armando com os instrumentos da compreensão para nos reabilitarmos, uns perante os outros em relação a outros corações que ficaram crivados de dor e não nos souberam entender nem desculpar, ressurgindo, na condição de ásperos cobradores...”(1)

Além de se referir ao estudo que elaboramos, o familiar desencarnado comentou que, na realidade, o grupo familiar espiritualmente ligado entre si é muitas vezes superior.

Ao final do mesmo ano, presenciamos outro episódio mediúnico relacionado com o mesmo livreto familiar. Conversávamos em nossa residência com o hóspede, orador Newton Boechat. Já nos preparávamos para o repouso quando, ao passar pelo escritório da residência, repentinamente, ocorreu-nos de mostrar ao visitante o estudo que publicamos sobre nossa família. Apresentamos o opúsculo, abrindo-o na árvore genealógica do ramo atual, a partir dos bisavós. O visitante deteve-se em examinar a árvore e, poucos minutos depois comentou:

— “Interessante, nesta família houve alguma tragédia, uma cena de sangue...”

Ante nossa expectativa silenciosa, prosseguiu Newton Boechat:

— “Os dois eram parentes. Um deles se chamava Heitor...”

Sem esconder a curiosidade, Newton logo indagou-nos onde se encontrava Heitor naquela árvore genealógica. Rapidamente, informamos que Heitor constava daquele histórico, mas não daquela árvore e perguntamos se ele não teria o nome do outro protagonista. Menos de um minuto depois ele nos informou:

— “Rafael”.

De imediato, contou-nos ainda que foi um episódio muito grave; que tentaram contemporizar, mas o desfecho foi trágico. Os dois parentes se tornaram inimigos figadais no Mundo Espiritual, porém, agora, já estavam pacificados e se preparavam para nova reencarnação.

Deixamos Newton falar para, em seguida, esclarecermos. No final do século passado, meu trisavô Rafael duelou com seu primo Ettore (Heitor, em português) e ambos faleceram. O nome dos dois não constava daquela árvore genealógica porque ali estavam os descendentes a partir de nossa bisavó, filha de Rafael. Todavia, o relato do episódio era revelado mediunicamente, e a posição de Rafael, no esquema de nossos ascendentes, encontrava-se na parte inicial do opúsculo. De imediato, localizamos e lemos os trechos ao visitante.

Além do episódio que espontaneamente aflorou pela via mediúnica, fomos informados sobre a possibilidade do retomo dos contendores à cena física e na mesma família.

Quase seis anos depois, numa reunião mediúnica de rotina no Centro Espírita “Luz e Fraternidade”, em Araçatuba, uma médium que era recente no grupo, descreveu uma visão à nossa genitora. Via uma árvore genealógica e cenas de violência acontecidas na França. Tudo indica serem fatos relacionados com antepassados distantes ou até os mesmos em vidas pretéritas. Antes de ser radicar na Itália, e mais recentemente no Brasil, a família era francesa.

Os três episódios mediúnicos chamam a atenção em tomo dos registros familiares e cenas do passado que se fazem presentes. Induzem-nos à reflexão em tomo de trechos da obra de Kardec:

“Há, pois, duas espécies de famílias: as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais. Duráveis, as primeiras se fortalecem pela purificação e se perpetuam no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma” (2).

No trecho de Kardec e na mensagem recebida por Divaldo, lê-se, respectivamente, “purificação” e “reabilitação”. Para aqueles que não souberam “entender nem desculpar”, ressurgem “na condição de ásperos cobradores”.

Assim, em que pesem as expectativas e a beleza em si de um lar, não se podem olvidar as dificuldades que advêm. As inter-relações entre os reencontros reencarnatórios e as influências espirituais estão presentes nas diversas etapas da vida do casal. Deve destacar-se a interação de influências que ocorrem na fase do casamento, na chegada dos filhos, no desabrochar da adolescência dos filhos, no desenvolvimento da vida profissional dos cônjuges, na saída dos filhos para estudo, trabalho e constituição de suas próprias famílias e, finalmente, no retomo da vida a sós do casal.

A família, e especificamente o lar, é o cadinho depurador. Está claro que aí ocorre a aproximação tanto de afins como de desafetos.

Além das aproximações reencarnatórias, há o impacto das vibrações. A esta altura, é oportuna a lembrança da assertiva de *O Livro dos Espíritos*: “a influência dos Espíritos é maior do que imaginamos porque são eles que nos dirigem” (3). Há toda uma inter-relação entre desafetos encarnados, desen-camados/encarnados e desencarnados. Nestas circunstâncias, naturalmente se estabelece a possibilidade da obsessão. A cena percebida por Newton Boechat exemplifica a situação terrível que deve ter-se estabelecido entre os dois primos que duelaram e entre eles e aqueles que aqui permaneceram.

Todavia, entendendo-se a obsessão simples como a ação espiritual que provoca passageira ou intermitente alteração no pensamento ou no comportamento das pessoas, pode imaginar-se como é comum a obsessão no lar. Provavelmente, a grande maioria delas é socorrida a tempo de reversão. Os casos mais severos e até a subjugação, na verdade, fogem da rotina.

A nosso ver, deve centralizar-se a atenção em torno da situação mais usual, que é a obsessão simples, e das formas de evitá-la e tratá-la.

Evidentemente que não se pode oferecer a receita para cada situação, pois cada caso é um caso. Mas há uma regra geral para se evitar e/ou se tratar das obsessões.

Se o móvel dos obsessores encarnados e desencarnados é provocar sofrimentos iguais àqueles a que foram submetidos e exercer um certo domínio sobre as pessoas, é viável a regra delineada em *O Livro dos Espíritos*. Isto é, deve cansar-se a paciência do perturbador, fazendo-o ver que perde tempo; neutralizá-lo pelo esforço do pensamento e da ação superior e útil; destruir em si mesmo a causa da atração de maus influenciadores e o cultivo da prece(3).

A família-lar e a família num contexto maior, representam situações importantes para os reacer-tos espirituais.

BIBLIOGRAFIA:

- 1 Franco, D.P.; Perri de Carvalho, A.C. e Perri Chefaly, L. *Em Louvor à Vida*, Salvador, Livraria Espírita Alvorada Editora, 1987.
2. Kardec, A.- *O Evangelho Segundo Espiritismo*, cap.XIV, item 8.
3. Kardec, A. - *O Livro dos Espíritos*, questões 459, 478 e 479.

21 Educação sexual

Osvaldo Magro Filho

Princípios para uma educação sexual

Durante muito tempo, o ensino a respeito do sexo foi totalmente bloqueado devido ao falso pudor existente entre as criaturas. Herdamos esse pseudo-moralismo da época vitoriana e agora estamos sofrendo as conseqüências de tal omissão: a promiscuidade generalizada.

Entretanto, verificou-se que o fato de não se ensinar sexo e sexualidade ao adolescente não o impediu de praticá-lo dentro de conceitos não condizentes com a dignidade humana.

Por fim, os educadores chegaram ao impasse. Que fazer? O jovem deve aprender sexo dentro de padrões científicos nas escolas ou deve ser deixado que faça esta aprendizagem na rua, com pessoas desqualificadas?

Assim, atualmente, dentro do programa de ensino de nossas escolas, os alunos estão tendo oportunidade de conhecer tudo acerca de sexo e reprodução, do ponto-de-vista biológico. E aqui surge outro problema: Tem-se dado ênfase ao ensino do sexo do ponto de vista biológico, mas e do ponto de vista ético-moral?

Creemos que as duas facetas têm que caminhar juntas, a fim de que não criemos indivíduos para o sexo e sim sexo para os indivíduos. É agora que entra o papel dos pais e educadores nessa complementação da educação sexual. Não é apenas na escola que se deve conversar sobre sexo, mas também em casa. Para isso, os pais devem se preparar, já que eles nunca tiveram aulas de educação sexual, pelo menos em sua maioria.

Lourival Perri Chefaly (4) foi médico e também se dedicou ao ensino e orientação do sexo à coletividade quando em vida física. Ele considera como princípios básicos para a educação sexual os seguintes itens:

- Preparo dos pais para o ensino;
- Esperar até que a criança faça perguntas;
- Perguntas devem ser respondidas com sinceridade. Se não souberem respondê-las, dizer que a resposta os dois procurarão juntos;
- Deve ser ensinado de maneira positiva;
- Ensinar que o sexo é altruísta. Nunca amedrontar;
- Ensino casual — não tratar como coisa fora da rotina;
- Não deve ser estimulado e precipitado;
- Colocar à criança que todos devem esperar com prazer a ocasião de ter sua companhia, um lar, uma família;
- Dar vocabulário refinado, decente e científico;

- Ensinar as razões porque existem as famílias e as relações conjugais;
- Não deixar os esclarecimentos aos criados ou colegas. É tarefa dos pais e educadores;
- Não há prescrição geral. Os pais devem estar preparados para responder às perguntas e não ficarem surpresos com elas.

Frente às perguntas sobre sexo, precoces, deve-se evitar as seguintes respostas:

- Você não pode compreender isto!
- Você ainda é muito pequeno para saber dessas coisas!
- Não seja bobo de perguntar isso! (4) Responda então sem falsidade, porém com meias verdades que não necessitem ser desmentidas mais tarde.

Diretrizes para a educação sexual da criança:

- Preparo para a puberdade; deve haver preparo para que não se assustem com a menstruação, ereção, ejaculação;
- Não considere imorais coisas do sexo, dando sua educação sem malícia;
- Nudez: manter a atitude média: nem o culto ao nu, nem o recato excessivo: não mostrar irritação se for surpreendido nu pelos filhos. O ensino sexual deve ser natural, incidental e deve aproveitar as oportunidades para contar sobre reprodução de borboletas, cães e etc (4).

Na atualidade, existem inúmeros livros, com ilustrações e textos específicos para cada idade, que muito poderão ajudar aos pais e educadores na educação sexual de seus pupilos.

e&fi&UtuaCa, elo- <ixty

Não temos condições de abordar todas as nuances do dualismo sexo/espírito nesse espaço, já que existe muita coisa sobre o assunto. Há verdadeiros “tratados” escritos por autores encarnados e desencarnados a respeito disso. Tentaremos então fazer uma breve avaliação sobre o sexo e as implicações espirituais decorrente de seu bom e mau uso. Muitos companheiros, precipitados em suas conclusões, afirmam que o espírito não tem sexo. No entanto, avaliando com mais cuidado as questões de nº 200 a 202 de O Livro dos Espíritos (5), percebe-se nas respostas que “o espírito não é assexuado” mas sim, “não tem sexo como nós entendemos”. Isso é lógico. A natureza colocou uma grande fonte de prazer na área genésica, permitindo que as espécies não fossem extintas do ponto de vista material. Por outro lado, sabe-se que quem cria o espírito não é outro espírito; o que demonstra a inutilidade da reprodução de espíritos pelo sexo “como nós entendemos”.

A esse respeito, Hermínio Miranda (1) coloca que, nas etapas mais avançadas do processo evolutivo, a questão é mais ampla. Diz o autor:

“Não se trata, portanto, de ser sexuado ou assexuado, bissexuado ou híbrido, mas de um indivíduo no qual as energias psíquicas não têm mais expressão através da sexualidade “ (1) ou, acrescentamos, da polarização sexual.

Essa transmutação genética, não ocorre assim de uma hora para outra. Os espíritos são bem claros quando fazem colocações a este respeito:

“Irrisório seria, pois, reclamar do homem de evolução mediana a conduta do santo”

“...o instinto sexual, para coroar-se com as glórias do êxtase, há que dobrar-se aos imperativos da responsabilidade, às exigências da disciplina e aos ditames da renúncia” (2).

Assim, percebe-se que a natureza da energia psíquica do instinto sexual e do êxtase tem a mesma origem, diferindo apenas no burilamento que a criatura lhe deu no decorrer dos milênios.

Se o sexo for separado da responsabilidade, disciplina e renúncia, o indivíduo estará automaticamente voltando ao primitivismo e cavando graves problemas para o reajuste futuro.

Certo dia alguém perguntou à Chico Xavier:

— O que é amor? E o que é paixão?

R. O amor?!... O amor é o lume do fogão que aquece a água para lavar a fralda do nenê, para aquecer o leite da mamadeira, cozer o alimento, fazer a sopinha... A paixão... Ela é o fogo destruidor; a paixão é o “Joelma”! (7).

Frente a esta colocação, percebe-se que o indivíduo que fixa sua mente no ato sexual, vivendo para o sexo, sem deixar que as energias sejam extravasadas através de outras atividades sublimes, provoca em si mesmo tormentos para o futuro.

É muito comum no plano espiritual, entidades muito vinculadas ao sexo terem que se utilizar da vampirização de seres encarnados para poderem-se saciar temporariamente.

Ê um longo pesadelo... Nesses casos, algumas delas escolhem como porta para a regeneração o retomo à terra em um corpo não condizente com a situação psicológica que possui. Para estes, como diz Emmanuel (3): o corpo funciona como um “regime de prisão a reajustar os próprios sentimentos”.

Não é o fato de um espírito reencarnar num corpo de homem e depois num corpo de mulher (e vice-versa) que implica que este terá comportamento homossexual mas, sim, o valor que o espírito dá ao sexo, acabando por se vincular à promiscuidade sexual, sob a ótica masculina ou feminina. Isto o levará, em outra existência, às reminiscências passadas e às tendências homossexuais. Esta prova é transitória e o poderá reajustar, sem, contudo, cair na prática sexual desordenada. O livro “Loucura e Obsessão”, de Manuel Philomeno de Miranda (6), traz um caso a esse respeito e traça certas orientações muito oportunas para aqueles que transitam nesta etapa.

Assim, o melhor agente profilático para esses desequilíbrios é evitar a promiscuidade tão em voga na atualidade.

Publicações espirituais do sexo

Uma das questões mais polêmicas da atualidade é a seguinte:

Sexo, antes ou depois do casamento?

Antes de responder esta questão, vamos traçar algumas considerações de Emmanuel:

“Toda vez que determinada pessoa convida outra à comunhão sexual ou aceita de alguém um apelo neste sentido, em bases de afinidade e confiança, estabelece-se entre ambas um circuito de forças, pelo qual se alimenta psiquicamente de energias espirituais, em regime de reciprocidade. Quando um dos parceiros foge ao compromisso assumido, sem razão justa, lesa o outro na sustentação do equilíbrio emotivo(...) Criada a rutura no sistema de permuta das cargas magnéticas de manutenção, de alma para alma, o parceiro prejudicado, se não dispõe de conhecimentos superiores na autodefensiva, entra em pânico... Tais resultados(...) repercutem no agressor(...), debitando-se-lhe ao caminho a sementeira partilhada de conflitos e frustrações que carregará para o futuro’.

Vamos então mudar o conceito de casamento. Abordou-se aqui a permuta magnética. Casamento magnético entre almas que se afinizam. O ato de casar não significa apenas assinar o papel, mas fundir e afinizar criaturas que se amam. Após este casamento, o ato sexual é oportuno.

Pelo que se viu anteriormente, o ato sexual cria vínculo muito forte entre as criaturas. Algumas pessoas que se dizem levianas, podem argumentar: Eu não ligo se ele(a) for embora! Mas, no fundo do coração, liga sim! E por isso que a razão deve imperar acima destas ligações fortuitas. O indivíduo não deve pensar apenas no prazer momentâneo. Deve preocupar-se com a sementeira que está sendo lançada. Enquanto nos demais vícios cada um sofre sozinho, nos erros do sexo o indivíduo leva consigo outras pessoas ao abismo moral.

Muitos jovens se precipitam em relações sexuais sem maior raciocínio. Isso está conduzindo muitas pessoas aos casamentos apressados, ou mesmo “forçados”, e ao aborto.

Temos a arma da educação, e não a estamos utilizando. É hora de arregaçarmos as mangas e levarmos a todos a contribuição que o Espiritismo tem a dar na área do sexo.

Bibliografia:

1. Amorim, D. e Miranda, H.C. ~ O Espiritismo e os Problemas Humanos. USE., p. 163-183.
2. André Luiz (F.C.Xavier). -No Mundo Maior. FEB, p. 155-168.
3. Emmanuel (F.C.Xavier). -»Vida e Sexo. FEB, p. 18, p.30-31.
4. Franco, D. P., Perri de Carvalho, A. C. & Perri Chefaly L — Em Louvor à Vida. Salvador.Liuraria Alvorada, p. 85-92.
5. Kardec, A. -• O Livro dos Espíritos FEB.
6. Miranda, M.P. (D.P.F.) — Loucura e Obsessão. FEB.
7. Souza, C.C. — Encontros com Chico Xavier. Uberaba, Gráfica Portinho Cavalcanti Ltda., 1986.p. 29.

22 Problemas do sexo

Maria Aparecida Valente

Importância da vida sexual equilibrada

André Luiz se refere à ignorância quanto a conduta sexual como uma das maiores causas de loucura e que milhões de almas são dilaceradas todos os dias pelas angústias sexuais (3).

E ainda o mesmo autor que nos esclarece que a comunhão sexual não se realiza só para atender reprodução da espécie, mas também, para produzir estímulos criadores com vistas ao trabalho, à associação e a realizações entre as almas, propiciando a permuta de energias para a reposição dos desgastes energéticos do perispírito (4).

São portanto duas as funções sexuais na espécie humana: a) reprodução da espécie; b) permuta de energias perispirituais com vistas a formação de estímulos que incentivem o trabalho, a associação e a realizações entre as almas.

E nos diz Emmanuel que “o sexo se define por atributo não apenas respeitável mas profundamente santo da natureza, exigindo educação e controle. Através dele dimanam forças criativas, às quais devemos, na Terra, o instituto da reencarnação, o templo do lar, as bênçãos da família, as alegrias revitalizadoras do afeto e o tesouro inapreciável dos estímulos espirituais” (6) .

Se quisermos entender melhor o que é o sexo, fundamental é que nos libertemos da idéia de situá-lo simplesmente nos órgãos sexuais pois, a medida que vamos ampliando nossa compreensão sobre o comportamento humano, vai se dilatando para nós o conceito de sexualidade até que chegamos a concluir que “sexo é princípio universal e se acha inserido em toda a manifestação do universo” (2).

Sugere-nos o instrutor Alexandre, por intermédio de André Luiz, que substituamos as palavras “união sexual” por “união de qualidades” e observamos que toda a vida universal se baseia nesse divino fenômeno. A “união de qualidades” entre os astros chama-se magnetismo planetário — é a lei da gravitação; da atração entre as almas denomina-se amor e entre os elementos químicos é conhecida por afinidade. Podemos assim entender a sexualidade masculina ou feminina como sendo qualidades ativas ou passivas, emissoras ou receptoras da alma, se complementando. A paternidade ou a maternidade são tarefas sublimes mas não representam os únicos serviços divinos no setor da Criação, pois aquele que produz no campo da virtude, da ciência e da arte vale-se do impulso criador apenas com a diferença de plano... Há fecundações físicas e fecundações psíquicas. As primeiras precisam disposições da forma, a fim de atenderem as — 178 —

FAMÍLIA E ESPIRITISMO

exigências da vida... e as segundas efetuam-se nos resplandecentes domínios da alma...(2)

Diz-nos ainda o instrutor espiritual que toda manifestação sexual evolui com o ser, enquanto a criatura mergulha no charco das vibrações pesadas e venenosas experimenta nesse domínio, simplesmente, sensações. À medida que se dirige a caminho do equilíbrio, vai colhendo material de experiências mais elevadas, oportunidades de elevação, força,

conhecimento, alegria e poder (2).

Todo ser humano traz em si anseios de comunhão sexual que, segundo Emmanuel, constitui a carga erótica capaz de gerar em torno de si um campo de influência atraindo ou repelindo outros seres ou lhe sendo indiferente, por conseguinte reclama responsabilidade e discernimento, onde e quando se expresse (6). “Sexo é espírito e vida a serviço da felicidade e da harmonia do Universo”, sua sede é na mente a exteriorizar-se no perispírito e este por sua vez no corpo físico, como impulso criador ou impulso sexual.(6)

Toda criatura nasceu e foi criada para amar e ser amada na expressão mais elevada da vida. Ào demais, não devemos esquecer que o sexo na existência humana pode ser um dos instrumentos do amor, sem que o amor seja o sexo. Por isso, homens e mulheres cujas almas vão se libertando das amarras inferiores, gradativamente vão se desprendendo das sensações carnis. Para eles a união sexual orgânica vai deixando de ser uma imposição, porque aprendem a trocar os valores divinos da alma, entre si, alimentando-se reciprocamente através de permutas magnéticas, bastando-lhes na maioria das vezes o olhar, a palavra, os simples gesto de carinho e compreensão para que recebam o magnetismo criador do coração amado (2).

Quando duas criaturas se associam através de suas energias sexuais se estabelece entre ambas uma permuta de energias perispirituais em que se alimentam mutuamente. Energias estas que constituem o alimento afetivo imprescindível para reabastecer o perispírito dos desgastes energéticos naturais e, fundamentais para garantir o equilíbrio e a euforia de viver. Se, no entanto, um dos parceiros, esquecendo-se da responsabilidade da união a que espontaneamente se entregou, enverada em nova aventura e abandona o consorte pode provocar fortes desequilíbrios no(a) companheiro(a). A criatura abandonada não recebendo mais o alimento energético a que estava habituada e se não dispõe de fortes valores morais que lhe norteie, se não consegue colocar suas energias acumuladas rumo a uma atividade que beneficie o bem comum, entra em desequilíbrio (ciúmes, desprezo, despeito) e pode chegar até a delinquência (suicídio, homicídio, prostituição). Homem ou mulher que assim proceda cria dívidas cármicas no seu próprio caminho pois ninguém causa prejuízo a outra sem prejudicar a si próprio. E certo pois que a Justiça Divina procure restabelecer esses desequilíbrios pelos mecanismos da reencarnação promovendo futuros encontros em situação adequada ao reajustamento dessas criaturas colocando-os novamente, frente a frente, como cônjuges ou na situação de pai e filha ou de mãe e filho, ou irmãos, ou ainda, como aquele parente mais difícil que lhe constitui um problema gerador de angústias, forçando-o a sacrifícios. E assim que pouco a pouco vai se modificando a vida e vagarosamente, vai-se aprendendo o respeito que se deve ao semelhante e particularmente àquela criatura com quem compartilhou as energias sublimes do sexo porque tudo deve caminhar ao justo equilíbrio (4-6) .

“A obra do Universo é filha de Deus. O sexo, portanto, como qualidade positiva ou passiva dos princípios e dos seres é manifestação cósmica em todos os círculos evolutivos, até

que tenhamos a atingir o campo da Harmonia Perfeita, onde essas qualidades se equilibram no seio da Divindade* (2).

Desvios sexuais: homossexualismo

O espírito não tem sexo, conforme lemos na questão 200 de “O Livro dos Espíritos”, encarnando-se como homem ou mulher dependendo das provas que tiver de passar e das experiências a adquirir, o que sedimenta o fenômeno da bissexualidade, mais ou menos pronunciado em quase todas as criaturas. O homem e a mulher serão, assim, acentuatadamente masculino ou feminino sem especificação psicológica absoluta (6).

Assim sendo, frente aos problemas do sexo, cada criatura traz em si extensa soma de experiências vivenciadas em encarnações passadas revelando-se na presente vida, problemática ou não, segundo maiores ou menores transgressões, realizadas nesse desfilar de séculos.

Cada pessoa se apresenta, portanto, com determinadas características emotivas, expandindo-se conforme suas inclinações moldadas no perispírito, acondicionadas no seu inconsciente e trabalhadas pelo consciente, na sua mente, que por sua vez, está sendo influenciada por fatores culturais e educacionais e comandadas pela sua vontade e seu livre arbítrio.

E assim que em questão de sexualidade os comportamentos variam dentro da feminilidade e da masculinidade apresentando-se, quase sempre, como expiações e provas, muitas vezes de difícil compreensão para si próprio e para os familiares.

Nesse tumultuar de conflitos encontramos os heterossexuais e os homossexuais, considerados os primeiros como normais e os segundos como desviados da normalidade. Kinsey, um biólogo americano em pesquisas realizadas entre 1948 e 1953 sobre o comportamento sexual masculino e feminino constatou que 4% dos homens e 2% das mulheres são homossexuais.

No livro “Loucura e Obsessão”, ditado pelo espírito Manuel P. de Miranda, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, é o insigne Dr. Bezerra de Menezes quem esclarece que “...quando o corpo se encontra definido numa ou noutra forma (homem ou mulher) e o arcabouço psicológico não corresponde à realidade física, temos o transexualismo, que empurrado pelos impulsos incontrolados do “eu” espiritual perturbado em si mesmo ou pelos fatores externos, pode marchar para o homossexualismo, caindo em desvios patológicos, expressivos e dolorosos...”(7)

Acontece que homens e mulheres que abusaram de seu magnetismo sexual seduzindo outras criaturas do sexo oposto, desfazendo lares ou abandonando e humilhando a companheira ou companheiro sem nenhum respeito e consideração reencarnariam, neste caso, compulsivamente em posição contrária para que sentindo os problemas do outro sexo,

aprendessem a respeitá-lo e honrá-lo (1,6,7).

Pode acontecer, entretanto, que espíritos missionários desejando realizar tarefas nobilitantes em prol de agrupamentos humanos e conseqüentemente de si próprios, peçam a encarnação em condição sexual oposta a que transitoriamente se encontram, desejando assim, se resguardarem de arrastamentos afetivos para que com mais facilidade possam alcançar os objetivos propostos (1,6).

Num ou noutro caso, quando ocorre o estímulo ou descontrole da função sexual, defronta o ser com a prova que deve superar o esforço de educação, de disciplina mental e física, evitando agravar o próprio estado.

Hoje, porém, várias escolas psicológicas estimulam o uso e o abuso da função sexual na busca do prazer, justificando que tal ação evita frustrações e desequilíbrios. Não é, entretanto, o que se comprova, pois, aqueles que assim procedem transitam insatisfeitos e apáticos, enveredando pelas drogas, tombando mais tarde na loucura ou no suicídio...(7)

A receita ideal, é sem dúvida, a reeducação mental, a correção do conceito de prazer e felicidade, e a regularização dos hábitos viciosos caminhando sob disciplina rigorosa, exercitando a abstinência, valendo-se da prece e preenchendo a mente com idéias otimistas, elevadas que acalmam, ajudando aqueles que sofrem, pois o bem que se faz é conquista de paz interior (7).

Não nos esqueçamos de que a Justiça Divina é perfeita e que “a alma reencarna nessa ou naquela circunstância, para melhorar e aperfeiçoar-se e nunca sob a destinação do mal, o que nos constrange a reconhecer que os delitos sejam quais sejam, em qualquer posições, correm por nossa conta” (4).

Bibliografia:

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Ação e Reação. *FEB*, cap.21.
2. André Luiz (F.C. Xavier) — Missionários da Luz. *FEB*, cap.13.
3. André Luiz (F.C. Xavier) — No Mundo Maior. *FEB*, cap.11.4
4. André Luiz (F.C.Xavier) — Sexo e Destino. *FEB*, 2* parte — cap. 9.
5. Apostila sobre Educação Sexual do “Grupo Espírita da Casa do Camilo’ — S.Paulo, 1987.
6. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo.I, cap.21.
7. Miranda, M.P. (D.P.F.) — Loucura e Obsessão, *FEB* , cap. 5 e 6.

23 Prostituição e promiscuidade

Oswaldo Magro Filho

“A poligamia é lei humana cuja abolição marca um progresso social” (O Livro dos Espíritos, item 701).

No Dicionário Aurélio (3) encontra-se o seguinte significado para o título acima:

Prostituição: Ato ou efeito de prostituir(-se). 2. As Prostitutas, ou sua vida.

Prostituir: Tomar(-se) prostituta. 2.

Degradar(-se), aviltar(-se).

Promíscuo: Agregado sem ordem nem distinção; misturado, confuso.

Percebe-se pelas definições acima que a mulher recebe um enquadramento todo especial, no tocante ao sexo, enquanto o homem nem sequer é citado pelo dicionarista. Isto é uma realidade; a poligamia masculina, de certa forma, é encarada como uma normalidade na ótica de nossa sociedade. No entanto, a poligamia feminina é vista como adultério e prostituição.

Por que não existe o termo prostituto no dicionário?

Onde está a igualdade dos seres?

Uma coisa ninguém pode negar: Só há prostitutas porque há homens que fazem a prostituição!

Ao tempo de Jesus, a "Lei" mandava apedrejar aquela que errava, mas nunca se viu qualquer citação que um homem tenha sido apedrejado por tal fato. O próprio Rei David adulterou e nada lhe ocorreu.

Não queremos com isso dizer que se deve fazer o "olho-por-olho, dente-por-dente". Jesus foi muito claro quando assegurou: "aquele que estiver sem pecado atire a primeira pedra".

Estas alusões têm a finalidade de fazer com que o leitor compreenda que o homem e a mulher estão em pé de igualdade perante a própria consciência.

A partir das décadas de 60 e 70, com a liberação do sexo, as casas de referência para a prostituição tenderam a se extinguir, assim como o comércio do sexo para as prostitutas entrou em decadência. No entanto, o comércio do sexo pelo sexo está em grande ascensão e, por se utilizar da mídia, há uma grande tendência de atrair cada vez mais adeptos para essa moda.

Joanna de Ângelis (5) tem razão quando escreve: "Lês, desnorteado, conceitos da 'nova moral' e já não consegues discernir quais os estados patológicos... daqueles que constituem a vida normal".

Assim, há muitos jovens que caem em verdadeiras ciladas devido a dificuldade de discernimento entre o normal (socialmente falando) e o moral. É óbvio que há muitos fatores predisponentes que podem levar o indivíduo (homem e mulher) a esta troca desenfreada de parceiros(as). Vamos classificá-los em dois grandes grupos:

A) grupo das predisposições trazidas do passado;

B) grupo das predisposições adquiridas no presente.

Tanto no grupo A como no B, cabe à família criar o clima propício para que a responsabilidade consorcie-se com o ato sexual.

Emmanuel (2) faz uma observação impecável, colocando o Espírito como fator desencadeador da viciação sexual:

“Existe o mundo sexual dos Espíritos de evolução primária, inçado de ligações irresponsáveis, e existe o mundo sexual dos Espíritos conscientes, que já adquiriram conhecimento das obrigações próprias... O primeiro grupo se mantém fixado à poligamia, às vezes desenfreada, e só, muito pouco a pouco, despertará para as noções de responsabilidade no plano do sexo, através de experiências múltiplas na fieira das reencamações. O segundo já se levantou para a visão panorâmica dos deveres que nos competem, diante de nós mesmos*.

Em que grupo será que estagiamos? No da evolução primária ou naquele de Espíritos conscientes? Para aquele que ainda não se enquadrrou, citaremos um verso de Comélio Pires(l) que deve ser seguido:

“Cumpra o dever que abraçou
Alegre, forte, sereno,
O sexo com remorso
E melado com veneno.”

Muitas pessoas dirão que é o ambiente que cria o clima, e isso leva fatalmente o ser a se esquecer de suas responsabilidades! Se fosse assim, Chico Xavier teria se prostituído, quando um seu tio o levou a uma casa de prostituição. No entanto, Chico acabou realizando um culto do Evangelho juntamente com as prostitutas.

Outros dirão que faltam exemplos para se seguir.

Mas e o exemplo de Jesus? Se não bastasse, é bom recordar que Maria de Magdala até hoje representa a esperança para aqueles que querem mudar de “grupo”.

Com isso, um grande leque se abre em relação ao que o Espiritismo pode realizar perante a prostituição e a promiscuidade. Basta seguir a técnica que a meretriz de Magdala usou para si: a) amor a um ideal; b) trabalho por esse ideal bom.

Há líderes espíritas que realizam trabalhos notáveis de acompanhamento junto às pessoas que se predispõe a abandonar a prostituição e a promiscuidade.

E muito importante que não fiquemos com olhos ruidosos a enxergar nesse companheiro, em tratamento, um eterno desequilibrado sexual. Não nos importa o que a pessoa foi mais sim o que ela é ou vai ser.

Irmão X (4) narra com muita beleza a lição que Simão Pedro levou de Jesus, quando hesitou em acolher uma prostituta que rogava ajuda. Disse o Mestre:

“ — Pedro, para ferir e amaldiçoar, sentenciar e punir, a cidade e o campo estão cheios de maus — 188 —

FAMÍLIA E ESPIRITISMO

servidores... O Evangelho, para ser realizado, reclama o concurso de quem ampara e educa, edifica e salva, consola e renuncia, ama e perdoa... Abre acesso à nossa irmã transvairada e auxilia-a no reer-guimento. Não a precipites em despenhadeiros mais fundos... Arranca-a da morte e traga-a para a vida... Não te esqueças que somos portadores da Boa Nova de Salvação!...”

Portanto, o Espiritismo tem muito a contribuir neste momento tão grave do comportamento humano.

BIBLIOGRAFIA:

1. Cornélio Pires (F.C.Xavier) — Retratos da Vida. CEC, p.81.
2. Emmanuel (F.C.Xavier) — Vida e Sexo. FEB, p.81.
3. Ferreira, A.B.H. — Mini dicionário Aurélio. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira.
4. Irmão X (F.C.Xavier) — Luz Acima. FEB, p. 157.
5. Joanna de Angelis, (D.P.F.) — Lampadário Espírita. FEB, p.161.
6. Kardec, A. — O Livro dos Espíritos. FEB.

24 Doenças sexualmente transmissíveis

Osvaldo Magro Filho

Durante muito tempo, o termo doença venérea foi empregado para designar as doenças que eram transmitidas pelo sexo. Atualmente, a designação para tais enfermidades é “Doenças Sexualmente Transmissíveis” (D.S.T.).

Assim como não se conversou sobre sexo durante séculos, também não se esclareceu sobre doenças advindas da prática promíscua do mesmo. Isso criou um “clima” propício para o aparecimento de lendas e superstições sobre as D.S.T. Na época medieval, por exemplo, como os maridos não tinham como explicar o aparecimento destas doenças, e devido à ignorância de muitas mulheres, alegava-se que estas doenças podiam aparecer, caso a pessoa urinasse contra o vento, comesse determinado alimento etc.

Hoje, devido ao avanço da ciência e a facilidade de comunicação é justo que as pessoas esclareçam sobre este assunto a fim de que possam se precaverem e se moralizarem na prática do sexo.

Inicialmente, citaremos aqui o agente causador, o mecanismo de transmissão, a sintomatologia e a manifestação das principais doenças sexualmente transmissíveis.

Sífilis

A sífilis é causada por uma bactéria chamada *Treponema pallidum*. A pele ou mucosa constituem a barreira inicial contra a manifestação. A penetração do microorganismo na intraderme ocorre durante o contato sexual, através de uma microscópica lesão (abrasão) da pele ou mucosa.

Estudos epidemiológicos têm demonstrado que 1/3 das pessoas que têm contato com um indivíduo infectado se tornam infectadas também.

A manifestação inicial da sífilis caracteriza-se pelo aparecimento do cancro duro (ferida de borda endurecida) no local onde foi a porta de entrada para o microorganismo (geralmente no pênis ou vagina). Esta lesão caracteriza a sífilis primária.

Admite-se que o tempo necessário para manifestação do cancro duro, após a infecção inicial, seja de três semanas. Mesmo que não se faça qualquer tratamento nessa fase o cancro cicatriza em 3 semanas.

Um mês e meio depois surgem as lesões do se-cundarismo sífilítico, que podem acometer pele e mucosa: as roséolas sífilíticas são lesões avermelhadas, indolores, mais frequentes no tronco e são contagiantes. A pessoa poderá sentir febre, ce-faléia (dor de cabeça) e artralgia (dores nas articulações). Estas lesões também regridem espontaneamente.

Se o paciente continuar sem tratamento médico adequado, ele entrará na fase da sífilis tardia podendo ser latente quando não há sintomas ou manifestar lesões tegumentares (pele e mucosa), lesões ósseas, lesões cardíacas e até lesões neurológicas.

A sífilis é uma doença que possui cura e o médico deve ser procurado para o devido diagnóstico e tratamento precoce.

E importante ressaltar que a gestação não altera o curso clínico da sífilis. Entretanto, o feto pode sofrer consequências desastrosas tais como o aborto, a morte intra-utero, o retardamento do crescimento e a sífilis congênita.

Blenorragia (gonorreia)

É uma doença transmitida pelo ato sexual, havendo possibilidade de contaminação ocasional causada por uma bactéria conhecida como gonococo.

O risco de um homem pegar esta infecção após um único intercuro sexual com a parceira infectada é de 20%, ao passo que 90% das mulheres se contaminam após um único intercuro sexual com o parceiro.

O período de incubação varia de 2 a 14 dias no homem, sendo os sintomas predominantes a dor no ato de urinar e a secreção purulenta uretral. Na mulher, as primeiras manifestações após o contágio ocorrem em média, no décimo dia. Os sintomas mais frequentes são: corrimento vaginal, dor no ato de urinar, sangramento intermenstrual e metrorragia (hemorragia uterina). Pode também ocorrer infecção anorretal ou mesmo faringiana. O diagnóstico e tratamento também deve ser realizado pelo médico.

Cancro mole

Trata-se de uma doença sexualmente transmitida de forma aguda, extremamente contagiosa e auto-inoculável. Tem características de uma ulceração dolorosa (ferida sem borda dura), geralmente localizada na genitália externa e é mais frequente nos homens na proporção de 15 homens para 1 mulher.

A ferida aparece 48 horas após a inoculação da bactéria causadora. No homem, uma cicatrização pode levar mais tarde a uma fimose e requerer como terapêutica uma circuncisão. O diagnóstico e o tratamento também devem ser feitos pelo médico.

Hepatite A e B

A transmissibilidade da hepatite pode ter a conotação sexual; desse modo, na atualidade, a hepatite a vírus, principalmente do tipo B, deve ser encarada como D.S.T.

Por exemplo: a hepatite A parece ser adquirida principalmente através da via oroanal, orofecal, enquanto a hepatite B reconhece vários mecanismos de transmissibilidade: sêmen infectado, saliva e coito ano-genital.

Contudo, sabe-se que se pode contrair hepatite, principalmente a A, ocasionalmente, em regiões onde não há o devido saneamento básico e higiene.

Condiloma acuminado

Também chamado de verruga venérea ou crista de galo, é um tipo de papiloma (verruga) que acomete os genitais externos de ambos os sexos, e eventualmente pode habitar outras localizações. É causado por um vírus do tipo Papilomavírus, que quando inoculado em pessoas suscetíveis, determina o aparecimento das verrugas. O período de incubação tem sido de aproximadamente 3 meses.

O tratamento consiste, habitualmente, na destruição da verruga por agente químico ou físico (cirurgia e etc.).

Herpes

É causado por vírus do tipo 1 e do tipo 2. A transmissão do tipo 1 requer, habitualmente, um contato íntimo (não sexual) entre indivíduos infectados e os sãos, sendo provavelmente o beijo a forma mais corriqueira de contágios da doença, acometendo principalmente a boca, lábios, olhos e parte superior do tórax.

Já o tipo 2 compromete principalmente os genitais, podendo também acometer regiões glútea (nádegas) ou inguinal. As lesões se caracterizam por pequenas vesículas que se agrupam e posteriormente se rompem, tomando-se ulceradas e podendo infectar-se secundariamente. A cicatrização ocorre em torno de 10^o ao 15^o dia após o início da lesão.

Há que se distinguir 2 formas básicas da infecção herpética: a primária e a recorrente. A primária é geralmente precedida de manifestações subjetivas; queimação, parestesia antes do aparecimento da lesão e também cefaléia, dores generalizadas, mal-estar e febre. A sintomatologia encontrada na infecção recidivante ou recorrente é muito mais branda.

A terapêutica do Herpes é muito controversa e insatisfatória, e o médico deve ser procurado para diagnóstico e tratamento.

Clamídia

A infecção pelo vírus *C. trachomatis* tem sido responsabilizada como sendo o principal germe transmitido sexualmente em países desenvolvidos. A clamídia responsável por aproximadamente 40 a 50% das uretrites não gonocócicas em homens.

No entanto, na mulher, as infecções são mais importantes pelo grau variável da gravidade que a patologia pode assumir. Podendo ser assintomática ou causar cervicite mucopurulenta ou doença inflamatória pélvica aguda.

Assim, frente a corrimento mucoso, persistente, o médico deverá ser procurado para fazer o devido diagnóstico diferencial e tratamento.

Tricomoniase

E causada por um protozoário e sua transmissão pode ser sexual ou por contato com superfícies contaminadas, já que o agente causador pode sobreviver no ambiente extravaginal. Por isso, um respingo da bacia pode ser um método de infecção não sexual. Esse fato é muito importante quando se encontra uma vaginite por tricomonas em meninas, uma vez que já foi relatada a contaminação de crianças através de toalha de banho compartilhada com a mãe.

Os homens contaminados, em sua maioria, são assintomáticos. A mulher que possui a infecção por tricomonas, apresenta geralmente corrimento vaginal, às vezes mau cheiro, dor ao urinar e prurido (coceira).

E causada por uma levedura: *Candida albicans*. O aparecimento clínico desta infecção se dá em condições especiais: queda da imunidade; uso de antibióticos de largo espectro; diabetes melitos; uso de glicocorticóides e gravidez.

Muitas pessoas têm esta levedura em equilíbrio com sua flora microbiota sem apresentar qualquer manifestação. No entanto, nas condições acima citadas podem ocorrer as seguintes manifestações na mulher: prurido vulvar, leve ou intenso, e que frequentemente começa no pré-mênstruo; corrimento inodoro, espesso e branco tipo "leite talhado", eritema que pode estar presente, assim como escoriações devido ao ato de "coçar".

O tratamento deve ser feito concomitantemente com o parceiro sexual, e deve ter o acompanhamento médico.

Inúmeras Doenças Sexualmente Transmissíveis não foram aqui discutidas devido serem mais inco-muns e de maior complexidade. Estes tópicos já comentados foram retirados do livro "Tratado de Ginecologia"(3) e foram realizadas algumas adaptações.

O tema AIDS será discutido em outro capítulo, embora seja uma doença sexualmente transmissível.

Educação: a melhor opção

O conhecimento dos mecanismos de transmissão das doenças anteriormente citadas são de fundamental importância para a realização da prevenção. No entanto, mais importante que evitar o contágio utilizando-se de recursos artificiais como a camisinha, deve-se fazer uso da inteligência e começar a limpeza a partir da mente.

André Luiz, no livro *Missionários da Luz* (1), relata uma visita que foi fazer a um grupo de desenvolvimento mediúnico, juntamente com outros amigos espirituais. Chegando ao local, postaram-se ao lado de um rapaz que estava com lápis em punho e, com auxílio magnético de Alexandre (espírito), começaram a observar o aparelho genital.

O autor espiritual comenta:

“Fiquei estupefato. As glândulas geradoras emitiam fraquíssima luminosidade, que parecia abalada por aluviões de corpúsculos negros, a se caracterizarem por espantosa mobilidade. Começavam a movimentação sob a bexiga urinária e vibravam ao longo de todo cordão espermático, formando colônias compactas, nas vesículas seminais, na próstata(...) Que significava aquele acervo de pequeninos seres escuros?(...) Seriam expressões mal conhecidas da sífilis?”*

“Enunciando semelhante indagação íntima, explicou-me Alexandre (...):

“— Não André(...) São bacilos psíquicos da tortura sexual, produzidos pela sede febril de prazeres inferiores. O dicionário médico do mundo não os conhece(...) chamemo-lhes larvas, simplesmente. Têm sido cultivados por este companheiro, não só pela incontinência no domínio das emoções próprias, através de experiências sexuais variadas, senão também pelo contato de entidades grosseiras(...) O pobrezinho ainda não pôde compreender que o corpo físico é apenas leve sombra do corpo perispiritual(...) admite que o sexo nada tem que ver com espiritualidade(...) O erro de nosso amigo é o de todos os religiosos que supõem a alma absolutamente separada do corpo físico”(3).

Este breve comentário é muito esclarecedor. Se estamos nos empenhando a todo custo para evitar a transmissão de doenças sexualmente transmissíveis, é justo que façamos o mesmo trabalho inter-relacionando o espírito ao corpo. Só há corpo doente porque há espírito doente.

Ninguém é ingênuo a ponto de pensar que a contaminação pelas doenças sexualmente transmissíveis não trazem conseqüência ao espírito. O próprio André Luiz nos conta, no livro *Nosso Lar* (1), a sua condição de sífilítico, quando encarnado, e as conseqüências que ele teve que vivenciar ao ser acusado de suicida “inconsciente”.

Portanto, conclui-se que a educação integral é a base de toda profilaxia que se deseja na área das Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Bibliografia

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Missionários da Luz, FEB p 28 - 29.
2. André Luiz (F.C.Xavier) — Nosso Lar. FEB
3. Halbe, H.W. — Tratado de Ginecologia. Voi., 1, p. 557-603.

25 Toxicomanias - a droga, o adolescente e o agravamento de seus problemas

Miguel Carlos Madeira

“Dar ao corpo o que lhe é necessário, a fim de tomá-lo servidor útil e não tirano, tal é a regra do homem criterioso. Reduzir a soma das necessidades materiais, comprimir os sentidos, domar os apetites vis e libertar-se do jugo das forças interiores, é preparar a emancipação do Espírito! Ter poucas necessidades é também uma das formas de riqueza” (Léon Denis).

O psiquiatra André Gaiarsa costuma dizer que a droga é a saída dos que não têm saída. Esta falta de saída pode ser emocional, moral, econômica, de sofrimento. Então é como se, num quarto fechado, a pessoa pintasse uma paisagem e fingisse que era uma janela. É assim a droga — cria a ilusão de uma mudança de situação. Assim dá para aguentar mais tempo uma vida estagnada. O adolescente drogado não raro faz parte de uma família em estado de estagnação. Tem na casa um papel fixo que não consegue modificar, não recebe atenção e não tem opções. Só o tóxico parece promover uma variação da situação. Drogado, ele tem uma visão diferente daquilo que o faz sofrer — só que é uma visão contraditória. Sóbrio ele vê uma coisa; drogado ele vê outra. Não há como conciliar.

Os usuários de drogas lançam mão deste recurso para reduzir tensão emocional ou ansiedade, para remover a fadiga ou o aborrecimento, para alterar o humor, para facilitar contactos sociais, enfim para resolver problemas. Mas, com o tempo, encontra uma maior dificuldade para a solução dos problemas. E um recurso extra para se sentir vivo, quando se sente morrer como gente e se perder como pessoa. Mas o alívio inicial do desconforto leva a múltiplas desvantagens, a conseqüências diversas, ao longo do tempo. Uma delas é o indivíduo ir fixando na memória as soluções fantasiosas e irreais podendo perpetuar o comportamento pueril de fuga, com inegável empobrecimento da personalidade.

Há também a causa do uso do entorpecente somente pela busca do prazer. Este é muito valorizado na sociedade contemporânea. O prazer, pelo prazer, sem justificativa, sem regra. E

quando se misturam os prazeres aí é que a coisa pega fogo. Um potencializa o outro. É o caso do carnaval e dos grandes festivais de música, por exemplo, que oferecem momentos propícios para a euforia com o uso desenfreado da droga e do álcool. Mas, isso que chamam de prazer é alcançado quando a droga atinge o sistema nervoso central, provocando alterações do funcionamento de todo o organismo, acelerando o ritmo dos aparelhos respiratórios e circulatório (daí a sensação do bem estar físico), o que produz desgaste do coração e dos pulmões. As vezes, ainda, pode gerar crise aguda, com parada respiratória ou cardíaca.

A escalada da toxicomania é preocupante. A quantidade de drogas existentes é enorme e a sua aquisição é fácil. Até mesmo estudantes de primeiro grau já estão se comprometendo. O jovem começa experimentando, geralmente enganado ou imposto pelo grupo, ou exigido pelo meio social e facilitado pelos interesses econômicos. Pega o hábito que logo vira necessidade, iniciando-se assim a escalada da dependência à droga. Onde pode o indivíduo pensar? Pode a necessidade sumir espontâneamente? A experiência é negativa nesse sentido.

Essa preocupação contudo, não deve precipitar a pessoa que quer ajudar, por maior que seja sua boa vontade, de maneira a atirar-se ao combate, alertando, aconselhando, sem antes se cercar de cuidados quanto à abordagem e possíveis soluções do problema. O despreparado, com o pretexto de socorrer, acaba dificultando a solução.

A melhor atitude em relação à droga é a objetividade. De nada adianta se apavorar, acusar, denegrir e vociferar aquele montão de frases estereotipadas que os nossos preconceitos já tem pre- paradinhas para a ocasião. Se o adulto radicaliza, induz o jovem a radicalizar também. Parênteses. Aqui eu destaco o adulto e o jovem, como se alerta e socorro viessem só do primeiro e problemas fossem gerados somente pelo segundo; como se houvesse duas linguagens diferentes, uma para um, outra para outro; orientação de profilaxia e orientação de combate. Nada disso. Não é apenas o adulto que tem a capacidade de ajudar, não é só o jovem que tem o “privilégio” de experimentar drogas. Idade cronológica e fatores sociais e ambientais não determinam essas diferenças. Num curtíssimo espaço de tempo o sujeito tem mudada a sua situação, a sua categoria. Num instante, de menor de idade, descompromissado, possa o adulto compromissado com o trabalho, com casamento, etc. Mudariam também nesse período rápido, os seus valores? a sua personalidade? Seria ele outra pessoa, tão distante daquela primeira? Fecha parênteses.

Mas, voltando à referida objetividade, deve haver oportunidade a todos os participantes de um determinado caso de discutirem as suas atitudes em relação ao problema. Jovens e adultos. Jovens ou adultos. Com raciocínio lógico, com os pés no chão. Haverá sempre reciprocidade se houver sinceridade e tratamento objetivo do que realmente está acontecendo. Há que haver confronto e esclarecimento das idéias. Abordagens alarmistas e ingênuas de nada valem. Abordagens sob o ponto de vista moral ou religioso também não.

Se alguém estiver interessado em informar e educar, lembrar que são supérfluas as

alocações do tipo “isso faz mal”, “você está se prejudicando”, “sai dessa enquanto é tempo”. O esclarecimento tem que ser feito em bases científicas para que haja credibilidade. Há razoável bibliografia em que se sustentar para argumentar sobre os efeitos nocivos do uso ilegal das drogas. Se você quer ser um deles, se você acha que não temos o direito de nos omitir ao compromisso de confrontarmos com a realidade com a que vivemos, documente-se e diga sempre a verdade. Não resta dúvida de que a maconha, hoje em dia, com variedades de princípio ativo muito mais forte, faz um mal danado. As drogas de cheirar, então, ocasionam lesões irreversíveis no cérebro. As injetáveis, quando em sobredoses, matam. Mas só dizer isso não basta. E preciso argumentar com conhecimento de causa. É preciso mostrar, comprovar.

Mas vamos deixar de lado as causas do início do vício (inclusive aquelas tão imbecis, mas até certo ponto próprias do adolescente, como o modismo, a curiosidade e o exibicionismo) e as possíveis soluções. Vamos pensar a família e a adolescência, que é a maior finalidade desta conversa. A droga até que entrou de viés na preparação deste trabalho, como aquela que agrava problemas já instalados (ver o título). Dedicar atenção à droga, mas não se esquecer dos problemas a que ela está associada.

Deus nos deu mundo, a vida, razão, colocando-nos num plano superior a todo tipo de vida sobre a face da terra. É no seio da família que o homem começa a se construir, a se formar para um dia atingir seu ideal e ser feliz. Temos uma força interior muito grande, uma enorme aptidão para progredir sempre. Mas, às vezes, fazemos pouco uso dessa força, nos acomodamos. Principalmente em momentos de crise, tais como a infância sem amor, o período crítico da adolescência e as frustrações do adulto.

A crise da adolescência é, entretanto, natural, porque encerra mudanças biológicas, psicológicas, sociais, todas elas previstas. Mas requerem compreensão e ajuda. Os pais devem estar atentos, presentes.

Dentro do contexto familiar, pode-se continuar afirmando sem medo de errar, que a ruptura da família, quaisquer que sejam suas causas, cria um imenso vazio no qual o filho é mergulhado. A carência afetiva e educativa decorrentes podem propiciar o inconveniente de que estamos tratando. Não que uma coisa justifique a outra, mas é fato incontestável que a desagregação familiar está relacionada diretamente com a disseminação da droga entre os jovens. Há também os marginalizados da grande família, que é a sociedade, e que cabem bem neste parágrafo.

Se a infância transcorreu sadia, em lar estável e seguro, a adolescência tem tudo para caminhar sem problemas. Haverá momentos de dúvidas, incertezas e até revolta, porém, saberá o adolescente facilmente encontrar o caminho. Em contrapartida, para uma infância turbulenta, desajustada, uma adolescência idem. Sem a devida base, assenta-se o jovem numa personalidade cheia de “grilo”.

A ausência paterna, um pai fraco, uma mãe dominadora, o hábito de ingerir drogas

como o álcool, fumo, tranqüilizantes, pílulas para dormir e dietéticos, tudo isso é grande fator desencadeante.

A família acaba não representando nada para o jovem, que vai buscar alhures novos modelos e papéis. Os amigos são procurados. Astros de televisão e outros heróis são imitados. As drogas são experimentadas para mais fortemente rejeitar tudo e buscar nova experiência e descobrir valores pessoais importantes adormecidos.

Sim. Não resta dúvida de que estas são afirmações verdadeiras. O papel dos pais é de importância fundamental na educação do jovem. Transcendental mesmo. Mas, a partir daí culpar todo o pai pelo desajuste de seu filho, não! E preciso lembrar que os conflitos e tensões da adolescência muitas vezes fazem, parte de um processo lento, gradual e contínuo, sem transformações básicas e rápidas na personalidade. Há tempo para que o jovem participe com um comportamento consciente e ativo, exercitando seu autocontrole e autodisciplina. Espera-se mais do jovem. Não é só o pai, não. Espera-se do jovem, no individual e no coletivo (Mocidade Espírita é um dos exemplos de coletivo).

Então entra alguém para contestar. Nada disso: a adolescência é crise profunda mesmo. E novo nascimento, nova personalidade. E novo caráter porque nessa fase o espírito retoma a natureza que lhe é própria e se mostra como é na realidade (O Livro dos Espíritos, 385). Tudo bem. Tudo a considerar. Mas, insisto, todos os argumentos não excluem a participação do próprio moço, com um montão de responsabilidades que somente a ele são pertinentes. Recordar que sentido de lar, de família, não é pai e mãe que determina, mas o grupo todo que se completa.

26 Toxicomonais (fumo, álcool, drogas)

Miltes Aparecida Soares de Carvalho Boima

“A Prevenção ao Uso de Drogas Começa em Casa”

* * *

Como evitar que um traficante adote o seu filho

1. Os pais atuam como modelo, exemplo para os filhos.

Assim sendo, respeito mútuo e diálogo asseguram uma relação harmônica e, como decorrência desta relação, podemos ter o crescimento promovendo sempre o redimensionamento entre os membros integrantes não da nossa casa, mas do “lar”.

2. A automedicação deve ser evitada, se não estamos incentivando indevidamente o uso inapropiado à drogas.

3. Quando medicar o seu filho, nunca associe este fato algo prazeroso, tal como comer uma barra de chocolate.

Procure associar o remédio à necessidade de combater à doença.

4. O consumo de bebidas alcoólicas e de cigarros é incentivado pela sociedade a ponto de induzir ao “sucesso” os seus usuários. Os adolescentes em busca de auto-afirmação se identificam com o adulto (o pai, a mãe e outros), procurando fumar e beber, mesmo sem gostar.

5. Apoio, atenção e amor a cada filho, respeitando a sua individualidade de expressar, implicando a aceitação da maneira como ele é e não como gostaríamos que ele fosse.

6. Mobilizar o crescimento, despertando o senso crítico do filho, tendo ele a oportunidade de expressar seu ponto de vista, discutir, avaliar situações e andar sobre suas próprias pernas.

7. Não corromper o filho às suas idéias.

Diante da televisão, leituras e as demais situações sociais; deixe que seu filho num processo lento e gradativo obtenha sua consciência crítica estruturada, dentro da dinâmica familiar. A proposta é discutir e não proibir.

8. É saudável não invadir os espaços, portanto, deixe que seu filho traga amigos para dentro de casa.

9. Considerando a adolescência um período de transição, de fronteira, canalize o diálogo como forma de redimensionar as relações com vias ao crescimento dos jovens como dos pais.

10. “Adolescer é ainda um sonho por fazer, um esboço a concretizar, um intuito de viver e inventar”. Assim sendo, o adolescente sente-se em cima do muro por não ser criança e também não ser adulto. Diversões, lazer e “embolada” em grupo é necessário.

11. A vigilância dos pais é importante, com a dosagem não policial; porém amorosa, companheira, de quem zela pelo bem do filho e nele confia.

12. Observar o grupo, a “patota”, com quem o filho anda, uma vez que a influência do meio social é forte na adolescência.

13. A família que cedo começou o diálogo com o filho, encontrará, na sua adolescência, aceitação, facilidade de reciclar compreensão e confiança em mão dupla.

14. Vale mais “falar um ano antes do que o cinco minutos depois”. Assim sendo os pais devem se atualizar e reciclarem-se para acompanhar a evolução do tempo: é fundamental acompanhar o momento de seu filho.

15. Abordar sobre as consequências do uso indevido de drogas, com naturalidade e dentro da verdade científica. Nunca mentir ou fazer especulações em cima de assuntos, porque o efeito poderá ser contraditório.

16. Não acomodar diante do cansaço e desânimo das tarefas diárias. Também dê um tempo para o seu filho, compartilhe com ele alegrias, preocupações, seja amigo da criança e do jovem, eles precisam muita desta troca.

Ao detectar um filho com problemas por onde caminhar

Medidas educativas são necessárias, quando detectamos um filho experimentado ou até mesmo usando drogas:

1. Não deixe o desespero tomar conta de você, pois desta forma os pais não usam a razão.

2. Não se culpe, responsabilize-se.

3. Não dramatize nem use atitudes primitivas e drásticas, como surrar, expulsar, xingar, porque tudo isso só agrava mais o problema.

4. Tenha como meta a busca de segurança e saúde para teu filho.

5. Sensibilize-o mostrando o envolvimento e as conseqüências, use de firmeza, mostrando-lhe que ele está doente e que pode contar com o apoio familiar para se recuperar.

6. Institua um processo disciplinar no sistema de vida, mesmo ele sabendo que vocês estão atuando de forma mais incisiva. E necessário paciência, compreensão, firmeza e acima de tudo muita garra.

7. Procurar um profissional ou outra pessoa de confiança para ajudar você e seu filho; e se necessário encaminhe-o para tratamento.

8. Algumas vezes se faz necessário cortar o assédio de determinados companheiros que podem emperrar o tratamento. Bom senso, afeto e tato nestes momentos.

9. Os pais devem se comprometer a acompanhar o processo de recuperação do filho e não delegar este papel ou até mesmo esperar que os Professores responsáveis o façam.

10. Desmistifique idéias primárias como sentir medo ou vergonha por ter um drogado na família.

O único mal que pode haver é não estar ao lado do doente, desconsiderá-lo, tratá-lo como um marginal que está desonrando a família. O que interessa, realmente, é o seu bem estar e a sua vida.

11. Reintegrá-lo na sociedade através de seus ideais, lazer, estudo, compromissos e vínculos sadios com todos que o rodeiam.

12. Procure inteirar-se dos grupos, como o DESAAT - Departamento de Socorro Anti-Álcool e Tóxico, do Centro Espírita "Obreiros do Senhor", de São Bernardo do Campo e outros de tratamentos especializados para dependentes químicos. Nunca interne em

hospital psiquiátrico sem a devida recomendação de especialista. Lembre-se que cada caso é único e particular, o que requer uma atenção clínica e para instituir o tratamento em busca de recuperação.

“A busca de Deus, a valorização da vida e a assistência espiritual (com a fluidoterapia) são roteiros que também trazem novas esperanças”.

Bibliografia:

1. Apostilas e Folhetos do Congresso Estadual
2. Divisão de Prevenção e Educação. R. Brigadeiro Tobias - 527 - 17a. andar - CEP 01032-SP
3. Drogas Prevenção de Hoje. (2^ª ed., 1990)
4. Franco, D.F., Perri de Carvalho, A.C. e Perri Chefaly, L. - Em Louvor à Vida, Salvador, Leal. Autores Diversos
5. IMESC - Capacitação para Prevenção ao Uso Indevido de Drogas.
6. Kalina, E. & Kovadloff, S. - Drogadicção. Indivíduo, família e Sociedade. 2^a ed., Rio, Livraria Francisco Alves Edit., 1980.
7. Ministério da Saúde / Ministério da Justiça - Consumo de Drogas Psicotrópicas no Brasil em 1987 - Estudos e Projetos.
8. Olievenstein, C. - A Droga. São Paulo, Edit. Brasiliense; 1980.
9. Olievenstein, C. - Os Drogados não são felizes. Rio, Edit. Nova Fronteira, 1977.
10. Rocha, L.C. - Tóxicos. S. Paulo, Saraiva, 1985.
11. Santos, O. - Um Grito de Alerta. Rio, Edit. Eu e Você, 1981.
12. Tuma, R. - Uma Visão Internacional do Problema das Drogas.

27 Aids e a visão espírita

Osvaldo Magro Filho

A abordagem científica da AIDS tem sido realizada, de uma maneira geral, pelos meios de comunicação, escolas e etc. Assim, será feito, inicialmente, uma revisão acerca do mecanismo de transmissão desta doença.

Como se dá a transmissão do vírus da aids

Se o HIV (vírus da AIDS) está presente no sangue de um portador ou aidético, ficará lógico dizer que para que a doença seja transmitida a outra pessoa é necessário o contato sangue a sangue (12). Portanto, não existe nenhum risco de contaminação nos afazeres cotidianos. Todos os estudos feitos na África e nas famílias de hemofílicos aidéticos confirmam: não há transmissão de vírus através de vasos sanitários, xícaras, copos, aperto de mão e etc (1).

Desta maneira, as principais formas de transmissão da doença são:

A) Ato sexual (através do esperma, secreção vaginal e microferimentos). A sodomia, tanto hétero como homossexual é que leva a maior possibilidade de transmissão, embora também ocorra a transmissão nas relações heterossexuais clássicas. Em 1988, o Dr. Willy Rosenbaum tomou público cinco casos de transmissão do vírus por sexo oral (1).

B) Agulhas e instrumentos contaminados. Seringas ou agulhas usadas e contaminadas tem levado o vírus a muitas pessoas. Em uma publicação francesa, notificou-se dois casos de contaminação via acupuntura (1). Não há nenhum caso relatada de contaminação via navalha de barbear, alicate de cutícula e etc., mas existe o risco teórico de contaminação;

C) Transfusões de sangue (14);

D) Gravidez. A contaminação pode se efetuar de mãe para o bebê na hora do parto e durante a gravidez (em 50% dos casos) (3). Em relação ao leite materno, há possibilidade de transmissão.

Aids é um carma, abuso ou missão

A idéia de que AIDS seja um castigo divino, como consideram os mais dogmáticos, mostra quão distantes da realidade estão as pessoas que assim tentam adaptar as novas situações à comodidade de seus pensamentos (12).

Lourival Perri Chefaly, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, nos esclarece a este respeito: "A moderna AIDS, por exemplo, inscreve-se como um desses flagelos morais que o homem engendrou para a própria depuração espiritual* (8).

A frase deixa claro que não se trata de castigo divino mas sim uma reação da natureza, através da microbiologia virótica, às ações irresponsáveis do ser humano.

Mas, por que alguém pega AIDS? É carma?

Continua o mesmo autor espiritual: "A indisciplina mental (...) fixa no psicossoma do homem as matrizes dos distúrbios que fomenta, criando campo vibratório para as ocorrências liberativas em outras etapas existenciais a que se prende" (8).

É interessante assinalarmos aqui a opinião de Emmanuel acerca destes processos morbosos que assolam o homem: "... quase todos eles surgem como fenômenos secundários sobre as zonas de predisposição enfermiga que formamos em nosso próprio corpo, pelo desequilíbrio de nossas forças mentais a gerarem rupturas ou soluções de continuidade nos pontos de interação entre o corpo espiritual e o veículo físico, pelas quais se insinua o assalto microbiano a que sejamos mais particularmente inclinados pela natureza de nossas contas cármicas" (5).

Frente ao exposto, fica claro que as enfermidades se instalam entre aqueles que têm predisposição para tal. Isto significa que uma reincidência num desequilíbrio toma-se um agente desencadeante para o estabelecimento de uma doença, como a AIDS. Assim, como desconhecemos nossos 'mapas* perispirituais, os cuidados devem ser inerentes a todos. Isso

esclarece' a ocorrência da AIDS entre aqueles que não se contaminaram pelos tóxicos ou pelo sexo; é o caso dos hemofílicos e de crianças filhas de aidéticos (12).

Portanto, a AIDS deverá ser vista como um meio de reeducação à alma que deve a si mesma, e não como uma punição fatalista.

A AIDS pode ser encarada como missão?

Depende do tipo de análise que se faz. A abordagem da Dr.^s Elizabeth Kübler-Ross é muito interessante. Ela diz que “a AIDS representa um chamado a fim de que a humanidade possa demonstrar seu amor e solidariedade àqueles que sofrem* (11).

Prevenção à luz da doutrina espírita

Em “O Evangelho Segundo o Espiritismo* encontra-se a seguinte inscrição: “Amai, pois, a vossa alma, porém, cuidai igualmente do vosso corpo, instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria natureza indica, é desatender a lei de Deus* (10).

Embora atrasadas, nota-se que estão sendo feitas campanhas de esclarecimento e profilaxia da AIDS para a população em geral. Qual seria a posição do espírita? Cremos que ao invés da radicalização no moralismo, o momento sugere sempre posições reais e humanistas, afinal o trecho do Evangelho transcrito acima nos cobra os devidos cuidados.

Nas mensagens, embutidas nos cartazes e nas campanhas, enfatiza-se a redução de parceiros, o emprego de preservativos de borracha e o uso de seringas descartáveis e individuais. É claro que a campanha a nível nacional está direcionada para os chamados grupos de riscos. A nosso ver, há duas orientações a serem feitas para a população: Aqueles que se enquadrarem no chamado grupo de risco (comportamento de risco) devem acatar as recomendações da campanha. Os demais, devem manter vigilância quanto à profilaxia da doença (12).

Por outro lado, é necessária a orientação e o esclarecimento para se evitar o desequilíbrio sexual e as toxicomanias. A este respeito o Espiritismo tem muito a contribuir.

Por mais discrepante que seja o comportamento humano, as mensagens cristã e espírita são claras, acenando com a possibilidade de arrependimento, renovação e progresso.

Além do mais, o ideal seria que a profilaxia da AIDS e das doenças sexualmente transmissíveis não se fizesse só em casos de emergência, à força da “ética do pavor”, ou meramente às custas das orientações materiais de higiene sexual. O Espírito, encarnado, deve ser levado em consideração (8).

Em mensagem psicografada por Divaldo P. Franco, o espírito Lourival Perri Chefaly comenta: “Qualquer medida profilática em relação à AIDS (...) tem que se iniciar na conduta mental, exteriorizando-se na ação moral, cujo o comportamento (...) estabelece (...) a saúde física e psíquica, que reflete o velho conceito latino “mens sana in corpore sano* (8).

No tocante à AIDS, para que o conceito acima colocado seja absorvido por aquele que precisa, a mensagem espírita deve lançar luz sobre os pontos obscuros de seu comportamento de risco. A respeito da função sexual, a Doutrina Espírita traz belíssimos conceitos.

Jorge Andréa afirma que as forças criativas podem ser chamadas “Forças Sexuais da Alma”(4) e ainda que “não há tormento dos órgãos sexuais e sim mentes atormentadas pelo descontrole vibratório do sexo mal dirigido”. Entre as muitas orientações de natureza espiritual vale a pena focalizarmos algumas frases: “A pretexto de modernismo, não te desequilibres(...) O recato é atitude moral indispensável a uma vida sadia, normal” (9) — “A sexualidade no casal existe, sobretudo, em função de alimento magnético entre dois corações que se integram um no outro” (7).

Entendemos que a visão espírita é humanista e compreensiva, principalmente por oferecer a função sexual dentro de um diapasão muito abrangente como “forças criativas ou como alimento magnético”. Assim, está muito além da visão procriativa sob a qual, hipocritamente, se aponta o sexo como tendo unicamente a função de perpetuar a espécie. Além do mais, o Espiritismo não dogmatiza a respeito do sexo. Emmanuel considera: “Não proibição, mas educação. Não abstinência imposta, mas o emprego digno com o devido respeito aos outros e a si mesmo. Não indisciplina, mas controle. Não impulso livre, mas responsabilidade. Fora disso, é teorizar simplesmente, para depois aprender ou reaprender com a experiência” (7).

Portanto, o equilíbrio sexual deve ser buscado com a saúde física e psíquica. Esse critério comportamental também é válido para a profilaxia das toxicomanias. Desta maneira, além dos imprescindíveis enfoques de ordem médica, psicológica e social, de nossa parte cremos que há de se integrar a visão espírita para que o assunto seja abordado da forma mais integral possível.

Equipe espírita como sistema de apoio ao aidético

Ao se falar em aidéticos, na grande maioria das vezes, implica falar em promiscuidade sexual, toxicomanias, doenças crônicas e morte. Logo de cara o orgulho, disfarçado na condição de zelador da boa moral, deve ser deixado de lado. Jesus viveu cercado por prostitutas e doentes e nem por isso se prostituiu ou adoeceu.

A partir do instante em que um aidético ou portador do HIV procura o Centro Espírita, percebeu-se que algo diferente o está motivando para esta busca. Os espíritas, por sua vez, devem estar a par de alguns conselhos de Emmanuel, através de Chico Xavier: “A vida sexual de cada criatura é terreno sagrado para ela própria e que, por isso mesmo,

abstinência, ligação afetiva, constituição de família, vida celibatária, divórcio e outras ocorrências, no campo do amor, são problemas pertinentes à responsabilidade de cada um” (7).

Isso nos leva a refletir acerca das questões que surgem tão rotineiramente: Como ele(a) pegou a doença? — A resposta deve ser clara: Não sei, não é um terreno que me pertence, mas estou disposto a ajudá-lo(a).

Outras indagações: Ele(a) é homossexual? — André Luiz esclarece no livro “Sexo e Destino”: “As personalidades humanas taxadas de anormais são tão carecentes de proteção como aquelas que desfrutam das regalias da normalidade”.

Dentro da casa espírita, o portador do vírus e o aidético deverão ser tratados com toda normalidade e discrição. Não há porque fazer escândalo, a AIDS não é transmissível pelo contato social e sim pelo contato sangue a sangue (2,3,14).

Assim, nas atividades do Centro Espírita, com exceção daqueles em que se utiliza instrumentos cortantes em seus trabalhos (Centros de Cura, etc), não há possibilidades de transmissão da AIDS. Mesmo assim, os cuidados básicos de higiene devem ser tomados. O copinho na qual se serve água fluidificada deve ser descartável ou caso seja reaproveitado, deverá receber cuidados gerais de limpeza. Para tanto, sugerimos a utilização de substâncias que inativam o HIV. São elas: cândida, Q-bona, água sanitária, solução de Darkin ou Milton, álcool, glutaraldeído ou até água oxigenada. As quatro primeiras substâncias citadas devem ser diluídas na proporção 1:10 volumes de água, e deixadas em contato com a área a ser higienizada por 5 minutos. Os cuidados de higienização devem ser estendidos ao banheiro público e outros locais.

Mas, onde está o sistema de apoio ao aidético?

A equipe espírita deve se preparar com os conhecimentos de psicologia acerca das angústias do necessitado. A psicologia do amor é de fundamental importância. Mas, tecnicamente, o preparo deve ser grande porque encontrarão pela frente não apenas aidéticos com problemas, mas também pais e mães em conflitos psicológicos. É muito comum eles negarem tudo a todos sobre a realidade dos fatos.

Nos Estados Unidos, apenas 1/3 dos casais não fazem da AIDS um problema, indo de encontro ao li-lho. Entre 1984 e 1986, 50% das mães passaram a dar apoio emocional aos filhos enfermos, enquanto apenas 1/3 dos pais foram capazes de fazer o mesmo (11).

Com isso, verifica-se que a terapia deve atingir a família.

As terapias de grupo tem sido o método encontrado para que todos possam entrar em contato com suas dores, temores e culpas mais profundas, há muito reprimidos. A Dr.^s Elizabeth Kübler-Ross esclarece acerca desta atividade: “Basicamente, ensinamo-lhes o que pacientes agonizantes costumam fazer no leito de morte. Isso consiste em por fim em suas angústias e medos, a fim de que deixem de se sentir negativos, e para que possam viver até o dia da morte em paz, com serenidade, aceitação e perdão para com os outros e consigo

mesmos' (11).

Imaginem quanta luz o conhecimento da imortalidade e da reencarnação lançarão sobre estas atividades!

Além do mais, o passe é uma terapia que poderá ser utilizada como auxiliar à terapêutica médica, assim como a água fluidificada ou outras terapias alternativas.

A palavra dirigida ao aidético deverá ser sempre otimista, Chico Xavier, em entrevista concedida, colocou que acredita que “a ciência descobrirá meios de imunização das criaturas’ (9), e nós, os espíritas em geral, não acreditamos no sofrimento eterno.

Portanto, há muito trabalho pela frente. Se cada um prestar a colaboração sincera e anônima de um sorriso, da ausência de preconceito e da recepção carinhosa, muita dor será aliviada.

Bibliografia:

1. AIDS — 10 anos de flagelo. Manchete, janeiro de 1990. p.20-34.
2. AIDS — Quanto mais você conhece, mais pode evitar. São Paulo, maio, 1989.
3. AIDS -- São Paulo, Clã (Depto. da Goodyer do Brasil), maicyju- nho, 1988.
4. Andréa dos Santos, <T. Forças Sexuais da Alma. **FEB**
5. André Luiz (F.C.Xavier e W.Vieira) — Evolução em Dois Mim, dos, **FEB**.
6. Emmanuel (F.C.Xavier) — Jesus em Nós. **GEEM**.
7. Emmanuel (F.C-Xavier) — Vida e Sexo. **FEB**.
8. Franco, D.P., Perri de Carvalho, A.C. e Perri Chefaly, L. — Em Louvor à Vida. Salvador, **Leal**.
9. Joanna de Ângelis (D.P.F.) — Convites da Vida. **Leal**. 1972.
10. Kardec, A. — O Evangelho Segundo o Espiritismo, **FEB**.
11. Kubler-Ross, E. — AIDS, o desafio final. São Paulo, **Best Seller**.
12. Magro - Filho, O. & Perri de Carvalho, A. C. — AIDS e a visão espírita. Revista Internacional de Espiritismo, abril, 1987.
13. Rosa, F; Câmara, P.R.P.; Magro - Filho, O.; Castro, A.L - Sin drome de deficiência imunológica Adquirida - estudo epide- miológico e comportamental em homens homo e bissexuais. Rev. Inst. Odont. Paulist. 3:29 - 36, 1985.
14. What Science Knows About AIDS. Science American, October, 1988.

28 Sugestões para se trabalhar com os temas e para a montagem de equipes

1. A montagem de Seminários ou Cursos deve ser um trabalho de equipe, reunindo-se os interessados no estudo dos temas e os que têm condições de desenvolvê-los. Nesta equipe, é muito importante a atuação de pais já que passaram pela experiência da educação de filhos e de alguns profissionais, como educadores, psicólogos e médicos.
2. Como etapa inicial, para a montagem da equipe no Centro, pode-se convidar uma equipe que desenvolva um Seminário e depois, formar-se um grupo de estudos local. Este grupo poderá dar origem a uma equipe local com possibilidade de desenvolvimento de Seminários ou Cursos.
3. Deve-se evitar o estudo de um único livro. Pode-se adotar a estrutura de uma obra, mas utilizando-se bibliografia diversificada, incluindo livros técnicos para se aprofundar e enriquecer a discussão.
4. Os assuntos devem ser abordados dentro da realidade atual (tão diferente de 20 anos atrás) e com um discurso próximo dessa realidade. A linguagem que não se entende e linguagem muito religiosa, distancia o participante da compreensão desejada.
5. A abordagem dos temas poderia ser de aula expositiva de 10 minutos para contextualizar, seguida de discussão em grupo, variando a técnica de aula para aula.
6. Poderiam também, ser providenciadas de 03 a 06 perguntas bem pertinentes, condizentes com os objetivos, ao final de cada texto, para os participantes pensarem sobre elas e responderem se for o caso.
7. Aula expositiva — É o método mais empregado. No entanto, nem sempre através de uma aula consegue-se ensinar aquilo que precisa. Para a aula expositiva, o expositor, além dos recursos naturais de conhecimento e facilidade de expressão, pode lançar mão de recursos como: slides, cartazes, retroprojeção, vídeos, etc.

8 Estratégias que dividem os componentes da reunião em pequenos grupos

8.1. Pequenos grupos com uma só tarefa. Todos os grupos da reunião são submetidos ao mesmo tipo de estimulação: pode ser o texto ou questões formuladas a partir do texto. Ao final, o expositor deve organizar um fechamento do assunto, avaliando as conclusões de cada grupo ou fazendo o trabalho de síntese de todo o assunto.

8.2. Pequenos grupos com tarefas diversas. Cada grupo recebe parte do texto ou questões do texto que foi repartido. Depois que cada grupo chegar a uma conclusão, o expositor deverá organizar a reunião de modo que cada grupo apresente a sua conclusão para todos os presentes, tomando-se o cuidado de corrigir o que está errado e discutir, em aberto, o motivo de tal correção.

8.3. Grupos de integração horizontal-vertical. Esta estratégia funciona em dois momentos. No primeiro, os elementos presentes na reunião de estudo serão divididos em pequenos grupos, cada qual com uma tarefa diferente, a partir do texto que foi dividido em partes. Dado o tempo para esta tarefa (responder as questões ou tirar conclusões do texto), novos grupos são organizados, de forma que cada novo grupo tenha um elemento de um dos grupos anteriores; assim, nos grupos do segundo momento, há um representante de cada grupo anterior. Estes representantes relatarão o que foi debatido em cada grupo do primeiro momento, explicarão a conclusão tirada, rediscutirão conclusão, complementando-a se for o caso. Aqui, os participantes acabam por ter uma visão global do assunto em pauta.

29 Programa para curso sobre família

1ª Fase

Amor – fonte de vida

Objetivos: analisar o amor como a base da vida, da criação e da evolução e a sua expressão no ser humano: a) energia vital; b) elo de crescimento espiritual; c) base de

equilíbrio pessoal e social.

Tópicos:

1. Sentimento divino;
2. Manifestação do amor — tipos;
3. Amor a dois — sexo — mútua sustentação;
4. Energia Sexual — sublimação;
5. LEU* — ângulo reto para a evolução.

BIBLIOGRAFIA:

1. Andréa dos Santos, J. •- Forças Sexuais da Alma. FEB.
2. André Luiz, (F.C.Xavier) -- Missionários da Luz. FEB, cap. 12 e 13,
3. André Luiz, (F.C.Xavier) --• Nosso Lar. FEB, cap. 20.
4. Herculano Pires, J. --• Pesquisa sobre o Amor. DICESP — cap.11

Namoro e noivado

Objetivos: evidenciar a necessidade do namoro não apenas para o conhecimento do(a) outro(a), para comparações e posterior escolha, mas também como satisfação da necessidade de auto-afirmação do(a) jovem; refletir sobre a conduta moral durante o namoro e a responsabilidade recíproca do par pra evitar comprometimentos de ordem espiritual; ressaltar a importância do período de noivado para um aprofundamento no relacionamento, visando a uma vida em comum; considerar a importância da maturidade física, psicológica na construção do novo lar; analisar o problema da discriminação social, cultural, financeira, racial, na escolha do parceiro, à luz do Espiritismo.

Tópicos:

1. Finalidade do namoro e do noivado;
2. Respeito e responsabilidade;
3. Planejamento do que será a vida em comum;
4. Maturidade física, psicológica e espiritual;
5. Discriminações;
6. Controle sexual.

BIBLIOGRAFIA:

1. André Luiz (F.C.Xavier) — Entre a Terra e o Céu. FEB. cap.33
2. André Luiz (F.C.Xavier) -- Nosso Lar. FEB. cap.20
3. André Luiz (F.C.Xavier) -- Vida e Sexo. FEB. cap.3
4. Emmanuel (F.C.Xaver) ~ Roteiro. FEB. cap. 10
5. Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. 17 — itens 7 e 8.
6. Kardec, A. O Livro dos Espíritos, p.291, 803 a 939.

Casamento I

Objetivos: despertar a conscientização quanto aos verdadeiros objetivos do casamento,

analisando as implicações reencarnatórias; conhecer a classificação de casamentos; analisar a problemática das cerimônias religiosas à luz do Espiritismo; esclarecer que as funções do homem e da mulher são complementares; demonstrar que o lar e as pessoas da família devem merecer maiores atenções do que a casa.

Tópicos: 1. Fins essenciais do casamento; 2. Programação reencarnatória; 3. Classificação de casamentos; 4. Cerimônias (casamento e batizado); 5. Deveres dos cônjuges (dividir responsabilidades); 6.

O lar é mais importante que a casa.

Casamento II

Objetivos: analisar a importância da capacidade de superar decepções; cultivar a compreensão, a tolerância como verdadeiros caminhos para um relacionamento maduro; assinalar a importância da afetividade num relacionamento a dois; ressaltar a importância das atividades de lazer na união da família; analisar o problema da viuvez e suas consequências.

Tópicos: 1. As relações sexuais no casamento e seu ajustamento entre os cônjuges; 2. Os cônjuges e o ciúme; 3. A afetividade entre os cônjuges; 4. Necessidade de diálogo; 5. O problema financeiro; 6. Harmonia no lar — ambiente doméstico e compromisso afetivo; 7. Lazer; 8. Viuvez.

Casamento III

Objetivos: analisar o problema das diferenças religiosas dentro do casamento; entender o casamento como algo que transcende a relação a dois, envolvendo também outras pessoas; salientar que este relacionamento pode influenciar sobremaneira a vida do casal; mostrar a importância da atitude cristã na manutenção da harmonia doméstica.

Tópicos: 1. O espírita e o cônjuge não espírita ou na família não espírita; 2. Os cônjuges e o relacionamento familiar (parentes próximos); 3. Outras pessoas no lar — heranças familiares.

BIBLIOGRAFIA:

1. Emmanuel (F.C.Xavier), *Nascer e Renascer*. GEEM.
2. Emmanuel (F.C.Xavier), *Vida e Sexo*. FEB.
3. Irmão X (F.C.Xavier), *Luz no Lar*. FEB.
4. «Joanna de Ângelis (D.P.Franco), *Estudos Espíritas*. FEB.
5. Kardec, A. — *O Livro dos Espíritos*.
6. Martins Peralva, «J. — *Estudando a Mediunidade* — FEB.
7. Régis, «J. — *Amor, Casamento e Família* — DICESP.

Reunião de Síntese de Fase

2.- Fase

Separação

Objetivos: Analisar as alterações afetivas, os desajustamentos, o tédio no lar, a infidelidade, como conseqüências de comportamentos atuais, de outras existências ou também por influências espirituais; analisar suas implicações materiais espirituais e como contorná-las.

Tópicos:

- 1. Alterações afetivas e desajustamentos familiares;*
- 2. Influências espirituais;*
- 3. Tédio no lar;*
- 4. Infidelidade e adultério;*
- 5. Causas atuais e anteriores da separação;*
- 6. Analisar a problemática do divórcio e suas conseqüências.*

BIBLIOGRAFIA:

- 1. Calligaris, R. À Vida em Família, IDE.*
- 2. Calligaris, R. O Sermão da Montanha, FEB.*
- 3. Emmanuel (F.C.Xavier) Encontro Marcado, FEB.*
- 4. Emmanuel (F.C.Xavier) Vida e Sexo, FEB.*
- 5. Kardec, A. Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB.*
- 6. Regis, J. Amor, Casamento & Família, DICESP.*
- 7. Sayão, A. L. Elucidações Evangélicas, FEB. 1990.*
- 8. Simonetti, R. Salvação Matrimonial. Reformador, 108: 230-2,*

Planejamento familiar

Objetivos: salientar o que é planejamento familiar e controle da natalidade; enfatizar a existência do planejamento familiar no mundo espiritual; enumerar os diferentes métodos anticoncepcionais, suas implicações materiais e espirituais.

Tópicos: 1. Planejamento familiar (parentela corporal e espiritual); 2. Controle da natalidade; 3. Métodos anticoncepcionais; 4. Anticoncepcionais e suas conseqüências; 5. Anticoncepção e moralidade.

BIBLIOGRAFIA:

- 1. Como Planejar a Família. SP, Fundação Victor Civita, 1987.*
- 2. Joanna de Angelis (D.P.Franco) Após a Tempestade, Salvador. Leal, capt. 50 — 62.*
- 3. Kardec, A. O Livro dos Espíritos. FEB.*
- 4. Silveira, A. Chico, de Francisco. CEU, p. 102.*
- 5. Suplicy, M. Conversando sobre Sexo. 11ª ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.*
- 6. Xavier, F.C. Chico Xavier em Goiânia. G2?£7l7.Xavier, F.*

Gestação e seus problemas

Objetivos: esclarecer como é a preparação da reencamação no plano espiritual; a influência do ambiente familiar no ser reencamante; esclarecer o problema das más formações congênitas sob a ótica espírita; analisar o problema da gravidez não desejada e suas conseqüências.

Tópicos: 1. O processo reencamatório do ponto de vista espírita; 2. Influência do ambiente familiar no reencamante; 3. Má formação; 4. Resgates; 5. Gravidez não desejada.

BIBLIOGRAFIA:

1. André Luiz (F.C.Xavier) *Missionários da Luz*, FEB, cap. 12, 13.
2. Joanna de Angelis (D.P.Franco) — *Temas da Vida e da Morte*, FEB, cap. 1,2,5.
3. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*, questão 132.

Aborto

Objetivos: conceituar o que é aborto e seus diferentes tipos; analisar as conseqüências sob o enfoque social, jurídico e espiritual.

Tópicos: 1. Conceito e classificação de aborto; 2. Conseqüência do aborto (social, jurídica e espiritual).

BIBLIOGRAFIA:

1. André Luiz (F.C.Xavier) *Ação e Reação*, FEB, cap. XV.
2. André Luiz (F.C.Xavier e W.Vieira) *Evolução em Dois Mundos*, FEB, cap. XIV.
3. André Luiz (F.C.Xavier) *No Mundo Maior*, FEB, cap. 10 e 11.
4. Emmanuel (F.C.Xavier) *Vida e Sexo*. FEB, cap.17.
5. Joanna de Angelis (D.P.Franco) *Após a Tempestade*. Salvador. Leal, cap. 10 e 12.
6. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.
7. *Revista Problemas Atuais — Aborto: causas e conseqüências sob a ótica médica, social, jurídica e espírita*. CE “Nosso Lar” — Casas André Luiz, fascículo ns 1, 1989.
8. Vienna, R. *Revista Fatos e Fotos — Aborto crime ou castigo?* novembro, 1984.

Filhos

Objetivos: analisar a problemática do filho primogênito, do filho do meio, do caçula, filho único, o menino, a menina, na constelação familiar; esclarecer, sob a ótica espírita, o problema da adoção, dos filhos ilegítimos, dos órfãos; analisar o problema dos filhos de pais separados e solteiros; entender o problema da excepcionalidade em relação ao espírito reencamante, sua aceitação pela família, tendo como base a ótica espírita.

Tópicos: 1. Constelação familiar: o primogênito, o filho “do meio”, o caçula, o filho único, o menino, a menina; 2. Filhos ilegítimos, adotivos, órfãos e filhos de pais separados e solteiros; 3. O excepcional e sua aceitação pela família; 4. Aspecto legal de legislação para

adoção de crianças no Brasil.

BIBLIOGRAFIA:

1. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*, p. 372
2. Kardec, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. cap.XIV, item 8.
3. ILG, Francês Lilian, 1902 *Psicologia Aplicada à Educação e Orientação Infantil* — Louise Bates Ames — tradução de Avdano Arruda. SP, **Ibrasa**, 1978, Biblioteca Psicológica e Ed. 93.
4. Lerner, Léa. *Criança também é Gente*. Rio **Bloch**, 1980, p.20, 21,53 e 62.
5. Miranda, H.C. *Nossos filhos são Espíritos*. Niterói, **Arte Cultura**, p. 55 a 60, 137 a 146 e 147 a 170.
6. Xavier, F.C. e Herculano Pires, J. *Na Era do Espírito*. São Bernardo do Campo, Grupo Espírita Emmanuel.

Reunião de Síntese de Fase

A reunião de síntese de fase é destinada para um resumo sobre os temas já abordados. Poderá ser realizada com dinâmica de grupo, estudo sobre vídeo ou seminário.

3.^a Fase

Relacionamento entre pais e filhos

Objetivos: ressaltar a exemplificação e o diálogo como fatores primordiais na educação dos filhos; diferenciar o papel do pai e da mãe na educação; identificar as dificuldades decorrentes da ausência da mãe que trabalha fora; detectar possíveis desajustes e não afinidade entre os pais e filhos, baseado em diferenças de personalidade e causas espirituais.

Tópicos: 1. A família como agência educadora por excelência; 2. A importância do diálogo exemplificação na educação dos filhos; 3. O papel do pai e da mãe na educação dos filhos; 4. Pais que trabalham fora de casa.

BIBLIOGRAFIA:

1. Amorim, D. e Miranda, H.C. — *O Espiritismo e os Problemas Humanos*. USE.
2. André Luiz (F.C.Xavier), *Entre a Terra e o Céu*. FEB, cap. 36.
3. André Luiz (F.C.Xavier), *Obreiros da Vida Eterna*. FEB, cap. xvii.
4. Bettelheim, B. *Uma Vida para seu Filho*.
5. Collins, S. *A Família Moderna*, cap. 05 e 23.
6. Emmanuel (F.C.Xavier), *50 Anos Depois*. FEB, cap. VI.
7. Emmanuel (F.C.Xavier), *O Consolador*. FEB, pg. 111.
8. Emmanuel (F.C.Xavier), *Pensamento e Vida*. FEB.
9. Emmanuel (F.C.Xavier), *Renúncia*. FEB, cap. 2 e 5.
10. Miranda, H. C., *Nossos Filhos são Espíritos*. Niterói, *Arte e Cultura*.
11. Neio Lucio (F.C.Xavier) *Alvorada Cristã*. FEB, cap. 19 e 46.
12. Kardec, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.
13. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*.
14. Vinícius, *O Mestre na Educação*. FEB.

Relacionamento familiar. Entre sogro (a) e genro e nora

Objetivos: mostrar que o entendimento, o respeito, a conciliação são fatores importantes no relacionamento familiar; considerar que grupos diversos reencamam para aprender, constituindo famílias.

Tópicos: 1. Diferentes personalidades no exercício no exercício da sociedade familiar; 2. Relacionamento entre: sogros, genros, noras, etc.

BIBLIOGRAFIA:

1. Calligaris, R., *A Vida em Família. IDE.*
2. Emmanuel e André Luiz (F.C.Xavier) *Estude e Viva. FEB, cap. "Na Seara Doméstica*.*
3. Mohama, I. *Ajustamento Conjugal.*

O idoso na família

Objetivo: esclarecer a família quanto às mudanças de ordem física, psicológica e social de envelhecer com vistas à aceitação do idoso na família e sua preparação para a passagem do plano físico para o espiritual.

Tópicos: 1. Modificações físicas e fisiológicas; 2. Mudanças psicológicas; 3. Mudanças de ordem social; 4. Comportamento patológico; 5. O idoso na família; 6. As possíveis soluções.

BIBLIOGRAFIA:

1. Brink, T.L. *Psicoterapia Geriátrica, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1983.*
2. Joanna de Ângelis (D.P.Franco) *Momentos de Consciência. Salvador, Leal, 1992.*
3. Kaufmann, T. *A idade de cada um — Vida Plena na Terceira Idade, Petrópolis, Ed. Vozes, 1985.*
4. Skinner, B. F. et alii. *Viva Bem a Velhice. São Paulo, Summus Ed., 1985.*

A criança I

Objetivo: analisar as características psicológicas da criança como fator importante no seu processo educativo.

Tópico: 1. Características psicológicos do período infantil.

A criança II

Objetivos: assinalar que a crianças é um espírito reencamante inserido num contexto social e material, com vistas à evolução espiritual; analisar a conduta dos pais e demais familiares perante o filho doente e com chegada de um novo filho.

Tópicos: 1. A criança em relação à TV, as leituras, cinema, brinquedos, etc.; 2. O supérfluo; 3. Nível e padrão de vida; 4. A criança frente a desencarnação de familiares; 5. O filho doente dentro do lar; 6. A espera do novo filho.

BIBLIOGRAFIA:

1. Foster, J. *Desenvolvendo a Responsabilidade na Criança*. S.Paulo, Ed. Fundo de Cultura, 1964.
2. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.
3. Piaget, J. *Psicologia dei Ninõ*. Ediciones Morata, 1975.
4. Rappaport C.R. *Teorias do Desenvolvimento*. S.Paulo, EPU.

Adolescência I

Objetivos: conceituar adolescência e resumir as características psicológicas deste período.

Tópicos: 1. Características psicológicas; 2. Importância espiritual desta fase.

Adolescência II

Objetivos: analisar o poder atrativo para os jovens de amizades fora do lar e o dever dos pais na orientação de tal relacionamento como medida profilática para se evitar futuros desapontamentos.

Tópicos:

1. Atitude dos pais perante o filho adolescente;
2. Relacionamento fora do lar;
3. Delin- quência infanto-juvenil;
4. Amigos dos Filhos;
- 5 Liberdade vigiada;
6. A fuga do lar.

BIBLIOGRAFIA:

1. Cardoso, O.B. *Problemas da Adolescência*. Ed. Melhoramentos.
2. Piaget, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio de Janeiro, Ed. Forense.

Reunião de Síntese de Fase

4.ª Fase

Disciplina e liberdade

Objetivo: esclarecer que a liberdade propõe disciplina e responsabilidade; mostrar que o inverso promove a anarquia e favorece a libertinagem; analisar o problema das mentiras infanto-juvenis; analisar a importância do diálogo com base para um bom relacionamento familiar.

Tópicos:

1. Conceito de liberdade segundo a Doutrina Espírita;
2. Liberdade com responsabilidade;
3. Disciplina e Formação de hábitos;
4. Limites para a liberdade;

5. Castigo e recompensa;
6. Mentiras infanto-juvenis;
7. Disciplina no lar e na sociedade;
8. Diálogo familiar — respeito às diferenças.

BIBLIOGRAFIA:

1. Kardec, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. FEB.
2. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.
3. Piaget, J. *Seis Estudos de Psicologia*. Rio, Ed. Forense.

Educação formal

Objetivos: esclarecer aos pais que a criança e o adolescente são personalidade em desenvolvimento, com direitos, deveres, sentimentos e necessidades vitais em cada uma de suas fases, dando-lhes liberdade com responsabilidade.

Tópicos: 1. A escolha da escola; 2. Respeito à vocação natural; 3. Participação na vida escolar do filho; 4. Transferência da responsabilidade de educar.

BIBLIOGRAFIA:

1. Fontoura, A.A. *Sociologia Educacional*. Ed. Aurora.
2. Foracchini, M. *Educação e Sociedade*. Ed. Nacional.
3. Herculano Pires, J. *Educação Espírita — Revista semestral de Educação e Pedagogia*. EDICEL.
4. Jersilde, A. *A Psicologia da Criança*.
5. Kardec, A. *Revista Espírita — Jornal de Estudos Psicológicos — EDICEL*.
6. Lourenço Filho — *Introdução ao Estudo da Escola Nova*. Ed. Melhoramentos.
7. Luzuriaga, L. *Pedagogia*. Ed. Nacional.

Educação social

Objetivos: considerar o homem como um eterno aprendiz em todas as situações; explanar algumas noções de individualismo e coletivismo; localizar a família na sociedade e relacionar as obrigações de uns para os outros; conceituar desigualdades sociais; oferecer subsídios para a educação do homem voltada para a sociedade, tendo por base a Doutrina Espírita.

. Tópicos:

1. Convívio Social;
2. Dispersão familiar na era industrial;
3. A família perante os problemas sociais;
4. A educação do sentimento social.

Educação religiosa

Objetivos: assinalar a família como educadora por excelência; mostrar a importância do Evangelho no Lar e a educação religiosa assessorada e complementada pelo Centro Espírita.

Tópicos: 1. Importância da infância para o Espírito; 2. O papel da família na educação religiosa dos filhos e sua participação no Centro Espírita; 3. O Evangelho no Lar.

BIBLIOGRAFIA:

1. Emmanuel (F.C.Xavier), *O Consolador*. FEB.
2. Fontoura, A. *Sociedade Educacional*. Ed. Aurora, SP.
3. Foracchi, M. e Pereira L *Educação e Sociedade*. Ed. Nacional, SP.
4. Herculano Pires, J. *A Educação Espírita — Revista de Educação e Pedagogia*. EDICEL.
5. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.
6. Luzuriaga, L. *Pedagogia*. Ed. Nacional.

Obsessão no lar

Objetivos: apresentar o lar como local de reencontro de espíritos, propiciando oportunidades de reajustes e aprendizagem; demonstrar que o entendimento, o respeito, a conciliação e o conhecimento espiritual são fatores indispensáveis para o êxito da convivência no lar.

— 239 —

AUTORES DIVERSOS

Tópicos: 1. A família material e espiritual; 2. Conflitos conjugais; 3. Crises na família; 4. Função educativa do lar.

BIBLIOGRAFIA:

1. Franco, D.P., Perri de Carvalho, A.C. e Perri Chefaly, L. *Em Louvor à Vida*. Salvador, *Livraria*

Alvorada Editora.

2. Kardec, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIV, item 8.
3. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*, perg. 459, 478 e 479.

Reunião de Síntese de Fase

5.ª Fase

Educação sexual

Objetivos: Abordar os princípios para a realização de uma educação sexual formal e; descrever as possíveis conseqüências perispirituais do abuso e distorções na prática do sexo; fazer um diagnóstico da situação atual relativa aos valores que a sociedade elegeu quanto à prática do sexo, entre os jovens.

Tópicos: 1. Princípios para uma educação sexual; 2. Implicações espirituais quanto à prática sexual; 3. A oportunidade para a relação sexual.

BIBLIOGRAFIA:

1. Emmanuel (F.C.Xavier) *Vida e Sexo*. FEB.
2. Joanna de Ângelis, (D.P.Franco) *Após a Tempestade Salva** dor, Livraria Alvorada Editora.
3. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.
4. Master W.H. e «Johnson, V.E. *A Conduta Sexual Humana*. EdL Civilização Brasileira.
5. Monteiro de Lima, D. *Comportamento Sexual do Brasileiro*. Ed. Francisco Alves.
6. Suplicy, M. *Conversando sobre Sexo*. 11s ed. Petrópolis, Ed. Vozes 1985.

Problemas do sexo

Objetivos: despertar para a importância da vida sexual equilibrada e para o entendimento dos problemas e desvios na esfera sexual, como referencial da reencarnação e a necessidade de manter o comando de forças significativas e elevadas.

Tópicos: 1. Importância da vida sexual equilibrada; 2. Desvios sexuais; 3. Homossexualismo; 4. Prostituição/promiscuidades.

BIBLIOGRAFIA:

1. André Luiz (F.C.Xavier) *Ação e Reação*. FEB, cap. XV.
2. André Luiz (F.C.Xavier) *Missionários da Luz*. FEB, cap. 13.
3. Emmanuel (F.C.Xavier) *Vida e Sexo*. FEB, cap. 21.
4. Miranda, M.P. (D.P.Franco) *Loucura e Obsessão*. FEB, cap. 5 e 6.

Doenças sexualmente transmissíveis

Objetivos: comentar as consequências (materiais e espirituais) do relacionamento sexual inoportuno e desprovido de hábitos higiênicos; e dar uma noção acerca do mecanismo de transmissão e manifestações das principais Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Tópicos:

1. Principais tipos de doenças sexual mente transmissíveis;
2. Implicações materiais e espirituais.

BIBLIOGRAFIA:

1. André Luiz (F.C.Xavier) *Nosso Lar*. FEB.
2. André Luiz (F.C.Xavier) *Missionários da Luz*. FEB, p.28 e 29.
3. Halbe, HIW. *Tratado de Ginecologia*. Vol. 1-p. 557 a 603.
4. Kardec, A. *O Livro dos Espíritos*. FEB.

Aids e profilaxia

Objetivos: enfatizar que a AIDS e demais doenças sexualmente transmissíveis não deve se prender apenas às orientações materiais, mas também levar em consideração as implicações espirituais; esclarecer quanto à doença em si e aos procedimentos que o Centro Espírita deve prestar ao freqüen- tador aidético e sua família.

Tópicos: 1. Causas, disseminações e profilaxia; 2. Predisposição para a enfermidade; 3. Procedimentos do Centro Espírita com relação ao aidético e sua família.

BIBLIOGRAFIA:

1. AIDS, 10 anos de Flagelo — Manchete — janeiro 1990. p.20 a 34.
2. AIDS, Quanto mais você conhece, mais pode evitar. S.P. maio — 1989.
3. AIDS. SP, Clã — Depart, da Goodyear do Brasil, maic^unho — 1988.
4. Andréa dos Santos, J. Forças Sexuais da Alma. FEB.
5. André Luiz (F.C.Xavier) Evolução em Dois Mundos. FEB.
6. Emmanuel, (F.C.Xavier) Jesus em Nós. GEEM.
7. Emmanuel (F.C.Xavier) Vida e Sexo. FEB.
8. Franco, D.P., Perri de Carvalho, A.C. e Perry Chefaly, U Em Louvor à Vida — Salvador, Livraria Alvorada Editora.
9. Joanna de Angelis (D.P.Franco). Convite da Vida. Salvador, Livraria Alvorada Editora.
10. Kardec, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo. FEB.
11. Kübler Ross, E. AIDS, o Desafio Final. São Paulo. EdL Best -seller.
12. Magro Filho, O. e Perri de Carvalho, A.C. AIDS e a Visão Espírita. Revista Internacional de Espiritismo.
- 13 Rosa, F. et alü. Síndrome de deficiência imunológica adquirida — estudo epidemiológico e comportamental em homens homo e bissexuais. Revista Inst. Odontol. Paulista, 3:29-36,1985, abril, 1987.

Toxicomanias I

Objetivos: apontar os malefícios (material e espiritual) decorrentes do uso de drogas (fumo, álcool e tóxicos em geral); mostrar as condições e formas de vida que conduzem a um rumo libertador; esclarecer quanto aos diferentes tipos de drogas usadas pelo homem.

Tópicos:

1. Vícios;
2. Tabagismo e seus problemas.

Toxicomanias II

Objetivos: já citados.

Tópicos:

1. Alcoolismo e suas conseqüências;
2. Tratamento.

Toxicomanias III

Objetivos: já citados.

Tópicos:

1. Tipos de drogas;
2. Tratamento;
3. Seqüelas materiais e espirituais.

BIBLIOGRAFIA GERAL:

1. André Luiz (F.C.Xavier) Entre a Terra e o Céu. FEB, cap. XII.
2. André Luiz (F.C.Xavier) Evolução em Dois Mundos. FEB.

3. As drogas e seus Efeitos — Conselho Brasileiro sobre Problemas de Alcoolismo e Toxicomanias (folheto).
4. Batuira (F.C.Xavier) Mais Luz. GEEM.
5. Dotti, R.A. Código Penal e Legislação Complementar.
6. Ferrarini, E. Tóxico e Alcoolismo.
7. Fonseca, A. G. Tóxicos — o que são, o que causam, como evitá- los. S.Paulo, Editora Santuário.
8. Irmão X (F.C.Xavier), Cartas e Crônicas. FEB.
9. Jorge, J. Antologia do Perispúdto. Rio de Janeiro, EcL C. E. Léon Denis.
10. Kardec, vA. O Livro dos Espíritos. FEB.
11. Primeiras Noções de Ensino Antialcólico. Bossiere Gaetier, tradução de A.A., cap. V, p. 1C/II.
12. Vinícius Em Tomo do Mestre .FEB. p.61/62.
13. Vinícius Nas Pegadas do Mestre. Rio de Janeiro, FEB.

30 Programas para seminários sobre família

*Trata-se de opção para programas
rápidas em finais de semana.*

Exemplos :

1. Tema: Namoro e noivado

Tópicos: finalidade, respeito e responsabilidade e planejamento do que será a vida a dois, discriminações e controle sexual.

Tema: Casamento

Tópicos: fins essenciais, deveres dos cônjuges (divisão de responsabilidades), o lar é mais importante que a casa, o ajustamento sexual do casal, o ciúme, a afetividade, necessidade de diálogo, o problema financeiro, diferenças religiosas, relacionamento com as outras pessoas da família.

Tema: Separação

Tópicos: Alterações afetivas, influências espirituais, tédio, infidelidade, o divórcio e suas consequências materiais e espirituais.

2. Tema: Planejamento Familiar

Tópicos: parentela corporal e espiritual, controle da natalidade, anticonceptivos e suas consequências materiais e espirituais.

Tema: Gestação e seus problemas

Tópicos: a reencamação do ponto de vista espírita, influência do ambiente familiar no

reencaman- te, má-formação, gravidez não desejada.

Tema: Aborto

Tópicos: conceito e classificação, consequências (espirituais, materiais e jurídicas).

3. Tema: Filhos

Tópicos: o primogênito, o filho “do meio”, o caçula, o filho único, o menino, a menina, filhos ilegítimos, adotivos, órfãos, filhos de pais separados e solteiros, o excepcional, adoção, importância do diálogo, diferença do papel do pai e da mãe na educação, mãe que trabalha fora, a TV, leituras, cinema, brinquedos, o supérfluo, o filho doente dentro do lar, a espera do novo filho, amizades fora do lar, disciplina e liberdade, liberdade vigiada, a fuga do lar, delinqüência infanto-juvenil, castigo e recompensa, chantagem/suborno, educação religiosa.

4. Tema: Educação sexual Tópicos: princípios, importância da vida sexual equilibrada, implicações espirituais quanto à prática sexual, desvios sexuais, homossexualismo, prostituição/promiscuidade.

Tema: AIDS e profilaxia

Tópicos: conceito, implicações materiais e espirituais, o Centro Espírita e o frequentador portador do vírus.

Tema: Toxicomania

Tópicos: Fumo, álcool e drogas — consequências materiais e espirituais.

Observações: Após a apresentação de cada tema, deve existir o espaço para diálogo com o(s) expositor(es).

Se possível, é preferível que se conte com mais de um expositor para cada Seminário, conforme sugestões já arroladas para se trabalhar com os temas e com as equipes.